

COLEÇÃO TEATRO
PEDRO ONOFRE DE ARAÚJO

1

HOMENS E FERAS
TERRA MALDITA
MUNDAÚ LAGOA ASSASSINADA

TEATRO



TEATRO

HOMENS E FERAS

TERRA MALDITA

MUNDAÚ LAGOA ASSASSINADA

Este livro foi editado e publicado pelo Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo – IECPS.

EDIÇÃO

Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo – IECPS

ORGANIZAÇÃO

Sergio Onofre Seixas de Araújo

DESIGN E CAPA

Gabriella Buarque Seixas de Araújo

REVISÃO

Mariluce Bento da Silva

ONOFRE, Pedro (Pedro Onofre de Araújo)

TEATRO – Homens e Feras, Terra Maldita, Mundaú, Lagoa Assassinada. / Pedro Onofre. - 2ª ed – Maceió: IECPS, 2023.
536 p.

I. Dramaturgia brasileira II. Teatro



IECPS

Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo

PEDRO ONOFRE

T E A T R O

HOMENS E FERAS

TERRA MALDITA

MUNDAÚ LAGOA ASSASSINADA

MACEIÓ, 1986



TEATRO



Pedro Onofre

TERRA MALDITA

HOMENS E FERAS

MUNDAÚ, LAGOA ASSASSINADA

Em memória de Pedro Onofre de Araújo

A Noaldo Dantas.

A Celi Loureiro.

A Todos Os Amigos.

Ao meu pai, Otávio Onofre;

A minha esposa Maria Cléa;

Aos meus filhos Fátima, Sérgio, Cristina,

Rita, Lúcia e Ricardo;

As netinhas Patrícia e Alessandra;

Ao meu irmão Paulo Onofre;

Aos sobrinhos André, Fábio e David.

ÍNDICE

A COLEÇÃO TEATRO DE PEDRO ONFRE	8
PEDRO, O GRANDE	13
O TEATRO POLÍTICO DE PEDRO ONOFRE	15
HOMENS E FERAS	31
PERSONAGENS.....	33
ATO ÚNICO.....	34
TERRA MALDITA	135
PERSONAGENS.....	138
PRIMEIRO ATO.....	139
SEGUNDO ATO	209
TERCEIRO ATO.....	272
MUNDAÚ, LAGOA ASSASSINADA	326
PERSONAGENS.....	329
PRIMEIRO ATO.....	330
SEGUNDO ATO	404
TERCEIRO ATO.....	467
SOBRE O AUTOR	532
OBRAS DO MESMO AUTOR	535

A COLEÇÃO TEATRO DE PEDRO ONOFRE

O Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo – IECPS, traz, em formato e-book com apoio cultural da Universidade Federal de Alagoas, a Coleção Teatro de Pedro Onofre. A iniciativa reedita os quatro primeiros volumes da Coleção, com um total de onze textos da extensa dramaturgia do autor que contabilizada um total de trinta textos para o Teatro.

A obra está organizada em quatro volumes:

- **TEATRO 01:** Homens e Feras - Terra Maldita – Mundaú: lagoa assassinada (1986, 546 páginas);

- **TEATRO 02:** Complexos – Vendaval no Paraíso - Lua de Sangue sobre o Vale (1997, 451 páginas);

- **TEATRO 03:** Suicídio – Tempestade em Céu Azul - Beco das Almas Perdidas (2000, 468 páginas);

- **TEATRO 04:** Bebgor – Nemesis (2015, 216 páginas).

Aos volumes reeditados, acrescentamos um inédito: **TEATRO 05**, que traz dois textos de comédia, escritos e encenados por Pedro Onofre.

“O Galo de Três Pernas”, texto que abre o quinto volume, foi encenado em 1993 e remontado em 2005, todas pelo Teatro Cultura do Nordeste – TCN, grupo criado pelo autor em 1958. O segundo texto da publicação, “E Na Lua Como Será”, foi encenado pela primeira vez em 1958, pelo Grupo de Amadores do SESC e depois remontado em 1988, 1997 e 2004, também pelo TCN. Em ambos, o autor se aventura por um gênero pouco conhecido de sua obra: a Comédia.

Falecido em 04/07/2018, Pedro Onofre de Araújo, nasceu em Maceió em 27/06/1936. Intelectual alagoano com mais de sessenta anos de vida dedicada à cultura e as artes, “é considerado um dos dramaturgos mais produtivos do Nordeste” (Gazeta de Alagoas, 07/02/1998, Serviço, p. B-7), com contribuição nas diferentes áreas e expressões artísticas de nossa terra.

Com passagem também pelo universo do rádio, é na antiga Rádio Difusora de Alagoas que Pedro Onofre vai associar o gosto pelo teatro com aquele vigoroso instrumento de comunicação, trabalhando entre 1950 e 1955, como rádio-ator

e, posteriormente, de 1957 a 1961, dirigindo o Rádio Teatro daquela emissora.

Sua ligação com o teatro inicia-se uma década antes, história que começou na cidade de Arapiraca no final da década de 1940 (O Jornal, 21/03/2004, p. B-3), ao longo de sua trajetória, seguiram-se quase duas dezenas de atuações como ator de teatro em peças como “O Idiota” de Dostoiévski (1957), “A Beata Maria do Egito” (1959) e, mais adiante, “Cabaré” de Karl Valentin (1986) e “A História de Noé” (1987).

Foram vinte e nove atuações como diretor de espetáculos teatrais, dentre os quais destacamos: “Terra Maldita” (2006, 1982, 1978 e 1963), e “Mundaú - lagoa assassinada” (1988), todos de sua autoria e republicados nessa coletânea. Somam-se ainda a sua vasta produção, inúmeras composições musicais, algumas delas inseridas como trilhas sonoras em seus filmes e peças.

“Homem de muitas letras”, a poesia pode representar um capítulo à parte na sua trajetória, alguns de seus versos foram publicados nas obras: “Turbilhão” (1964); “A canção do luar impossível” (1975); “I Coletânea de Poetas e Escritores Nordestinos”, uma publicação da Academia de Artes e Letras do Nordeste Brasileiro (Recife, 1978); “Poemas da minha terra”

(1981); “Calabar”, publicado na coletânea “Poesia e prosa do Nordeste” (1981) e “À sombras das Arapiracas” (1984). Além de poemas inseridos em seus textos para o teatro, a exemplo de “Mundaú lagoa assassinada” (Teatro 01, SECULT, 1987. p. 215-216), textos inseridos na presente obra que representam em si um registro de parte de sua trajetória intelectual e artística, sobre a qual seus prefaciadores de hoje e de ontem, melhor e com maior competência que este historiador, traduziram. Destaco a seguir três dessas passagens:

Nos meus 14 anos, aquele rapaz de terno escuro e gravata, toda manhã lá em casa, escrevendo peças de teatro, criando jornal junto com outro, fazendo revista (Conheci Pajuçara que só conseguiu ser o número 1), ensaiando teatro, cantando seresta com voz de tenor, planejando construir, transformar, poetar, fazer política, amar, viver, sem nenhum emprego fixo – era um fenômeno!!! [...] Logo, ao longo dos anos, me aparecia como aquilo que Jorge de Lima já havia versegado, falando sobre os jovens de outra geração, “O mundo dos meninos impossíveis!!!” E era um mundo populoso para o limitado universo de uma adolescente mulher, no Nordeste da década de 50” (Luitgarde Oliveira Cavalcanti - Teatro 01, 1987).

O professor, ator e dramaturgo Ronaldo de Andrade assim escreveu:

O dramaturgo Pedro Onofre se confunde com o romancista, o poeta, o cineasta, o diretor de teatro, o ator, o empreendedor cultural e com o homem mergulhado em luta por conquista de justiça social. Em todos estes meandros de sua criação artística, são

vislumbradas a obstinada crença em melhores dias e a fé na capacidade humana responsável pela realização dos ideais.

Por fim Cely Loureiro registra no prefácio do primeiro volume:

Uma obra importante, elaborada, construída não apenas com as mãos e a inteligência, mas com a sensibilidade, com arte de amar a arte.

TEATRO – é obra de uma vida. Sem dissimulação e sem disfarces. Pura. Clara. Com limpidez e a luminosidade dos espelhos. Como gotas de chuva que descem e reverdecem os jardins e os campos. TEATRO reverdecerá a esperanças, talentos lactentes, abrindo todas as chaves invisíveis que ainda detém, lá dentro, o artista carente de ressurreição.

Vivemos bem melhor quando nos doamos aos outros. Este livro é uma doação. E Pedro Onofre permanecerá entre os tantos que deixaram atrás de si seu amor pela humanidade. Pela beleza, pela arte (Cely Loureiro - Teatro 01, 1987).

Sérgio Onofre

Filho, professor, historiador, gestor e produtor cultural

(Adaptado do artigo publicado em O Jornal de 27 de março de 2010)

PEDRO, O GRANDE

Noaldo Dantas

Já conheci muita gente inteligente e talentosa. Igual a Pedro Onofre, ninguém. Simplesmente ele é inimitável. A sua cabeça é um universo. Teatrólogo dos melhores, ator, poeta, planejador, autor do Plano Estadual de Cultura de Alagoas, considerado pelo ex-ministro Aluísio Pimenta como o melhor do País.

Se tivesse de destacar uma de suas extraordinárias qualidades, apontaria a humildade como traço predominante de sua fascinante personalidade.

Ele é tudo isso e não demonstra ser. O Pedro é um oceano e comporta-se existencialmente como um riacho. Um córrego de águas cristalinas como o seu próprio caráter.

Cento e vinte quilos de sabedoria e um coração de criança.

Vê-lo tocar violão no deflorar das madrugadas ou empolgado com um projeto cultural, vê-lo pai carinhoso, esposo apaixonado, amigo das horas agoniadas, vê-lo assim múltiplo e

ao mesmo tempo impecavelmente fiel a si mesmo, é acreditar na consciência universal do Homem e na sabedoria de Deus.

O TEATRO POLÍTICO DE PEDRO ONOFRE

Há vinte e três anos fora de minha terra e de minha gente, chega-me uma voz da adolescência, uma amizade de trinta anos de proximidade e distâncias física, de ininterrupta confiança e saudade, e me determina uma tarefa – Pedro Onofre sentenciar que eu devo prefaciá-la sua primeira coletânea de peças teatrais! Esperneeiei, me intimidei, fiz até chantagem sentimental parodiando São João Batista, dizendo: “Não sou digna de atar as alpercatas daquele que veio antes de mim”! E ele irredutível: *Quero que você escreva o prefácio!* E o Pedro Teixeira de lado, atijando e exigindo: Mulher, cumpre tua obrigação e obedece aos teus irmãos! Na verdade, depois de tantos anos de submissão ao mando, quem pode fugir às ordens? Afinal de contas, a influência que aquela irmandade boêmia exerceu em mim, dos 14 aos 21 anos, foi muito maior do que os sete anos de trabalho de Jacó para ganhar Raquel!

Nos meus 14 anos, aquele rapaz de terno escuro e gravata, toda manhã lá em casa, escrevendo peças de teatro, criando jornal junto com outro, fazendo revista (conheci

Pajuçara que só conseguiu ser o número 1), ensaiando teatro, cantando seresta com voz de tenor, planejando construir, transformar, poetar, fazer política, amar, viver, sem nenhum emprego fixo – era um fenômeno!!! Tudo que havia aprendido sobre segurança financeira, sentido prático da vida, balançava. E na minha casa onde já havia outro sonhador dos mesmos sonhos – o Emmanoel – obrigado a ser bancário, deixava de me espantar com aquele estranho modo de viver. Logo, ao longo dos anos, me aparecia como aquilo que Jorge de Lima já havia versegado, falando sobre os jovens de outra geração, “O mundo dos meninos impossíveis!!!” E era um mundo populoso para o limitado universo de uma adolescente mulher, no Nordeste da década de 50. Eram muitos rapazes e algumas moças, todos estudantes – que se juntaram a Emmanoel e Pedro Onofre, nos debates intelectuais que se estendiam por horas, cada um mais entusiasmado: Pedro Teixeira, Emmanoel Fay, Cléa Seixas, Gilson Medeiros, Leda, mais tarde Isnar Gato. O grupo que se reunia nos bares com Sóstenes Jambo, Jucá Santos e tantos que já se apagam na lembrança. Tudo era pretexto para se fazer leitura de peças de teatro moderno, discutir Ionesco, Eugene O’Neil, os autores russos (lembro bem da leitura representada de “O Idiota”, de Dostoievski). Mas o melhor mesmo eram as sessões de poesia: Pedro Onofre – “Judas, atormentado e aflito,

enforcou-se!"; Pedro Teixeira – “O inverno chegou, Zefa” – Fay – “Pai, não corte essa árvore pai, ela tem a minha alma”. Esses eram os indefectíveis. O Emmanoel variava de Jorge de Lima e Ascenso Ferreira. Assisti em casa as peças como “Rosa tatuada”, “Tartufo”, “Longa Jornada Noite a Dentro” e tantas outras, cujo os intervalos eram preenchidos pelas discussões em torno de dona Linda Mascarenhas – a geração viveu, através da ATA, das discussões sobre a criação do TCN (Teatro de Cultura do Nordeste), da análise das atuações de Dr. Romildo Raliday e Teresa Teles (Canção Dentro do Pão), de discussões sobre Pirandello, Rostand, Checov, Tennessee Williams, Manoel Bandeira, Frederico Garcia Lorca e Graciliano Ramos, uma das mais ricas e fecundas experiências intelectuais que podem ser dadas aos jovens. Como se fala na linguagem simples, no calcanhar deles, através e por causa desse grupo, vivi, de maneira antecipada, os choques das descobertas intelectuais e políticas, os meandros das disputas artísticas, os bastidores da vida intelectual da província, as tentativas de grupos que procuravam um espaço próprio de ação cultural como a fundação da Academia Maceioense de Letras.

A década de 60 é o marco divisório, o degrau que deu acesso ao pódio ou ao picadeiro, à glória das vitórias ou ao limbo da derrota, às alegrias do “Pra frente Brasil” ou à tristeza

insuperável da tragédia da morte e da tortura, para esta e outras gerações como a minha e dos jovens que acompanhei nesses anos todos no exílio do Sul Maravilha. Nenhum de nós jamais encetará a longa caminhada em busca de tempo perdido. Como na poesia de Jorge de Lima, muitos querem chorar e tiveram seus olhos arrancados; outros perderam as pernas – e como caminhar? Outros tantos, como aconteceu ao poeta – o menestrel Geraldo Vandr , a tortura, o desengano, o abismo diante dos horrores vividos, vistos, ouvidos e sabidos, tragou-os, ainda vivos, para “O do vai não torna”. Nós os que ficamos, anunciamo-nos ansiosamente uns aos outros, procurando, olhando, querendo saber por onde andamos, o que fizemos o que deixaram que fizéssemos de nós mesmos, o que queremos. O que foi feito de nossos sonhos? Onde guardaram nossa fé nos homens? Onde esconderam os ecos das vozes queridas quando fecharam os lábios de jovens e velhos que tanto amamos e admiramos?

Quando Pedro Onofre respondeu presente, quando nos vimos em Maceió com risos de rugas, histórias de tantos caminhos caminhados, cabelos brancos, felizes com o sol como só aqueles que viveram na longa noite são capazes de s -lo, sua primeira notícia foi: “Estou ensaiando uma nova peça para comemorar os 25 anos do TCN”! Tanta tristeza foi jogada fora,

tanta amargura se derreteu diante daquela força de fé ingênua, que só me restou pedir o relatório de sua vida – seis filhos criados, netos, caçado, desempregado, mil atividades, várias peças escritas, um filme realizado, várias trocas de moradias num longo caminhar – anistiado, empregado e desenvolvendo um Museu da Imagem e do Som, perspectivas de publicação de peças - de novo em Maceió. Meses depois, planejamento na Secretaria de Cultura, Cléa novamente atriz (a Sra. Carrar), Pedro Onofre outra vez diretor, cursos de pós-graduação, uma coletânea de peças teatrais no prelo, uma tarefa pra mim.

E aí está o prefácio! Não é um absurdo o leitor estar perdendo tempo com isso quando já podia estar lendo Pedro Onofre? Não seria melhor que isto tivesse sido posfácio?

De empurrão em empurrão, de resistência em resistência, de tentativa em tentativa hoje vejo como socióloga, acredito como antropóloga, desejo e marcho como mulher, luto como cidadã, escrevo como a literata que nunca chegarei a ser, agradeço a indicação de prefaciadora como a amiga que só consigo ser, declaro minha incompetência para crítica literária e teatral, como o ser honesto que sempre quero ser.

Desejo esclarecer que, mesmo abominando o dialeto, a metalinguagem com que nos expressamos no miniuniverso

acadêmico, não resisti a fazer, através de um passeio na máquina do tempo pelo passado que, possibilitou, determinou e orientou os caminhos da construção intelectual do autor. Em outras palavras, tentei fazer a epistemologia do conhecimento, apresentar os elementos teóricos, artísticos, sociais e materiais subjacentes à obra de Pedro Onofre. Para tanto, contextualizei historicamente a elaboração do etos literário em que se inscrevem as obras que ora analiso. Para complementar uma visualização mais ampla, para esclarecimento das novas gerações, lembro que, por mais literários que fossem os encontros de estudantes daquelas décadas do pós-guerra, nunca se encerrou um “sarau” sem que, da forma mais apaixonada, com a maior riqueza de elementos atuais possível, se discutissem os problemas políticos, sociais e econômicos do mundo mais imediato e mais remoto. A criação do Estado de Israel, revolução chinesa, Sierra Maestra, Vietnã, Impeachment contra Muniz Falcão, ligas camponesas, morte de Getúlio Vargas, campanha de Juscelino, Jânio e Lott, a luta pelo petróleo, as greves em Maceió, a chegada do homem à lua, a dessalinização, o espírito opositor da “Poeira de ouro” (quem se lembra dessa expressão?); as disputas entre os poderosos, a violência em Alagoas. Estranho seria que o autor em questão tivesse escrito

sobre os problemas existenciais de um executivo que sonha com a presidência da I.B.M.

As matrizes culturais, argamassa da construção dos universos das três peças, os personagens agentes das histórias, os tipos literários os ambientes, o clima de cada cena, as temáticas desdobradas nessas obras são produtos de uma vivência vítima com esses dramas, de uma identificação intelectual e oral com a trama que se tece nos teares da história de homens e mulheres das baixas camadas (econômica e socialmente assim consideradas do Nordeste).

O recorte ecológico da peça “Mundaú, Lagoa Assassinada”, pela própria função do antropólogo – de conhecimento, preservação e defesa ambiental e das autoridades culturais, elege-a dá-lhe prioridade em relação às outras duas. Desde “Canais e Lagoas” (Otávio Brandão), “Calunga” e “Maleita” (Jorge de Lima) a Lagoa me fascinou. Uma voz recôndita e negada sussurrava de muito longe, num misto de dor e saudade, a descrição dos caminhos para Marechal Deodoro – Massagueira, Taperaçuá. Os mangues escuros, as canoas que chegavam na levada; o bagre do Pilar! Coqueiro Seco, Santa Luzia do Norte – caminhos por onde nunca andei, lugares onde nunca pisei! E a lagoa misteriosa, as ilhas vistas de

longe. Um dia, com a afoiteza ganha em terras tão distantes, aluguei um barco e encetei a viagem para Marechal Deodoro. Nos ouvidos, o barulho dos remos, no vento aquela voz me mostrando os caminhos de outra infância, de outra vida; nos olhos, como disse o poeta, “Meu maior alumbramento”! A peça de Pedro Onofre preenche um vazio, suprime um hiato na literatura alagoana, explicita a importância do papel da lagoa para camadas significativas da população de nosso Estado. Temáticas da maior relevância para os estudos antropológicos, são problematizadas no decorrer dos três atos. O significado e as consequências do êxodo de pequenas cidades para as capitais, a falta de moradias advinha da urbanização sem planejamento, o grande debate que se trava nas ciências sociais sobre as implicações do progresso, os efeitos da modernização de Maceió, são temas que, pedagogicamente conduzem o leitor à reflexão. Escrita num período de crise, de falta de sururu na lagoa, a exemplo de tantos antropólogos que escreveram sobre tribos em extinção, a peça se torna escatológica, no sentido de que, por sua mensagem finalista, acena para a possibilidade do fim do mundo em questão, no caso o mundo dos pescadores, das populações ribeirinhas. Felizmente, pelo inintencional que permeia a história da sociedade humana, elemento dialético de tensão nas intencionalidades dos homens, o sururu voltou,

estando outra vez às populações mais pobres alimentadas, pelo rico alimento, talvez até com forças para continuar a discussão sobre os poluentes da lagoa. Não poderia deixar de comentar, mesmo que numa apreciação ligeira, o tema levantado e, a meu ver, resolvido de forma um tanto ou quanto apressada, qual seja o problema do adultério na sociedade alagoana. A partir do momento em que o jornalista politizado entra na vida daquela comunidade de pescadores, ele passa a combater o que considera preconceitos burgueses, a discriminação de mulheres de vida livre. Muito facilmente, Antônio Belo, traído, ingressa na luta política, e, parece, bastou isso para que ele perdoasse imediatamente Sebastiana, a esposa adúltera. Mas, como o autor resolve o problema cultural ancestralmente transmitido da “Vingança contra os dois traidores”. A solução se dá muito rapidamente. Matando Antônio Belo, Coló, o “Mau caráter”, o “Desrespeitador dos lares alheios”, se completa e até se supera na constituição do modelo cultural do “Mau”, do sujeito que corneia o “Homem de bem”, figura em que o morto se transforma – pela participação política. Por uma certa perspectiva antropológica se colocaria nessa relação, claramente, que a morte foi um bem para Antônio Belo, por dois motivos: Foi guinado, saindo da escória social, à dignidade de cidadão consciente – o herói, e dentro da tradição alagoana de

execração do corno, ele se livrou do inferno que teria que enfrentar, desmoralizado entre seus pares, se ficasse vivendo com Sebastiana. Coló, o bandido, assassino, corneador, policial corrupto, é executado. Sebastiana carregará seu remorso com a pena perpetua por ter infringido o código da lealdade. Finalmente, Pedro Onofre! – A mensagem consegue negar ou reafirmar a tradição da vingança de sangue?

“Terra Maldita” trata, com uma riqueza de tipos culturais impressionante, o secular problema da posse, uso e transmissão da terra no Brasil. Num registro quase etnográfico, desfilam para o leitor os tipos mais representativos da cultura agrária brasileira: o pequeno agricultor acuado pelo latifúndio, o curador de cobra, a virgem ingênua que se sacrifica pela família, o velho cangaceiro fora das armas - pagando os pecados, pegando-se com o Padre Cícero. As características das lutas contra a grilagem de terras estão aqui muito bem estruturadas: a corrupção policial, absentéismo das leis com a consequente impunidade dos poderosos; a luta pela água. Costumes são bem descritos como: rituais de enterro, relações de parentesco, amizade e compadrio. Novamente se problematiza o tema da importância da virgindade nas relações familiares e nos confrontos entre classes. Fenômenos tratados por tantos autores, a peça não perde nada em originalidade, revelando, no

escritor Pedro Onofre, preocupação com o real, mesmo quando a construção do imaginário se impõe.

Vale ressaltar o significado de recusa à proibição e à morte criativa, demonstrado pelo autor, que se recusa ao imobilismo intelectual, visado pelo sistema político-militar. A peça foi proibida em 1965.

Mais difícil de ser comentada é a sequência, num ato único, que constitui a peça “Homens e Feras”. Colocando em discussão um dos fatores mais mobilizadores de nossa história, arrastando o leitor e o expectador a conflitos de ordem moral, política e existencial, a peça funciona quase como um soco no estômago. Necessário é que se faça o registro honesto, preciso e cru dos níveis de angústia, covardia, altruísmo, corrupção, generosidade e perversão atingidos na época do terror. Nessa perspectiva, mesmo com risco de provocar a discussão de fatos que tanto afligiram e determinaram para muitos a irreversibilidade do mal – pelas sequelas emocionais, sociais e econômicas, a peça cumpre a função social de registro e reconstituição da história de uma época que escurece a cada novo relato. O papel de obras como essa é contribuir para a formação de uma consciência histórica, para a reflexão sobre diferentes vieses teóricos que, fora da mesa do debate, foram

decididos à margem da ética, do diálogo, do compromisso humano com a vida. Enfim, quando as armas de defesa de um povo se voltam contra ele próprio, ultrapassam-se todos os limites, passa-se a viver na limiaridade do social, da caça aos animais para a sobrevivência humana à caça de homens para a sobrevivência de sistemas. A cultura perde o caráter de preservadora da espécie, passando o homem a ser destruído para que determinadas camadas sociais sejam mais ricas. Antropológica e sociologicamente falando, o ambiente de medo, traição, crimes, delação iniquidade de todos os matizes (do sadismo ao tóxico) se aguçou e exteriorizou em tantos (torturadores, sabotadores, alcaguetes, omissos), que ao mesmo tempo fortaleceu no conjunto mais amplo da sociedade a consciência da incompatibilidade do humano com a violência de qualquer setor da população. Os aparelhos repressores do Estado exorbitaram a função preservadora da regra, da ordem social, (nem discuto a determinação da classe em nome da qual funcionam) consequência desse extravasamento, a organização social fraturou-se, o Estado se armou cada vez mais tentando superar o descrédito progressivo, perante o cidadão. De guardião da ordem, o Estado se transformou em condutor do desrespeito à lei e aos costumes do povo brasileiro. Todos os princípios foram abastardados pela cobiça do dinheiro e a

satisfação dos impulsos mais bestiais do homem. Gramsci escreveu, no início de seu longo calvário nas prisões de Mussolini, que sob condições especiais se exacerbaram no homem as tendências mais execráveis. E, segundo ele, nas prisões se assiste ao nível mais baixo da condição humana. Prisioneiros da ganância, do fanatismo, libertos de qualquer regulamento social sobre sexo, vida e humanidade, muitos funcionários do Estado se atiraram sobre seus prisioneiros – filhos da derrota de uma estratégia política. Foi uma tentativa possessa de lhes arrancar não só a vida física, mas arrebatá-lhe todas as características humanas de coragem, dignidade, crença em suas próprias ideias, a identidade com os companheiros, a lealdade, a fé e o auto respeito. Muitos foram vitoriosos, eliminaram tantos, levaram outros tantos ao suicídio por não acharem mais lugar entre os homens, que eles próprios perderam a identidade com as espécies à qual biologicamente pertencem e não encontram espaço classificatório entre as feras que, pela primeira lei de sobrevivência, nunca são predatórias. A nebulosidade, a ausência de clareza entre certo e errado, justo e injusto, legítimo e ilegítimo acabam por recobrir e traçar o perfil do social – ambíguo, incerto, enganador e ameaçador. A escalada da violência em todos os níveis nunca atingiu pontos tão elevados. Como registra a peça, o amor foi usado como elo

frágil da corrente humana, a porta por onde se infiltraram tantos agentes de repressão. Mas, com a obrigatoriedade de fazer uma história sem omissões de fatos, devo lembrar que na guerra suja do Cone Sul, esse aviltamento da amizade teve contrapartidas em alguns dos segmentos armados em confronto com o Estado. Não posso deixar no esquecimento que na Argentina uma guerrilheira se fez a melhor amiga de uma colega de escola para poder penetrar em confiança no seio da família e aí colocar, como conseguiu, uma bomba sob a cama do militar torturador pai da “amiga”. Devo lembrar também que, mesmo talvez não sendo a intenção do autor, todas as histórias de vida onde os agentes explodiram aparelhos e grupos de guerrilhas, foram mulheres que, apaixonadas foram usadas como pontes por onde elementos da repressão chegaram às organizações de esquerda. Penso muito em todas as culpas que a mulher carrega de Eva por ter sido ingenuamente manipulada pela serpente, arrastando no seu opróbio o “pobre Adão” que, por ser visto a priori como onisciente, forte às tentações, não chegou sequer a ser sondado pela sedutora – também ela fêmea, portadora do mal e da destruição. Como se perdeu o paraíso por causa de Eva, na peça, os personagens náufragos da vida perdem o trem da liberdade e da salvação porque Elza (como lembra Eva) já trazia dentro de si, no duplo sentido, a semente do mal. Simbolicamente o

mensageiro da destruição se chama Clóvis. Na cultura brasileira os Clóvis são os personagens de faz de conta que no carnaval compõem os blocos sujos. Clóvis é por tanto indefinido, um ser sujo. Embora não seja o enredo da peça, gostaria de ler também uma daquelas terríveis histórias de mulheres que, no interior das organizações, conheceram homens, apresentados por amigos até de infância, como pessoas confiáveis, envolveram-se e se destroçaram nos embates armados, na tortura e na fragmentação emocional ao constatarem a ingenuidade de companheiros de organização no ato de cooptarem elementos para a luta. E desde Dalila, passando por Mata Hari, quantos homens imolaram, por credulidade, todo o seu povo em troca dos favores amorosos de agentes infiltradas?

Mas tudo isso são questionamentos, frutos da reflexão (vício de ofício) de antropóloga. O importante é que as dificuldades econômicas, políticas e existenciais impostas ao autor não calaram a voz da denúncia, a criação artística. É esse o ofício do escritor – bendito ofício!! Obrigada Pedro Onofre – por ousar!

Uma última consideração à qual não posso me furtar. Em “Terra aldrada” Pedro Onofre escreve uma longa introdução onde analisa a realidade brasileira recorrendo ao marco teórico da

dualidade estrutural como vetor explicativo para a tecitura social-palco, cenário e motor da história da família de José Pedro. Milhares de páginas, litros de tinta já foram gastos para provar a fragilidade dos argumentos de defesa das “sobrevivências” (termo muito ao gosto do evolucionismo de Morgan e Marx) de feudalismo no Brasil. Como isto não é um debate sociológico sobre conceitos teóricos, inscrevo minha anuência em prefaciá-las obras cujo referencial teórico não se coaduna com minhas próprias opções intelectuais, no livro de assinatura obrigatória de que devemos preservar a pluralidade de pensamento, defendendo inclusive o direito de pronunciamento de ideias contrárias às nossas. Para o enriquecimento do patrimônio cultural de um povo faz-se necessário que as divergências se explicitem, sejam debatidas, constituam-se na peça teatral inacabada onde ninguém é mero expectador, mas assumimos todos o enredo da história do homem, como agentes de atuação limitada pelo possível histórico de cada um.

Rio, 05 de Abril de 1986

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros - Doutora em Sociologia (USP)
Professora de Antropologia – Universidade Federal do Rio de Janeiro
e Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

PEDRO ONOFRE DE ARAÚJO

HOMENS E FERAS

ATO ÚNICO

HOMENS E FERAS

Alguém poderia dizer que eu não deveria apresentar com tanta crueza, os fatos aqui narrados, visto que se trata de peça de teatro. Considero o Teatro uma tribuna, a síntese da consciência crítica de uma nação, onde são expostas e julgadas as mazelas da sociedade. O autor de teatro tem o compromisso histórico de ser intérprete dessa consciência crítica.

HOMENS E FERAS é uma advertência: o fascismo continua vivo e poderoso nos nossos tempos e ninguém pode assegurar que não tente, mais uma vez, tiranizar o povo brasileiro. Por isso a verdade deve ser mostrada, sempre que possível, sem panos mornos, sem tons de aquarela, para que o povo tenha real e verdadeira noção da pestilência que por duas décadas se abateu sobre nós e se conscientize de que a liberdade é um bem que deve ser preservado a qualquer preço.

PEDRO ONOFRE

PERSONAGENS

DOCA MARTINS – Líder sindical;

DORA – Esposa de Doca Martins;

TITO – Universitário;

ELZA – Universitária;

CECÍLIA- Universitária (paralítica);

CLÓVIS (Ou Capitão Olímpio) – Agente do SNI.

Prisioneiros políticos na sala de tortura;

Rubem – O torturador.

ATO ÚNICO

A estória se passa no porão de uma casa antiga, dessas do começo do século, que vão sendo imoladas pela febre do mercado imobiliário. É domingo: no dia seguinte, segunda feira, homens e máquinas virão reduzir a escombros aquele belo espécime do barroco nacional. O porão, único lugar da casa que é mostrado na cena, nada revela do prédio, face o abandono em que se encontra e o amontoado de trastes e cacarésus que obstrui o espaço útil daquele compartimento: fragmentos da história de mais um exemplar dessa empobrecida mediocracia que teima em sobreviver nesses tempos difíceis. A parte visível do porão limita-se, ao fundo, com a face posterior da parede frontal do edifício. Metro e meio acima do piso do porão veem-se, nessa parede, duas aberturas em paralelogramo, guarnecidas por barras de ferro e janelas basculantes. Do lado de fora, tais janelas ficam ao rés-do-chão, quase ao nível da calçada. Por elas, tem-se a visão do jardim, à frente, bem como, da rua, em plano mais afastado. Através dessas aberturas passa o ar que circula no porão. À esquerda da cena, a parede lateral vai inteiriça ao teto. No meio dela, há uma porta que se mantém fechada e que se comunica com o exterior. A parede da direita é um arco de pedras harmonicamente superpostas, obturado pelos entulhos.

O palco está deserto. A cortina se abre. Segundos depois, pela porta da esquerda, aparecem Doca Martins e Dora. O homem caminha à frente da mulher. Traz, em poder dele, uma pequena maleta. A mulher conduz uma bolsa e um embrulho. Doca Martins para no meio da cena e examina o ambiente. Dora permanece estática, à frente da porta. O homem vira-se e fala.

DOCA MARTINS

Venha. Está tudo em ordem.

DORA

É este o lugar?

DOCA MARTINS

(CARINHOSO) Não tenha receio!

DORA

É tão sombrio isto aqui! Parece que estamos retornando às catacumbas de Roma!

DOCA MARTINS

Pensando bem, não há muita diferença!

DORA

Está com medo?

DOCA MARTINS

Não há razão para isso! Foi tudo bem planejado: hoje mesmo, ao anoitecer, estaremos em segurança.

DORA

E os nossos filhos, noras e netos?... Nossos irmãos e parentes?... Saímos, assim, sem avisar a nenhum deles...

DOCA MARTINS

Era necessário. A segurança de todos exigia esse sacrifício...! Logo daremos notícias!

DORA

Você sabe o que faz!

DOCA MARTINS

(ARRASTANDO UMA CADEIRA VELHA JOGADA NO PORÃO) Sente-se um pouco! O dia vai ser muito longo!

DORA

Quando eu era jovem, sonhava viajar, conhecer outros países! (SENTA-SE) Casei-me, vieram os filhos, os netos... E envelheci. (SORRISO AMARGO) Não esperava que, um dia, realizasse, dessa forma, aquele sonho!

DOCA MARTINS

(TOMA-LHE A BOLSA E O PACOTE, GUADANDO-OS SOBRE A MALETA QUE COLOCARA A UM CANTO DA PAREDE). Parece irônico, não é?

DORA

(SORRI) Sem dúvida!

DOCA MARTINS

É uma mulher notável, Dora! Não sei o que seria de mim, se não fosse você!...

DORA

O que é isso, agora? Uma declaração? Nunca foi muito sentimental!

DOCA MARTINS

(SORRI) É o que pensa! Tenho, também, os meus momentos de fraqueza.

DORA

(MUDANDO DE ASSUNTO) Creio que chegamos cedo. Pelo visto, somos os primeiros!

DOCA MARTINS

Os demais não tardam a vir! (DOCA DESCOBRE, NUM CANTO DO PORÃO, UM CAIXOTE, ARRASTA-O PARA JUNTO DA MULHER E NELE SENTA-SE).

DORA

Não entendo porque devemos nos reunir neste lugar! Creio que seria dispensável! Se o nosso objetivo é buscar asilo político, porque ao invés de irmos para cá, não seguimos direto para o consulado?

DOCA MARTINS

Não entende, Dora! Hoje é domingo! O Consulado não abre aos domingos!

DORA

(DE UM JATO) E por que estamos aqui?

DOCA MARTINS

Desculpe-me por não lhe ter explicado os detalhes! Não podíamos perder tempo! Tranquelize-se! Clóvis planejou tudo muito bem! Ele mesmo entendeu-se com as autoridades consulares e conseguiu a abertura dos portões hoje às dezoito horas, para que pudéssemos ser acolhidos! Dez minutos depois, serão fechados! Esse é o tempo de que dispomos para a conquista da liberdade!

DORA

Dez minutos apenas?

DOCA MARTINS

Seria um desastre, se nos atrasássemos! Mas não existe esse perigo! Minutos antes, Clóvis passará de carro para nos apanhar! Ficaremos circulando pelas proximidades até o momento exato. Às dezoito horas, o carro estacionará à frente do Consulado e todos entramos. Ali, estaremos a salvo! Somos apenas cinco pessoas. Entende agora porque precisamos estar reunidos, não é?

DORA

Desculpe se lhe pareço curiosa demais, cheia de dúvidas! Tudo isso é uma experiência nova para mim! Mas, me diga por que não poderíamos ir amanhã, cada um por si, durante o expediente normal?

DOCA MARTINS

Seria tarde demais! Amanhã os Consulados estarão sendo observados pela polícia! Hoje, ao contrário, ninguém desconfiará de nada!

DORA

Está bem! Não lhe farei mais perguntas!

DOCA MARTINS

Quantas quiser, querida! Você tem todo direito e fazê-las!

DORA

E esta casa?

DOCA MARTINS

Este velho sobrado será demolido! Por isso está deserto!
Clóvis achou que seria um esconderijo perfeito por algumas horas. Você está de acordo?

DORA

Parece que seu amigo Clóvis pensou em tudo!

DOCA MARTINS

Pena você não conhece-lo pessoalmente!

DORA

Nunca o vi tão entusiasmado ao falar de alguém!...

DOCA MARTINS

É uma pessoa confiável, culta e inteligente! Possui muitas amizades e ainda não é visado pela ditadura!

DORA

(PENSATIVA) Realmente deve ser um homem de muita sorte! Com essa terrível caça às bruxas que o General Médici desencadeou no país, admira-me tamanha liberdade de ação!

DOCA MARTINS

(OUVEM-SE PASSOS QUE SE APROXIMAM) Silêncio!
(DOCA SE LEVANTA E CORRE À JANELINHA DO PORÃO. OBSERVA
O EXTERIOR) Vem alguém!

TITO

(A PORTA DA ESQUERDA ABRE-SE E, POR ELA, SURGE UM
RAPAZ DE APROXIMADAMENTE VINTE E DOIS ANOS DE IDADE)
O senhor deve ser Doca Martins!... (ESTENDENDE-LHE A MÃO)
Chamo-me Tito!

DOCA MARTINS

Já o esperava! (CUMPRIMENTA-O E APRESENTA-LHE A
ESPOSA) Esta é minha mulher, Dora.

TITO

Muito prazer! (PARA DOCA MARTINS) Julguei que viesse
sozinho!

DOCA MARTINS

(SORRI) Estamos juntos há quase trinta anos! Não me
habituará novamente a viver só! (PARA DORA) Nem ela,
tampouco!

DORA

Você não iria me privar de uma aventura dessa, no fim da minha vida!

DOCA MARTINS

Certamente que não! (PARA TITO) E as moças?

TITO

Encontrei-as no meio do caminho, mas fingimos não nos conhecer! Toda prudência é pouca! Elas vêm devagar! O senhor sabe, Cecília é parálitica!

DORA

Parálitica?

TITO

Não lhes falaram? Vem numa cadeira de rodas!

DORA

Porque uma pessoa assim... Precisa pedir asilo político?

TITO

Eles não respeitam nada! Nem mesmo uma parálitica!
(TRANSIÇÃO) Cecília é muito especial, sabe? Tem valiosos
serviços prestados à nossa luta!

DOCA MARTINS

Esteve com Clóvis?

TITO

Ontem à noite!

DOCA MARTINS

Tudo confirmado, então?

TITO

Rigorosamente confirmado!

DOCA MARTINS

(RESPIRA FUNDO) Ainda bem.

TITO

Não o viu ontem?

DOCA MARTINS

Entramos em contato por telefone!

TITO

(ESTRANHANDO) Telefone?

DOCA MARTINS

Falou-me quase em código! Foi seguro!

TITO

Nos dias em que vivemos, segurança é palavra sem sentido! (PASSANDO A DOCA O JORNAL QUE TRAZ À MÃO) Mataram mais três companheiros! Esse governo fascista quer a cabeça de todos nós! Não apenas os comunistas estão sob a mira da repressão! Outros também. Aquelas pessoas mais progressistas, que se posicionam contra a ditadura sanguinária dos generais!

DORA

Tudo isso parece um pesadelo!

TITO

Esse pesadelo ainda vai prolongar-se por muito tempo!
Um dia, passará! Mais cedo ou mais tarde, o povo reencontrará
o seu caminho e tudo será diferente! (RUÍDOS E PASSOS DO
LADO DE FORA) Devem ser elas!

DOCA MARTINS

(VAI A JANELA DO PORÃO) São elas sim! (DIRIGE-SE ATÉ
A PORTA, ABRINDO-A. APARECE CECÍLIA, NA CADEIRA DE
RODAS, SEGUIDA POR ELZA).

CECÍLIA

Olá! Bom dia!

ELZA

Somos as últimas a chegar, não é?

DOCA MARTINS

Sejam bem-vindas!

DORA

(APROXIMANDO-SE DAS MOÇAS) Chamo-me Dora! É um
prazer ver vocês!

ELZA

Passamos duas vezes pela frente do prédio! Queríamos ter certeza de que ninguém nos observava! Por isso, demoramos um pouco!

TITO

(GRACEJANDO) Estejam à vontade! Por hoje, nossa casa é isso mesmo que estão vendo!

CECÍLIA

Conheci lugares menos acolhedores!

DOCA MARTINS

O dia passará logo! Ao anoitecer, estaremos protegidos!...

TITO

(PARA CECÍLIA) Tem alguma novidade que a gente não conhece?

CECÍLIA

Todos os aparelhos foram desativados! Não se sabe o paradeiro de ninguém! Assim é mais seguro, no caso de qualquer um de nós cair em mãos dos torturadores!

TITO

O partido parece desarticulado!

CECÍLIA

(TENTANDO EXPLICAR) As pessoas estão sendo sequestradas e ninguém sabe o destino delas! Acreditamos ter havido muita execução! Em todo o país é esse inferno: não existe segurança em parte alguma! Mas há grupos se organizando! No Araguaia está se formando uma verdadeira resistência!

DOCA MARTINS

E Clóvis?

ELZA

Estive com ele. Acredita que pode permanecer no Brasil em segurança por mais algum tempo!

TITO

É uma temeridade! Com as perseguições que estão ocorrendo, os assassinos... (PENSATIVO) Ontem à noite Clóvis me pareceu muito seguro! Nos poucos instantes em que conversamos não se revelou nele qualquer apreensão! (AS LUZES SE APAGAM, BLACK-OUT TOTAL. UM JATO DE LUZ AMARELA SE PROJETA EM RESISTÊNCIA À ESQUERDA DO PROSCENIO. SOB ELE, APARECEM TITO E CLÓVIS. TITO VESTE A MESMA ROUPA DA CENA ANTERIOR; CLÓVIS USA PALETÓ, GRAVATA E UMA CAPA LONGA E ESCURA. FLOCOS BRILHANTES, SOLTADOS DO ALTO SOBRE O JATO DE LUZ, DÃO A IDÉIA DE UMA CHUVA FINA. CLÓVIS SEGURA UM GUARDA-CHUVA ABERTO SOB O QUAL AMBOS SE PROTEGEM).

CLÓVIS

Não convém que nos vejam juntos!

TITO

Precisava apenas de uma confirmação!

CLÓVIS

Não há alteração no plano!

TITO

Todos estamos dependendo cegamente do seu trabalho,
Clóvis! Imaginei que tivesse alguma recomendação a fazer!

CLÓVIS

Manteve contato com os demais integrantes do grupo?

TITO

Somente com Elza e Cecília! O outro não conheço!

CLÓVIS

Doca Martins é o nome dele! Não é comunista, mas
incomoda o regime!

TITO

Ah!

CLÓVIS: Quanto à Cecília, não fui apresentado a ela!

TITO

Você não a conhece?

CLÓVIS

Pessoalmente, não! Sei que é parálitica e isso me preocupa!

TITO

Por quê?

CLÓVIS

Precisamos de muita desenvoltura para termos sucesso nesta operação! Infelizmente Elza convidou-a antes de me consultar!

TITO

Cecília não será problema! É mulher experiente! Pessoa muito importante para todos nós!

CLÓVIS

Compreendo!

TITO

Você deveria conhecê-la! É uma das primeiras vítimas da ditadura!

CLÓVIS

Quero que me entenda: não quis questionar a presença dela! (TRANSIÇÃO) Não ligue para o que falei! Foi excesso de zelo!

TITO

Eu sei disso!

CLÓVIS: E Elza, como está?

TITO

Confiante!

CLÓVIS

Ótimo!

TITO

Ela o admira muito!

CLÓVIS

(PENSATIVO) Eu sei!

TITO

Porque não vem conosco? O regime está cada vez mais fechado e espera-se que o Congresso seja posto em recesso a qualquer momento!

CLÓVIS

Enquanto puder circular livremente, ficarei por aqui! No exterior não poderei ser útil à nossa causa!

TITO

Vendo-o falar, sinto-me como se fosse um desertor!

CLÓVIS

Você não tem outra alternativa!

TITO

Como o país pôde chegar a essa situação?! Estávamos num regime democrático, com um governo progressista! A nação aguardava um grande avanço social e, de repente, esse retrocesso terrível!

CLÓVIS

Quando o golpe estourou, não havia consciência nacional sobre o que, na verdade, estava ocorrendo no Brasil!

TITO

A quem interessou? Aos defensores da doutrina Monroe, ao neofascismo internacional, à classe dominante em nosso país!

CLÓVIS

Não se esqueça que a classe média também apoiou o movimento de 64!

TITO

Parte dela, sim! O restante manteve uma posição de neutralidade. O que não deixou de ser uma forma de apoio! A tendência da classe média é a de seguir os passos da minoria do dominante! Hoje, a população brasileira, inclusive a própria classe média, sofre em silêncio os efeitos da tragédia!

CLÓVIS

Da qual não temos saída!

TITO

Por enquanto, talvez! Futuramente...

CLÓVIS

Agora, a nossa preocupação é salvar a pele! Não concorda? (TITO FICA EM SILÊNCIO. CLÓVIS MOSTRA-LHE UM CARTÃO) Conhece essas pessoas?

TITO

(EXAMINANDO) Odijas Carvalho de Souza e Hiran...
(PAUSA) Que há com eles? Foram presos?

CLÓVIS

Espero que não! Conheci-os no Recife, certa vez! Soube que estão sendo procurados. Gostaria de tornar a vê-los!

TITO

Pra que?

CLÓVIS

Talvez eu pudesse ser útil!

TITO

Aqueles companheiros sabem se cuidar!

CLÓVIS

Espero que sim! (DA-LHE A MÃO) Boa sorte!

TITO

Pra todos nós! (AS LUZES SE APAGAM EM RESISTÊNCIA. AO SE ACENDEREM, A CENA É O INTERIOR DO PORÃO. VEEM-SE DOCA MARTINS, DORA E TITO, ESTE ÚLTIMO DORME SOBRE UNS JORNAIS ESPALHADOS NO CHÃO. DORA ESTÁ SENTADA NA CADEIRA, NO CENTRO MÉDIO DO PALCO. DOCA, ACOMODADO NUM CAIXOTE AO LADO DA MULHER, EXAMINA VÁRIOS PAPEIS QUE TRAZ NOS BOLSOS. A ILUMINAÇÃO É INDIRETA. PELOS BÁSCULOS DAS JANELAS, O SOL SE DERRAMA. DORA TECE UM CASACO DE TRICÔ, EM CERTO INSTANTE, PARA E FIXA O OLHAR DO MARIDO).

DOCA MARTINS

(PRESENTINDO A PREOCUPAÇÃO DA MULHER) Alguma coisa?

DORA

(TOM AFETUOSO) Espero que não emagreça, senão o casaco ficará grande demais!

DOCA MARTINS

Não emagrecerei!

DORA

Estive pensando: e se acontecer alguma coisa? Um imprevisto?

DOCA MARTINS

Tudo dará certo, você vai ver!

DORA

Deus queira!

DOCA MARTINS

Agora volte para o seu tricô!

DORA

Nunca lhe falei, mas a sua atividade no sindicato me deixava permanentemente sobressaltada! Sempre fui muito

doméstica, ligada demais ao lar, família! Talvez, se você me tivesse permitido uma participação maior na sua vida pública quem sabe eu tivesse melhor preparada para uma circunstância como essa!

DOCA MARTINS

Minha querida, eu nunca a proibi de nada!

DORA

Não estou acusando você! Lamentando o meu comportamento, sim; A minha auto exclusão! (SUSPIRA FUNDO)
No íntimo, eu sabia que era isso o que você desejava!

DOCA MARTINS

É possível! Mas veja: com essa repressão toda, as intervenções e a violência policial nos movimentos sindicais, não havia porque envolve-la!

DORA

Sempre questioneei a sua participação nesses movimentos do sindicato. Pensava; “Isso um dia acaba mal”. Não externava a você as minhas angustias porque temia magoa-lo!
(COM ANSIEDADE) A Gente via o exemplo a todo instante:

sindicalistas presos, perseguidos, desaparecidos... Quem sabe, mortos! A polícia esmagando violentamente as greves dos trabalhadores! E eu... (PAUSA) Eu, em casa, contando as horas, os minutos... Rezando!... Pedindo a Deus que não lhe acontecesse nada!

DOCA MARTINS

Não deve falar assim! Você é uma mulher inteligente, Dora! Sabe que está errada! As coisas não caem do céu por acaso, a gente as conquista... Lutando!

DORA

Você não compreende: eu tenho razão de estar assim! (ANGUSTIADA) Afinal de contas, abandonamos nosso lar, deixamos os filhos espalhados, como bichos, nas casas dos parentes! Tudo isso para fugirmos como criminosos!

DOCA MARTINS

(MAGOADO) Não precisava ter vindo! Não é você que eles querem!

DORA

Desculpe! (PAUSA) Não quis magoa-lo! Claro que o meu lugar é junto de você!

DOCA MARTINS

Contudo, não precisava ter vindo!

DORA

(SORRISO TRISTE) Quem iria tecer sua camisa de frio? Quem cuidaria dos seus achaques? Quem estaria ao seu lado, no exílio, para conforta-lo nos momentos de solidão, de saudade! (TRANSIÇÃO) Os filhos já estão crescidos, irão sobreviver, de qualquer forma!

DOCA MARTINS

(BREVE SILÊNCIO. DOCA ENCAMINHA-SE À JANELA, ABRE FURTIVAMENTE O BASCULANTE E OLHA A RUA, CHOVE LÁ FORA) A chuva não quer parar!

DORA

(DESALENTADA) Esqueça o que eu disse, está bem?

DOCA MARTINS

(FECHANDO O BASCULANTE) Você deveria forrar um lençol no chão e descansar um pouquinho o corpo!

DORA

Não estou cansada!

DOCA MARTINS

Mas, devia!

DORA

Já me habituei a esperar! Com o meu tricô, o tempo passa sem que eu perceba!

DOCA MARTINS

Algumas horas mais e Clóvis estará chegando! Então não haverá mais sobressalto!

DORA

Fico pensando se não teria sido melhor enfrentarmos a situação! Afinal, que crime tão monstruoso nós cometemos?

DOCA MARTINS

Para ditadura dos generais, o maior de todos! Você não tem ideia do que está acontecendo em nosso país! Basta uma informação, uma carta anônima, um telefonema e logo alguém é preso como comunista, subversivo e outras coisas mais! Sou líder sindical, assumi posições contrárias ao governo, isso é o bastante!

DORA

(NUM DESABAFO) Você sempre foi muito exaltado!

DOCA MARTINS

Que você queria? Que me tornasse um pelego do atual regime? (SÉRIO) Sabe que jamais teria um comportamento desse!

DORA

Você agiu de acordo com a sua consciência! (TRANSIÇÃO)
Não se importe com a minha rabugice, estou assustada!

DOCA MARTINS

(OLHANDO MAIS UMA VEZ O EXTERIOR, ATRAVÉS DA JANELA) Não esperava que tivesse de pedir asilo político, por

causa da atividade sindical. Isso jamais me passou pela cabeça!
(DIRIGINDO-SE A ESPOSA) Por meu gosto, ficaria na minha trincheira de luta!

CECÍLIA

(SEGUIDA POR ELZA, QUE LHE EMPURRA A CADEIRA DE RODAS) Senhor Martins, é enorme este porão! Como tem objetos antigos!

DOCA MARTINS

É verdade!

ELZA

(COM AR DE ENJOO) Cecília ficou vidrada, se pudesse, guardaria todos os trastes que encontrasse!

CECÍLIA

Que desperdício! E pensar que tudo isso aqui será transformado em ruínas!

TITO

(ACORDANDO) Acho que consegui dormir um bocado!

ELZA

Sinceramente, não sei como consegue!

TITO

Durmo, porque tenho a consciência em paz com os ideais revolucionários de Marx. O que deve ser difícil para os revisionistas!

ELZA

(OFENDENDO-SE) Isso é provocação?

TITO

(RISO MAROTO) Diria que é um chamado a realidade! Você é jovem e ainda pode se redimir! O partido está de braços abertos para receber uma “filha pródiga”!

ELZA

Vocês nos acusam de reformistas e de pactuarmos com a burguesia! Dizem que renegamos o conteúdo revolucionário do marxismo! Mas distorcem a verdade! Queremos a revolução por meios pacíficos, já que não há condições de uma transformação violenta. O proletariado poderá adquirir, no regime

democrático, o espaço necessário para se organizar e conquistar os avanços que hão de nos levar ao socialismo!

TITO

Esse discurso não é seu! O que chama de caminho pacífico para o socialismo é clichê de procedência duvidosa! Herança do krushovismo defendido por Giocondo e Prestes!

CECÍLIA

Por favor, Tito, deixe Elza sossegada! (SORRI) Teremos tempo pela frente para doutrina-la!

ELZA

(OFENDIDA) Doutrinar-me?

DOCA MARTINS

(INTERVINDO) Não acham que o momento é impróprio para essa discussão?

CECÍLIA

Tem razão seu Martins!

DOCA MARTINS

Pelo menos você é sensata!

ELZA

(IRÔNICA) Ela é muito sensata! É a intelectual do grupo, não sabia? Coisa rara entre os apologistas do socialismo albanês!

DORA

(FIRME) Moça, por favor, não torne esses momentos mais insuportáveis do que são!

ELZA

Eu fui provocada!

DORA

(TRANSIÇÃO) Quando vocês chegaram me pareceram tão amigas. Impressionou-me seu cuidado com ela, conduzindo-lhe a cadeira de rodas, protegendo-a! Foi uma coisa muito fraterna! De repente, vocês se digladiam por uma bobagem!

TITO

A culpa foi minha!

DOCA MARTINS

(PARA CECÍLIA, DESVIANDO O ASSUNTO) Estudou arquitetura?

CECÍLIA

Não cheguei a concluir o curso!

DOCA MARTINS

Entendo a sua preocupação por este prédio!
(PENSATIVO) É uma pena que os tempos de crise que vivemos
não nos permitam certas subjetividades! (SENTENCIOSO)
Conheço um pensamento popular que diz: “Primeiro os dedos;
Depois, os anéis”. Acho isso muito sábio!

CECÍLIA

Por piores os tempos, seu Martins, sempre devem existir
espaços para certos questionamentos!

TITO

Essas demolições são produto da decadência da
burguesia urbana!

ELZA

Nosso compromisso é com o proletariado e não com a
opulência da burguesia!

CECÍLIA

Um edifício igual a este, ou um castelo medieval não tem valor porque determinada classe dominante dele se serviu! É importante porque se trata de produto do trabalho humano!

ELZA

Temos problemas sérios! Esse tipo de conversa não leva a nada, só interessa a você e ao seu intelectualismo estéril!

TITO

(AFASTA, AFETUOSAMENTE A CADEIRA DE RODAS DE CECÍLIA ATÉ O OUTRO LADO DA CENA) Não ligue para o que ela disse!

CECÍLIA

Sempre discutimos as nossas diferenças ideológicas, sem que isso interferisse no bom relacionamento que existia entre nós! Elza não está bem!

DOCA MARTINS

(PARA ELZA) Desta vez, você a magoou de verdade!

ELZA

Há momentos em que precisamos de uma sacudidela!

DORA

(PARA ELZA) Você está nervosa Elza, e quer demonstrar o contrário! Olhe, vou lhe confessar uma coisa: estou morrendo de medo! Falta de hábito, covardia... E eu sou uma pessoa fisicamente perfeita!

ELZA

Refere-se à Cecília?

DORA

É uma parálitica, no lugar dela estaria em pânico, mas Cecília se comporta diferentemente, é corajosa! Desde que aqui chegou, não vi no rosto dela sequer uma expressão de ansiedade!

ELZA

Está bem, eu me excedi, mas não sou imatura nem inconsciente! (DESABAFO) Todos se curvam diante de Cecília, como se ela fosse a própria sabedoria. Não vejo o que tem mais

do que eu, além da cadeira de rodas, nem creio que isso faça dela uma heroína!

CECÍLIA

(QUE OUVI A INTERLOCUÇÃO) Parece que minha cadeira de rodas incomoda mais a você que a mim! Embora não seja “uma heroína”, tenho, contudo, serviços prestados à causa do socialismo! (ELZA NÃO RESPONDE. AFASTA-SE, AMUADA, PARA A ESQUERDA DO PORÃO).

TITO

Não gostei de vê-la tratada daquela forma! Essa presunçosa deveria medir as palavras!

CECÍLIA

Elza está certa! Num momento como este, não faz sentido certas divagações!

DORA

(ABRINDO A JANELINHA) A chuva passou! Que horas são, Doca?

DOCA MARTINS

(CONSULTANDO O RELÓGIO) Dezesseis e trinta!

DORA

(DIRIGINDO-SE AO MARIDO) Se os três são comunistas, porque divergem tanto? É sempre assim?

DOCA MARTINS

Todos desejam a mesma coisa, lutam e morrem pela mesma causa, mas estão divididos!

DORA

Não entendo!

DOCA MARTINS

Uma facção não admite outro caminho para a derrubada do regime capitalista burguês, que não seja a luta armada. A outra ao contrário, acredita que, dentro do próprio jogo democrático, o socialismo pode ganhar espaço no mundo capitalista e conquistar a hegemonia política!

DORA

E você, o que acha?

DOCA MARTINS

A resposta está diante dos seus olhos! O que foi o golpe de 64, senão a violência reacionária da burguesia capitalista nacional, apoiada pelos interesses estrangeiros, contra o regime progressista do governo Goulart? E veja, Jango não era socialista! Imagine se fosse!

DORA

O comunismo é um sonho impossível, no nosso país! Por várias razões: primeiramente, o preconceito que se fixou na consciência do brasileiro, estimulado ao longo deste século pela igreja e pela propaganda capitalista; Segundo: a dependência absoluta do país aos interesses internacionais!

ELZA

(QUE ESTAVA ATENTA À CONVERSA DOS DOIS, APROXIMA-SE) Fiz uma péssima figura diante de vocês, não é?

DOCA MARTINS

Você é muito jovem!

ELZA

Considera-me uma pessoa imatura?

DOCA MARTINS

Eu diria, inexperiente! Mas, isso não é demérito, particularmente em relação à política!

ELZA

(FIRME) Eu sou uma comunista consciente!

DOCA MARTINS

Consciência e maturidade se confundem! (TRANSIÇÃO)
Você sabe, realmente, o que é ser comunista? (SILÊNCIO)
Suponhamos que sim! A verdade é que grande parte dos jovens que abraçam essa bandeira não fazem a mínima ideia do compromisso que assumiu!

ELZA

Certamente não é o meu caso! Não sou intelectual como Cecília, mas conheço um pouco de economia política, o suficiente para embasar as minhas convicções!

DOCA MARTINS

Sou operário da construção civil, não tenho curso superior, mas já li um pouco de Marx e da dialética materialista! Entretanto, não sou comunista! Pelo menos ainda não! Mas, o

que eu queria lhe dizer é que grande parte dos jovens comunistas curtem a política, como se fosse uma guerra festiva de confetes e serpentinas! (SOLENE) Só que a realidade é outra, bem diferente!

ELZA

(COM DESDÉM) O “senhor” subestima a inteligência e a sensibilidade dos jovens! É preconceituoso e reacionário!

DOCA MARTINS

Pode ser! Mas sou honesto! Não me impressionam os jargões! Você não passa de uma criança ingênua! Se algum dia, por desgraça, cair nas mãos dos assassinos e torturadores da ditadura, não terá consciência do sacrifício!

ELZA

(PESADAMENTE) Para cada ideal que abraçamos, existe um preço a ser pago. É sempre um jogo no escuro. Somente quando passamos a sofrer por ele é que começamos a entendê-lo a verdadeira significação.

DORA

(APANHANDO A GARRAFA TÉRMICA) Tenho um
cafezinho, vocês querem?

DOCA MARTINS

Aceito um pouco.

DORA

(ENTREGANDO O COPO AO MARIDO) Ainda está quente.
(PARA ELZA) Você quer?

ELZA

Não, obrigada!

DOCA MARTINS

(BEBE) Uma delícia! É como se estivesse em casa,
sentado na minha cadeira de balanço, tomando um cafezinho e
assistindo ao noticiário da TV tupi!

DORA

Ilusão também conforta! (PARA ELZA) Que idade você
tem?

ELZA

Vinte anos!

DORA

Morava com sua família?

ELZA

Com algumas colegas da faculdade! Dividíamos as despesas do apartamento! (TRANSIÇÃO) Meus pais vivem no interior.

DORA

Sabem o que está se passando com você?

ELZA

Não senti coragem de comunicar a eles. São pessoas simples, não entenderiam (TRANSIÇÃO) tive medo, também, de comprometê-los! (OUVEM-SE, AO LONGE, SIRENES DE CARROS DE POLÍCIA. DOCA MARTINS COBRE A JANELA).

TITO

(QUE RETORNA A CENA, CONDUZINDO A CADEIRA DE RODAS DE CECÍLIA) Que está acontecendo?

DOCA MARTINS

Silêncio! (OLHANDO CUIDADOSAMENTE) Dá para ver! É a polícia, sim! Está na frente do edifício! (TODOS FICAM TENSOS. TITO VAI A JANELA E BUSCA OBSERVAR O EXTERIOR).

TITO

Os carros estão parados, mas não há movimento de pessoas!

ELZA

Olhe direito! (O NERVOSISMO DA JOVEM SE ACENTUA)
Diga, veem alguma coisa?

DOCA MARTINS

Silêncio por favor! (O TOQUE DE OUTRA SIRENE FAZ-SE OUVIR).

TITO

É outro carro!

DOCA MARTINS

Talvez uma ambulância!

TITO

Quem sabe, pode ter havido um acidente!

DOCA MARTINS

(FIRME) Sejamos realistas! A partir deste momento, tudo pode acontecer! É bom que estejamos preparados!

DORA

(ASSUSTADA) Santo Deus!

CECÍLIA

Haja o que houver, é importante que conservemos a calma!

ELZA

Um de nós poderia ir lá fora, observar! Pode não ter ligação conosco, ser uma coincidência!

DOCA MARTINS

Prometemos a Clóvis que não iríamos sair daqui em hipótese alguma! Uma imprudência poria em risco a segurança de todos.

ELZA

(UMA IDEIA REPENTINA) Lá de cima, do primeiro andar do prédio, eu poderia subir, teria uma boa visão e não seria vista! Há uma escada, mais adiante, que permite o acesso ao interior da casa!

TITO

(INTERESSADO) É uma boa ideia! Eu poderia ir com ela.

DOCA MARTINS

Tenham cuidado! (TITO E ELZA SAEM DE CENA).

DORA

(PARA O MARIDO) E agora, o que vê?

DOCA MARTINS

(BUSCANDO MELHOR LOCALIZAR-SE) Nada, nenhum movimento! (PROCURANDO MINIMIZAR A SITUAÇÃO) Elza está certa, deve ser coincidência! Nosso plano é perfeito; Não pode ter havido falha!

DORA

Não sei!... Estou com um pressentimento...

DOCA MARTINS

Deixe de tolice, por favor! É natural que esteja assustada!

DORA

A gente teme tudo o que desconhece! E eu não conheço esse Clóvis que tem nas mãos a nossa segurança e o nosso destino! Desde quando você mantém relacionamento com ele?

DOCA MARTINS

Há meses! Esteve várias vezes no Sindicato e vem nos orientando de forma bastante inteligente!

DORA

Com certeza você não sabe quem é, de onde veio, o que faz! Deixou-se levar apenas pela conversa e pelos bons modos dele!

DOCA MARTINS

Digamos que sim!

DORA

Que imprudência!

DOCA MARTINS

Desconhecia a necessidade de curriculum vitae para se admitir uma amizade!

DORA

Levando-se em conta os dias em que vivemos, é mais do que necessário!

DOCA MARTINS

Os outros também o conhecem e tem de Clóvis o mesmo conceito! Elza por exemplo, é íntima desse moço!

CECÍLIA

(ATRAÍDA PELA CONVERSA, APROXIMA-SE) Falam de Clóvis?

DORA

Sim, conhece-o bem?

CECÍLIA

Não, pessoalmente, não!

DORA

Como podem ser tão ingênuos?

DOCA MARTINS

Dora, não há razão para preocupações!

CECÍLIA

Seu Martins está certo Elza e Tito são mais ligados a ele!
Elza, particularmente, por razões especiais!

DORA

(INCRÉDULA) Como pode uma pessoa hoje em dia
manter relações com comunistas e líderes sindical de oposição e
não ser visado pela polícia política?

DOCA MARTINS

(IRRITADO) Quer parar com essas suspeitas?

CECÍLIA

Depois que o plano foi decidido, passei a morar nos
últimos cinco dias no apartamento de Elza, a convite dela!
Sentia-me sozinha, desprotegida. Elza foi muito gentil! Os

companheiros do partido estavam foragidos ou presos; Outros desapareceram! Minha condição física não me permitia certas mobilidades e não tive alternativa!

DORA

O que de especial existe no relacionamento de Elza e Clóvis?

CECÍLIA

Mantinham um caso amoroso! (TOM) Encontravam-se sempre fora do apartamento, por isso, jamais os vi!

DORA

Não demonstrou vontade de conhecê-lo!

CECÍLIA

Uma vez pedi a Elza que me levasse a Clóvis, sugeri um encontro!

DOCA MARTINS

E então?

CECÍLIA

Clóvis recusou falar comigo!

DOCA MARTINS

Por quê?

CECÍLIA

Alegou ser mais seguro para todos se, entre ele e os integrantes do grupo, fosse mantido um certo distanciamento.

DOCA MARTINS

É compreensível!

CECÍLIA

Não dei importância ao fato. Afinal, o que eu pretendia era o asilo político e isso estava arrumado! (PAUSA) Contudo, eu sentia que nem tudo estava bem entre Elza e Clóvis!

DORA

Como assim?

CECÍLIA

Nos dois últimos dias ela tornara-se nervosa, irritável, impaciente! De início julguei que fosse a tensão, a expectativa! Depois, soube a verdade, Elza estava grávida!

DORA

Grávida?

CECÍLIA

Exatamente!

DORA

E Clóvis sabe disso?

CECÍLIA

Ontem, Elza me confirmou que Clóvis recebeu a notícia com indiferença! Isso a deixou profundamente triste! Tiveram uma discussão, aí o pior aconteceu! (NESTE MOMENTO A CENA FICA MAIS UMA VEZ ÀS ESCURAS. UM JATO DE LUZ SE PROJETA EM RESISTÊNCIA NO MEIO DO PROSCENIO, ONDE SE ENCONTRAM CLÓVIS E ELZA. A JOVEM ESTÁ DEITADA NO CHÃO, SEMINUA, SOBRE A CAPA DE CLÓVIS. ESTE, SENTADO AO LADO DELA, TEM O OLHAR PARADO, PERDIDO NA DISTÂNCIA. ELZA CONSERVA OS OLHOS CERRADOS, COMO SE DORMISSE, PARECER DESPERTAR, CHAMA LEVEMENTE, A ATENÇÃO DO AMANTE).

ELZA

Posso saber em que está pensando?

CLÓVIS

(VOLTANDO-SE) Nada especial!

ELZA

Mesmo assim, posso saber?

CLÓVIS

Simplesmente, não pensava! Aqui a gente perde a noção do tempo e dos problemas do mundo!

ELZA

(INSINUANTE) Dê-me um beijo!

CLÓVIS

Não está farta, ainda?

ELZA

(SENSUAL) Não, venha cá! (AMBOS SE ABRAÇAM E SE BEIJAM DEITADOS NO CHÃO. SÚBITO, CLÓVIS SE AFASTA, SENTA-SE AO LADO DE ELZA EM SILÊNCIO) Que é que você tem? Não está feliz?

CLÓVIS

Porque não haveria de estar?

ELZA

Parece tão distante!

CLÓVIS

(FRIO) Não me faça tantas perguntas!

ELZA

Desde que chegou, quase não conversamos! Sempre reticente pensativo!

CLÓVIS

Como esperava que estivesse com a situação se agravando a cada momento!

ELZA

Vamos esquecer a política! Temos tão pouco tempo juntos! Estes instantes são nossos e não convém desperdiçá-los!

CLÓVIS

Como se fosse possível!

ELZA

Tenho uma coisa para lhe dizer, mas estou com medo!

CLÓVIS: Medo?

ELZA

Não sei como receberá a notícia!

CLÓVIS

Está me deixando curioso, fale!

ELZA

Antes me responda: o que significa precisamente para você? Nunca disse que me amava!

CLÓVIS

Prometeu-me que entre nós não haveria esse tipo de questionamento!

ELZA

É importante que eu saiba, você me ama?

CLÓVIS

Digamos que você me agrada muito? Isso basta?

ELZA

Não, não basta! Mesmo assim, vou dizer-lhe, estou grávida!

CLÓVIS

(ASSUSTADO) O quê?

ELZA

(FELIZ) Vou ter um filho seu!

CLÓVIS

(LÍVIDO) Isso é loucura!

ELZA

Descuidei-me! Aconteceu! Julguei que ficaria satisfeito com a notícia!

CLÓVIS

Em outras circunstâncias! Neste momento é fora de propósito!

ELZA

(DECEPCIONADA) Não se constranja. A criança não lhe será estorvo! É problema meu!

CLÓVIS

De certo que sim, considerando que vai pedir asilo político! Como pôde deixar que isso acontecesse?

ELZA

(MAGOADA) Sobreviverei com meu filho onde estiver!

CLÓVIS

Vamos ter que mudar os planos. Você vai ficar. Darei um jeito de colocá-la em lugar seguro, até que possa fazer o aborto!

ELZA

Aborto?

CLÓVIS

É loucura ter esse filho. Você não pretende, não é?

ELZA

(DECIDIDA) Engana-se, pretendo sim!

CLÓVIS

(DURO) Dessa forma, não poderei ajuda-la em nada!

ELZA

Tranquelize-se, não vou cobrar-lhe qualquer ajuda! Basta o exílio!

CLÓVIS

(QUASE DESCONTROLADO) Você não irá, pelo menos por enquanto! Amanhã não quero que vá juntar-se ao grupo!

ELZA

Não adianta Clóvis, estou decidida! Além disso, existe Cecília, prometi que a levaria comigo! Está sendo procurada, se ficar, certamente será presa!

CLÓVIS

Ela irá em seu lugar, você fica!

ELZA

O que lhe importa se eu partir? Você não quer o filho, além disso, o que existe entre nós é um caso sem maiores compromissos!

CLÓVIS

Entenda, você não pode e nem deve juntar-se amanhã a esse grupo! Dê-me um tempo! Quem sabe, iremos juntos para o exterior em outra oportunidade!

ELZA

E quanto ao nosso filho?

CLÓVIS

Você precisa aceitar o aborto!

ELZA

Quero meu filho, Clóvis!

CLÓVIS

(IRRITADO) Pois bem, a escolha é sua! Não me culpe se alguma coisa sair errada!

ELZA

Que está querendo dizer?

CLÓVIS

(CONSERTANDO) Prefere ser mãe solteira, sem ninguém que a ampare, numa terra estranha! Não vê que é um erro?

ELZA

Não mudarei de ideia!

CLÓVIS

Então, nada mais há que dizer! Você conhece os planos!

ELZA

Devo entender que está tudo acabado entre nós, não é?

CLÓVIS

A escolha foi sua!

ELZA

Compreendo!

CLÓVIS

Boa sorte! (O PALCO ESCURECE EM RESITÊNCIA. BLACK-OUT. AO ACENDEREM AS LUZES, A CENA RETORNA AO PORÃO.

OUVE-SE UMA SIRENE DE CARRO DE POLÍCIA AFASTANDO-SE.
DOCA MARTINS PROCURA OBSERVAR ATRAVÉS DA JENELA).

DOCA MARTINS

Estão indo embora!

DORA

Felizmente!

DOCA MARTINS

Não poderia ser por nossa causa. Como saberiam que estamos aqui? Nenhum de nós contou a ninguém, não é verdade?

CECÍLIA

Não há dúvida quanto a isso!

DORA

Nem meus filhos tem conhecimento da nossa partida!

DOCA MARTINS

Creio que estamos nos preocupando sem motivos!

CECÍLIA

(AFASTA A CADEIRA DE RODAS ATÉ O OUTRO LADO DO PALCO, DEFRONTA-SE COM TITO, QUE SURGE DO INTERIOR DO PORÃO) Que pôde observar?

TITO

(SÉRIO) Foram-se!

ELZA

(SURGINDO) Não há mais perigo! (EUFÓRICA) Está tudo bem agora, não passou de rebate falso!

TITO

(PENSATIVO) Quem sabe, não existia nada de anormal na rua e, no entanto, esses dois carros de polícia justamente aqui!

DOCA MARTINS

Notou alguma coisa que despertasse suspeita?

TITO

Concretamente, não! Os veículos pararam um atrás do

outro. Policiais civis desceram e passaram a conversar! Nem uma vez olharam nessa direção!

DOCA MARTINS

Então, foi coincidência! Que horas tem no seu relógio?

TITO

Dezesseis e quarenta e cinco!

DOCA MARTINS

(CORRE A JANELA) É a hora combinada! Clóvis ficou de passar as dezessete e quarenta e cinco!

CECÍLIA

(PREOCUPADA) Que faremos se ele não vier?

ELZA

Por que a dúvida? Quem nos reuniu aqui? Quem planejou tudo? Foi ele, não foi? (TRANSIÇÃO) Até certo ponto, um pequeno atraso! Certamente notou os carros de polícia e resolveu aguardar um pouco!

DOCA MARTINS

Faz sentido! Agora que a polícia se afastou, deve aparecer!

CECÍLIA

Temos de estar preparados para qualquer emergência! Até mesmo, para a possibilidade de Clóvis ter sido preso!

ELZA

(IRRITADA) Isso é ridículo! Faça-nos o favor de guardar para você, as suas ideias absurdas!

DOCAS MARTINS

Clóvis é esperto! Essa é uma hipótese muito remota!

CECÍLIA

Mas é uma hipótese!

TITO

Também estou preocupado! Acho que deveríamos sair daqui!

DOCA MARTINS

O tempo ainda não esgotou! Vamos esperar um pouco mais!

CECÍLIA

Sair para onde? De volta as nossas casas? É uma loucura! Passaremos a noite neste lugar e sairemos ao amanhecer! Quando o consulado abrir para o expediente normal, nos apresentaremos!

TITO

(SUAVEMENTE) Se o nosso plano foi descoberto, o aparato de repressão estará à nossa procura e vigiando todos os consulados onde poderíamos pedir asilo político!

CECÍLIA

Nesse caso não teríamos alternativa! Nem mesmo, agora! Sequer chegaríamos a sair! As ruas já estariam bloqueadas!

ELZA

Querem parar com isso? Se pretendem criar um clima de pânico entre nós, sinceramente já conseguiram! Não veem que

estão colocando a situação da forma mais negra possível? E se não estivermos na mira da polícia como imaginam?

DOCA MARTINS

Então, estaremos nos angustiando desnecessariamente!

TITO

O tempo está se passando e precisamos tomar uma decisão! Qualquer lugar será mais seguro que este! Digamos que cada um tome um destino e que amanhã pela manhã chegue individualmente ao consulado, como um transeunte qualquer! Ninguém carregará nada que desperte desconfiança. Antes de cruzar a rua, verificará a movimentação: um agrupamento na calçada, um carro estacionado com os ocupantes em seus lugares, pessoas suspeitas nas proximidades!... Parece razoável, não?

DOCA MARTINS

Talvez você tenha razão! Uma noite passaremos de qualquer jeito! (PARA DORA) Que acha minha velha?

DORA

O que você decidir, para mim está bem!

DOCA MARTINS

Então, quando escurecer sairemos!

CECÍLIA

Ficarei esta noite aqui!

DOCA MARTINS

Todos iremos embora!

CECÍLIA

Não tenho para onde!

TITO

Um de nos tomará conta de você!

CECÍLIA

Não quero ser um peso para ninguém! Não me importo de ficar! Amanhã seguirei sozinha ao consulado! Não é longe daqui!

ELZA

Também ficarei, tenho esperança de que Clóvis ainda apareça! Afinal de contas, viemos juntos, não é?

DORA

(TENTANDO QUEBRAR A TENSÃO) Vocês já pensaram como prover a subsistência no exterior? Eu, por exemplo, já estou praticando o meu tricô! (SORRI) E você, Doca?

DOCA MARTINS

Sou excelente chefe de obras! Um bom operário da construção tem trabalho garantido em qualquer parte do mundo!

TITO

Por enquanto, quero sair do país! Quanto ao resto, verei depois! (SAI PELA DIREITA DA CENA).

CECÍLIA

Meu curso de arquitetura pouco me servirá! Mas, redijo bem em português e em inglês! Quem sabe, posso ocupar-me como tradutora, ou coisa assim!

ELZA

Não tenho profissão! Mas estou certa de que sobreviverei! Quanto a vender a minha mais valia, será um problema para o futuro!

CECÍLIA

Claro!

ELZA

Alguém me chamou de festiva hoje aqui!

DORA

(CORTANDO) Doca não falou por mal!

ELZA

Na verdade, sempre fui no bom sentido! Sabe Cecília, na minha cidade é festejada a padroeira, de Dezembro à Janeiro! Quando criança passava o ano inteiro aguardando esse acontecimento!

CECÍLIA

Também sou do interior!

ELZA

A gente se embonecava toda! Minha paixão era ler o futuro na “Caixa da Sorte”. Queria saber se chegaria a casar-me, se meu marido seria um homem bonito!... Essas coisas assim!

DORA

Todas as meninas, nessa idade, sonham com isso!

ELZA

Sabe, eu não era feia, mas não conseguia arranjar namorado! Quando tirava a sorte, os bilhetinhos diziam assim: “Se prepare para a viagem, o seu amor está longe daqui” ou ainda: “Saia deste lugar, se um dia quiser casar”, eu ficava louca da vida!

CECÍLIA

(RI DESCONTRAIIDAMENTE) Não me diga que não conseguiu namorar alguém!

ELZA

Somente um primo!

CECÍLIA

(RI) Um primo!

ELZA

(DISTANTE) Foi bonito! O namoro durou quase três anos. Acabou quando vim estudar na capital! Tudo começou num São João, estava sentada na calçada de casa, à frente, levantaram uma grande fogueira em volta da qual as outras crianças brincavam e algumas pessoas assavam milho verde, eu e ele tínhamos nessa época treze anos de idade. Era um garotão bonito e viera passar o dia conosco! Não desgrudava os olhos de mim! Ah, aqueles olhos lânguidos! Em certo momento, aproximou-se e, sem que eu esperasse, deu-me um beijo. Mal pude recobrar-me da surpresa. Quando o encarei, correu envergonhado!

CECÍLIA

Que romântico!

ELZA

Aí, entrei em casa devagar, pé ante pé, ele estava sentado à mesa, de costas. Aproximei-me e dei-lhe, também, um beijo de surpresa. Ele ficou perplexo, sem conseguir dizer nada! Então,

foi minha vez de correr de volta à calçada! (SUSPIRO) Nunca me esqueci daquele dia! (DE REPENTE A MOÇA SE TORNA SÉRIA. OLHA NA DIREÇÃO DA JANELINHA, VOLTA-SE PARA OS DEMAIS E FALA) Clóvis!... Já anoiteceu e ele não chegou! (SILÊNCIO GERAL) Curioso, eu a critiquei há pouco pela mesma alienação que acabo de incorrer! Enquanto estamos na iminência de sermos presos, torturados, talvez mortos pela ditadura, estou aqui, feito uma idiota, a sonhar com os meus romances juvenis!

DORA

Não há mal nenhum nisso! Mostra apenas que você é humana!

ELZA

(VISIVELMENTE NERVOSA) Olhem para Cecília, que tranquilidade! Quem a vê assim, não pode imaginar o que sofreu! Sabiam que já foi presa? Que foi torturada? Que viu a morte bem juntinho?

CECÍLIA

Por favor, Elza, esse assunto, não!

DORA

Você foi torturada?

CECÍLIA

Quer mesmo saber?

DORA

Devo conhecer as regras do jogo de que participo!

CECÍLIA

(RELEMBRANDO) Era inexperiente e não tinha consciência ideológica! Contudo, sensibilizavam-me as lutas proletárias, no diretório da faculdade e na União dos estudantes mantive os meus primeiros contatos com a juventude comunista. Daí, a filiação partidária, tudo aconteceu rápido! Dias depois, fui presa! O Inferno se abriu diante de mim!

DORA

Entendo!

CECÍLIA

Não, a senhora não entende! (DESFIGURADA) Aqueles homens pareciam feras! Usavam-me da maneira mais torpe em

repetidas sessões de tortura! (AS LUZES SE APAGAM EM RESISTÊNCIA. A CENA, AGORA, MOSTRA UMA DAS DEPENDÊNCIAS DO DOI-CODI, ONDE SE PROCESSAM OS INTERROGATÓRIOS E AS SEVÍCIAS. A ILUMINAÇÃO É INDIRETA E INCIDE SOBRE OS DOIS ÚNICOS PERSONAGENS INSOLITAMENTE EXPOSTOS. AMBOS ESTÃO COMPLETAMENTE DESPIDOS, DE FRENTE PARA A PLATÉIA. SÃO UM HOMEM E UMA MULHER. ELE ESTÁ SUBJUGADO AO TERRIVELMENTE FAMOSO “PAU DE ARARA” ENQUANTO QUE ELA SE ENCONTRA DE PÉ, AMARRADA A UM TRONCO, COM AS PERNAS ENTREABERTAS E ALGEMADAS NO CHÃO. AS LUZES SE PROJETAM SOBRE OS DOIS PERSONAGENS EM LENTA RESISTÊNCIA. UM DIALÓGO PASSA A SER OUVIDO, COMO SE OS INTERLOCUTORES DA CENA, PARTICIPASSEM E, NELA, FOSSEM VISTOS).

VOZ PRIMEIRA

Continuam resistindo!

VOZ SEGUNDA

Esses comunistas preferem sofrer a abrirem o bico!

VOZ PRIMEIRA

Como estão eles doutor? Aguentam mais uma carga?

VOZ SEGUNDA

Sem dúvida, coronel! Apliquei injeção nos dois. Além disso, são moços!

VOZ PRIMEIRA

Então, vamos lá! Pode ser que desta vez eu tenha mais sorte!

VOZ SEGUNDA

Se não precisa mais de mim, coronel vou embora!

VOZ PRIMEIRA

Não quer ficar para assistir?

VOZ SEGUNDA

Não tenho estômago!

VOZ PRIMEIRA

(RISO IRÔNICO) Que alma angelical! (SOLTA UMA GARGALHADA QUE É SEGUIDA PELO RISO DESAJEITADO DA VOZ SEGUNDA. OUVEM-SE PASSOS QUE SE AFASTAM E O BAQUE DE UMA PORTA QUE SE FECHA) Rubem! (GRITO MAIS FORTE) Rubem!...

RUBEM

(DE FORA DA CENA) Pronto coronel!

VOZ PRIMEIRA

Vamos trabalhar!

RUBEM

(DE FORA DA CENA) Quer que chame o capitão Olímpio?
Ele não gosta de perder esses espetáculos!

VOZ PRIMEIRA

Esqueça o Olímpio! Virá de qualquer maneira, quando
começar a ouvir os gritos! Agora vá e prepare os bonecos!

RUBEM

(APARECE NA CENA. APROXIMA-SE DO HOMEM QUE
ESTÁ AMARRADO NO “PAU DE ARARA”. SACODE-O. ESTE SE
CONTORCE E SOLTA UM LONGO GEMIDO. EM SEGUIDA, VAI ATÉ
A MULHER, TOCA-A, ELA SE CONTRAI INSTITIVAMENTE. OLHA-O
NUM MISTO DE ASCO E DE PAVOR. RUBEM SAI E FALA DE FORA
DA CENA) Estão acordados, que quer que eu faça?

VOZ PRIMEIRA

Vou ter uma conversa com eles! (VOZ FORTE, PORÉM MACIA) Escutem! Ouçam vocês dois com atenção, podem não ter mais outra oportunidade de receberem um bom conselho! Quero que entendam que estou sendo honesto! Poupem esse sacrifício inútil! Digam logo o que sabem! Abram o jogo! Queremos apenas os nomes e os endereços, nada mais! (FALSAMENTE EMOCIONADO) Olhem para mim, eu poderia ser pai de vocês! Pensam que não me sinto mal, tendo de presenciar isso tudo? Eu sofro também, meus filhos! Tenho o coração partido! Por Deus que eu sofro! (SOLENE) Mas é meu dever! Tudo pela segurança nacional! (NUM SUSPIRO) Vocês me obrigam! Não me deixam alternativa!

RUBEM

(APARECENDO EM CENA TRAZ A MÃO UM CACETETE DE BORRACHA, COM ELE, BATE, DE LEVE, NAS COSTAS DO HOMEM)
Olhe cara, vai falar ou não vai?

VOZ PRIMEIRA

Por favor, colabore comigo! Digam os nomes dos seus camaradas! Não tenho tempo! (IRRITADO) Vamos, rapaz! Não me faça perder a paciência! (FORTE) Quero os nomes!

HOMEM

(COM VOZ SUMIDA) Não conheço ninguém!

RUBEM

(DESFERE-LHE ALGUNS GOLPES COM O CACETETE DE BORRACHA) Fale logo, porra! Parece que gosta de apanhar, esse filho da puta!

HOMEM

(SOLTA GRITOS DE DOR) Não conheço ninguém! Não sou comunista!

RUBEM

O bicho é durão, coronel!

VOZ PRIMEIRA

(FURIOSO) Não me chame de coronel! Você nunca aprende porra!

RUBEM

Sim senhor, chefe! (VOLTANDO-SE PARA O HOMEM) Por sua causa levei uma bronca! Isso me deixa nervoso! (FORTE) Vai falar, ou não vai, seu viado?

HOMEM

(COM VOZ FRACA) Não conheço ninguém!

VOZ PRIMEIRA

(RUBEM ERGUE A MÃO PARA DESFECHAR NO PRISIONEIRO OUTRO GOLPE DE CACETETE. O CORONEL EXPLODE NUM GRITO ESTÉRICO) Nos testículos, Rubem! Nos testículos!

RUBEM

(COM RISO IDIOTA) Onde?

VOZ PRIMEIRA

(GRITA IMPACIENTE) Nos colhões, porra! (RUBEM PASSA A DESFERIR VIOLENTOS GOLPES ENTRE AS PERNAS DO HOMEM, QUE URRRA DE DOR ATÉ PERDER OS SENTIDOS).

RUBEM

(PARANDO, CANSADO) Saiu do ar, chefe! E agora?

VOZ PRIMEIRA

Vamos ver se a gurria é mais inteligente! (AMANSANDO A VOZ) Minha filha, espero que me evite esse constrangimento! Diga o nome dos seus companheiros de partido e onde posso

encontrá-los! (A MULHER VOLVE O ROSTO PARA O LADO CONTRÁRIO, IGNORANDO A PERGUNTA) Por favor, menina! Colabore comigo e eu serei bom com você! (SILÊNCIO DA PARTE DELA).

RUBEM

Como é, chefe? Dou-lhe umas porretadzinhas para esquentar o sangue?

VOZ PRIMEIRA

Não, seu sanguinário! Eu sou um homem de bom coração! Acha que tenho prazer com isso? (EM TOM MAIS BAIXO, PARA RUBEM) Va buscar a caixa dos milagres!

RUBEM

(SORRI) Sim, senhor, chefe! (SAI DE CENA).

VOZ PRIMEIRA

Não me force a usar a caixa dos milagres! Ela produz choques elétricos muito fortes! Garanto que vai ser uma experiência dolorosa! Porque não acaba com isso e diz logo o que sabe? Sou pai de família! Imagine como me sinto, dirigindo um serviço como este! Mas é o meu dever! É o meu trabalho!

MULHER

Nada a declarar!

RUBEM

(APARECENDO NA CENA) Pronto chefe!

VOZ PRIMEIRA

Pela última vez, vai ou não colaborar?

MULHER

(COM VOZ SURDA) Nada a declarar!

VOZ PRIMEIRA

(GRITO IRRITADO) Nos seios, Rubem! Nos seios! Coloque os terminais nos mamilos!

RUBEM

(COM RISO IDIOTA) Nos peitos? Nos bicos dos peitos?
(RUBEM COLOCA OS TERMINAIS DOS FIOS NOS MAMILOS DA JOVEM E LIGA A DESCARGA. A MULHER EMITE UM GRITO LACINANTE E OS TERMINAIS DESGRUDAM. RUBEM AFASTA A CAIXA DEMONÍACA).

VOZ PRIMEIRA

(GRITA) Quero os nomes! Os nomes!

MULHER

(NUM GEMIDO) Não sei!

VOZ PRIMEIRA

(DESCONROLANDO-SE) Na vagina! Agora, na vagina!

RUBEM

(RINDO BESTIALMENTE) Na bucetinha, chefe? Na bucetinha? (COLOCA OS FIOS NA VULVA DA MULHER E LIGA A DESCARGA. NOVO GRITO DE DOR).

VOZ PRIMEIRA

Os nomes, sua puta! Os nomes!

MULHER

(FRACA) Não sei de nada!

VOZ PRIMEIRA

É o que veremos! (PARA RUBEM) O cassetete, Rubem! (RUBEM DEIXA A CAIXA SOBRE UMA MESINHA E EMPUNHA MAIS UMA VEZ O CACETETE DE BORRACHA. ERGUE A MÃO PARA DESFERIR UM GOLPE NA JOVEM, QUANDO É INTERROMPIDO PELA VOZ DO CORONEL) Não, Rubem! Não é para bater! É para enfiar na vagina dela!

RUBEM

É? (RISO SÁDICO. APROXIMA-SE DA MULHER QUE, DEBALDE TENTA DEFENDER-SE, O CARRASCO FORÇA O CACETETE A PENETRAR O VENTRE DA MULHER. GRITOS DE DOR. RISOS ESTÉRICOS DOS TORTURADORES).

VOZ PRIMEIRA

(GRITOS FRENÉTICOS) Não quer falar, não é? Não quer falar? Pois bem (FORTE) Bota tudo! Empurra tudo, Rubem! (GRITOS E RISOS. AS LUZES VÃO SE APAGANDO EM RESISTÊNCIA ATÉ COMPLETA ESCURIDÃO. AO ACENDEREM, A CENA RETORNA AO PLANO REAL. TODOS SE ENCONTRAM EM PROFUNDO SILÊNCIO. CECÍLIA, CABISBAIXA, PROCURA CONTER A EMOÇÃO QUE A DOMINA, NESTE MOMENTO, TITO SURGE DO INTERIOR DO PORÃO).

TITO

Seu Martins venha ver o que encontrei! Depressa!

DOCA MARTINS

(ERGUENDO-SE DE UM SALTO) Já vou! (OS DOIS
DISAPARECEM PELA DIREITA).

DORA

(PREOCUPADA) O que será?

CECÍLIA

Tito parece assustado!

ELZA

(ENCAMINHANDO-SE PARA SAIR) Preciso saber do que
se trata!

DORA

(FORTE) Por favor, fique! Foi apenas o meu marido quem
ele chamou! (ELZA VOLTA-SE, BREVE SILÊNCIO).

ELZA

Está bem! (VAI ATÉ A JANELINHA, ABRE-A, OLHA O EXTERIOR, DIRIGE-SE AOS DEMAIS E FALA) Já anoiteceu!

CECÍLIA

Clóvis não virá! (TRANSIÇÃO) Acho que já decidimos o que fazer!

ELZA

Seja o que Deus quiser!

DORA

É muito bom, minha filha, que em certos momentos a gente se lembre de Deus! Mesmo quando se é materialista!

ELZA

(DESCONCERTADA) Ora, é o hábito! Nada mais!

DORA

(TITO E DOCA MARTINS VOLTAM A CENA. DORA DIRIGE-SE AO MARIDO) Que houve?

DOCA MARTINS

Foi encontrado um caixote cheio de armas e impressos do partido comunista!

CECÍLIA

Armas?

TITO

la arrastar o caixote para sentar-me! Estava pesado! A curiosidade me levou a examinar o que continha nele. Aí descobri os armamentos: dois revólveres, uma pistola mauzer, uma metralhadora e munições! Tudo estava envolvido por esses panfletos (DISTRIBUI OS PAPÉIS COM DORA, ELZA E CECÍLIA).

CECÍLIA

(DEPOIS DE LER) Não sabiam dessas armas? Os impressos são nossos?

TITO

Não! É estranho! Clóvis teria falado a respeito!

DORA: (AFLITA) O que está acontecendo? Podem me explicar?

DOCA MARTINS

Sinceramente, eu não sei minha velha!

CECÍLIA

As coisas estão claras!

TITO

Que quer dizer?

CECÍLIA

Caímos numa armadilha!

DOCA MARTINS

O quê?

CECÍLIA

Uma cilada! As armas são da polícia, para forjarem uma suposta resistência da nossa parte!

ELZA

Isso não poderia ser possível, a menos que Clóvis...

CECÍLIA

Agora você alcançou a realidade!

ELZA

(RESISTINDO) Não pode ser!

CECÍLIA

É evidente que fomos traídos!

ELZA

(NUMA EXPLOSÃO) Não vou ficar aqui, para ouvi-la ofender injustamente uma pessoa a quem eu amo! (SAI PARA O INTERIOR DO PORÃO).

CECÍLIA

Foi bom que Elza se afastasse senhor Martins! Uma ideia vem me assaltando nesses últimos instantes! De repente, o nome de Clóvis começa a sofrer dentro de mim uma espécie de rejeição! Alguma coisa me diz que ele não é aquilo que nós julgamos que seja!

DOCA MARTINS

Em que se baseiam as suas suspeitas?

CECÍLIA

Elza jamais me falou sobre ele, obviamente induzida a isso! Mas o senhor... O senhor pode descrevê-lo agora!

DOCA MARTINS

Quando o vi pela primeira vez, o sindicato estava em assembleia geral e discutiam-se problemas da categoria. Clóvis infiltrou-se e fez amigos. Simpático, alvo, alto, rosto alongado de traços finos, olhos vivos e fala mansa, em pouco tempo conquistou a confiança de todos, inclusive a minha!

CECÍLIA

(TRÉMULA) Continue!

DOCA MARTINS

Era profundo conhecedor de assuntos sindicais! Empolgava com seus argumentos! Passei a admira-lo. Algumas vezes, convidei-o a visitar minha família, sempre conseguia declinar desse convite sem deixar ressentimentos! Quando as perseguições começaram a atingir os sindicatos, foi quem primeiramente me aconselhou a pedir asilo político!
(TRANSIÇÃO) Não entendi como pode estar envolvido com essas armas e porque você afirma termos caído numa cilada!

CECÍLIA

Planejam acabar conosco, seu Martins! É assim que agem! Essas armas são a justificativas deles para o uso da violência! Está muito claro, vocês não veem? Neste momento, sei que estão em toda parte, observando, aguardando o momento exato da chacina!

DORA

Por Deus, o que você está dizendo (ELZA APARECE E FICA, DISCRETAMENTE, OUVINDO O DIÁLOGO).

TITO

O que Clóvis representa nisso tudo?

CECÍLIA

Ele é agente do SNI!

DORA

Como é possível?

CECÍLIA

O verdadeiro nome é Olímpio! Capitão Olímpio!

TITO

Não pode estar tão certa! (TRANSIÇÃO) Ora, ele teve oportunidades de nos denunciar! Se fosse um agente do SNI já o teria feito! Embora reconheça que a ausência de Clóvis e o aparecimento dos panfletos e dessas armas sejam um fato comprometedor, mesmo assim acho a sua teoria improvável! Muito fantasiosa!

CECÍLIA

É verdade! Ele nos tinha em suas mãos! Éramos peixes pequenos e o capitão Olímpio planejava uma boa pescaria! Mas nós tínhamos um papel a desempenhar no jogo que estava sendo armado: eu, Elza e você Tito, seríamos as iscas!

DOCA MARTINS

Não estou entendendo!

CECÍLIA

Clóvis visava o senhor, seu Martins! Mas não possuía razões suficientes! O senhor era um trabalhador correto, chefe de família dentro dos padrões convencionais. Sendo o senhor

um homem independente, uma grande e decisiva liderança sindical que ousara desafiar os interesses dos pelegos da ditadura, era preciso arranca-lo do caminho. Mas, como fazer isso, com uma boa justificativa? Juntando-o a alguns comunistas solitários e sem rumo, numa só ratoeira!

DORA

Isso é aterrador!

CECÍLIA

Amanhã os jornais certamente anunciarão o desbaratamento de mais um aparelho comunista. Farão alarde do material subversivo e da grande quantidade de armamentos encontrados. Mas, a notícia que trará maior perplexidade é a de que um conhecido e respeitado líder sindical comandava os terroristas!

DORA

(CORRE, AFLITA, PARA O MARIDO) Estou apavorada!

DOCA MARTINS

(ABRAÇADO-A) acalme-se! Tudo isso é conjectura!

TITO

(AFLITO) Não devemos esperar mais! Deixe-me ir na frente. Farei uma observação cuidadosa dos arredores. Se não houver nada de anormal nas ruas eu irei embora! Vocês aguardem apenas dez minutos. Saiam de dois em dois e tomem destinos diferentes. Elza e Cecília, o senhor Martins e a esposa! (TENSO) Caso contrário, voltarei de onde estiver e virei avisá-los!

DOCA MARTINS

Está combinado! Boa sorte, rapaz!

TITO

Obrigado! (O MOÇO ENCAMINHA-SE ATÉ A PORTA DA ESQUERDA, ABRE-A E DESAPARECE DE CENA. DOCA MARTINS FECHA A PORTA E SE DIRIGE A JANELINHA, A FIM DE OBSERVAR A SAÍDA DE TITO. LÁ FORA ESTÁ ESCURO E A VISÃO É DIFÍCIL. NA CENA, UMAS VELAS SÃO ACESAS POR DORA, PERMITINDO TÊNUE ILUMINAÇÃO).

ELZA

(APROXIMANDO-SE) Ouvi tudo o que disseram! (TRÊMULA, PARA CECÍLIA) Você nunca me falou de capitão

Olímpio. Por que está tão segura de que ele e Clóvis sejam a mesma pessoa?

CECÍLIA

E quanto a Clóvis! Por que não quis que o conhecesse!

ELZA

Ele tinha de preservar-se. Era uma questão de segurança!

CECILIA

E nós? Que segurança tínhamos da honestidade dele?
(PAUSA) Quer saber por que estou certa da verdadeira identidade de Clóvis? Porque as descrições que foram feitas aqui, ajustam-se perfeitamente!

DORA

(PERPLEXA) Esse homem seria tão monstruoso, a ponto de submeter a mulher que o ama, grávida de um filho dele, a tamanha provocação?

CECÍLIA

A senhora é criatura incapaz de um gesto cruel! Mas, no mundo em que vivemos, nem tudo é bondade! Existem pessoas que desconhecem o significado da lealdade, da solidariedade!

São tipos sórdidos, imorais! Se tem de trair, traem! De mentir, mentem! Frios e insensíveis como feras são eles os capitães olímpios da vida, ou quantos nomes queiram lhes dar!

ELZA

Fale sobre ele! Sobre o capitão Olímpio que você conheceu!

CECÍLIA

O capitão Olímpio é um agente da repressão que se infiltra nos movimentos políticos, em grupos universitários e sindicais. Seu objetivo é denunciar aquelas pessoas que o regime considera indesejável! A tática que usa é a mais covarde, finge-se de amigo e conquista a confiança das suas vítimas! Quase sempre, envolve-se emocionalmente com alguém do grupo, que possa servir às suas maquinações. (TRANSIÇÃO) Eu também o conheci Elza! Mais que isso, apaixonei-me por ele! Eu era perfeita, bonita, cheia de vida como você! Ele se mostrou um simpatizante da nossa causa e, por meu intermédio, conheceu alguns dos nossos companheiros! (EMOÇÃO) Muitos foram presos, torturados e assassinados pela ditadura! Mesmo depois de tudo o que sofri, até hoje não consegui me perdoar por tamanha inexperiência!

ELZA

(ATORDOADA) Quer dizer que Clóvis me usou!... Que as pessoas que apresentei a ele... As informações que revelei... (PERPLEXA) Não é possível! (REAGINDO) Espera que acredite no que está me dizendo?

CECÍLIA

Daria a minha vida para que estivesse errada! (RUÍDOS DE CARROS QUE SE APROXIMAM. SIRENES DE POLÍCIA ECOAM PRÓXIMAS. UMA VOZ PROJETADA DE LONGE FAZ-SE OUVIR).

VOZ

Você aí! Pare! Fique onde está! (MAIS FORTE) Pare, já disse! (UMA RAJADA DE METRALHADORA ECOA NO AR).

DOCA MARTINS

Santo Deus! É a polícia! (VAI ATÉ A JANELINHA TENTANDO OBSERVAR ALGUMA COISA) Tito! Pobre rapaz! Era ele!

ELZA

(DESESPERADA) Eu o apresentei a Clóvis! Convenci-o a juntar-se ao grupo!

DOCA MARTINS

Vamos manter a calma!

VOZ

(DE FORA) Atenção! Vocês dentro da casa! Não tentem reagir! Estão cercados!

DORA

Estão falando conosco como se fôssemos bandidos!

VOZ

Sabemos que estão armados! Rendam-se! Vocês não têm chance! Não nos forcem a agir com firmeza!

DOCA MARTINS

As armas não são nossas! Devem saber disso!

CECÍLIA

(SOLENE) Eles sabem de tudo! Foram eles mesmos que armaram esta farsa!

ELZA

(DESESPERADA) Não sou criminosa! Quero falar com Clóvis! Ele pode salvar a minha vida! Não quero morrer!

DORA

(ABRAÇA ELZA) Controle-se, minha filha! Se tiver de acontecer, vamos, pelo menos, receber a morte com um pouco de dignidade!

DOCA MARTINS

Eles querem apenas nos prender! Não há razão para se pensar no pior. Nós não vamos reagir!

ELZA

(DESCONTROLADA) Estou grávida! É um filho de Clóvis! Se eu fosse lá dizer que estou grávida! (GRITA) Estou grávida! (CORRE A JANELINHA) Eu quero falar com Clóvis! Estou grávida, não quero morrer!

CECÍLIA

Por favor, Elza! Ninguém vai ouvi-la!

ELZA

(CORRE DESESPERADA ATÉ A PORTA) Não vou ficar aqui!

DOCA MARTINS

Pare Elza! (ELZA SAI DE CENA PELA PORTA).

ELZA

(DE FORA DA CENA) Sou eu, Clóvis! Salve a minha vida!

VOZ

Fique onde está! Levante as mãos!

ELZA

(FORA DE CENA. TRANSTORNADA) Estou me entregando! Não atirem!

VOZ

Pela última vez, fique onde está!

ELZA

Estou grávida! Estou grávida! (UMA RAJADA DE METRALHADORA FAZ-SE OUVIR LA FORA. PERPLEXIDADE NA CENA).

DOCA MARTINS

(TRANSTORNADO) Não atirem! Vocês estão matando uma criança! Assassinos! (COM VOZ EMBARGADA) Ela era apenas uma criança!

DORA

(EM PRANTOS) Que espécie de homens são estes que torturam e matam em nome do estado! Que estado é esse que massacra os sonhos e os ideais de um povo, semeando o ódio e a violência? (A CENA CAI EM TOTAL ESCURIDÃO. JATOS VERMELHOS DE LUZ ACENDEM E APAGAM NUM RITMO ESTONTEANTE. OUVEM-SE RAJADAS DE METRALHADORAS E TIROS ESPARSOS. NO PALCO, OS PERSONAGENS TOMBAM EM CAMARA LENTA. ESCURECE COMPLETAMENTE. UM JATO DE LUZ AMARELA FOCALIZA, NO PROSCENIO, A FIGURA DE CECÍLIA NA SUA CADEIRA DE RODAS).

CECÍLIA

O Homem nasce escravo, mas busca a liberdade! Em meio as trevas, procura a luz e isto é um ato de libertação! Ignorante, busca aclarar as suas dúvidas. Na medida em que vai encontrando respostas para as inquietações, sente-se mais livre! No mundo em que vivemos, o forte domina o fraco, mas a

consciência o liberta! A dominação do homem pelo homem é um ato de violência contra a própria espécie, violência referendada pelo mito de divindade! Essa aberração deu ensejo para que alguns homens se julgassem deuses e passassem a decidir a vida e a morte de seus semelhantes! Aí tem início a grande tragédia humana! A consciência mostra o inevitável caminho da luta revolucionária: luta pela igualdade, contra o fogo da metralha opressora! Luta pela fraternidade universal e pela liberdade contra a espoliação e a tirania! O homem um dia ainda há de vencer a fera e todos seremos felizes, quando não mais existirem países, bandeiras, partidos, religiões e hinos nacionais! Quando no lugar de tudo o que divide o homem erguer-se, então somente, o único e indivisível pavilhão do verdadeiro humanismo! (A MUSICA TEMA DA PEÇA QUE ACOMPANHA O DISCURSO FINAL DE CECÍLIA SOBE A TODA INTENSIDADE. AS LUZES SE APAGAM EM RESISTÊNCIA E A CORTINA SE FECHA).

PEDRO ONOFRE DE ARAÚJO

TERRA MALDITA

PEÇA EM 3 ATOS

TERRA MALDITA

O Drama Social deve, necessariamente, reproduzir uma realidade sociológica. “TERRA MALDITA” se propõe retratar em um dado momento na vida nordestina, em um passado não muito distante. A violência e a dominação dos coronéis de mato, herança macabra do feudalismo que ainda hoje sobrevive em perfeita harmonia com um capitalismo dependente e cheio de contradições, foram com maior intensidade do que hoje, há pouco mais de duas décadas, a tônica predominante da região. Assim era nos sertões, onde pontilhavam, de um lado, as pequenas propriedades com suas culturas de subsistência e, de outro, os grandes latifúndios, a maioria dos quais improdutivos, poucos, em parte, aproveitados na criação de rebanhos bovinos e caprinos, restando, a uma atividade agrícola esparsa e rudimentar, terras inóspitas, aqui e acolá entremeadas por cultivos da palma e do capim amarelecidos pelo sol abrasador. Na zona da mata, onde até hoje predomina a monocultura açucareira, altamente concentradora de rendas em poucas mãos e geradora de atraso, endemia e pobreza: Monocultura verdugo da força do trabalho assalariado, tão escravizada quanto a mão de obra negra que antecedeu. Nesse contexto de exploração da mais valia absoluta,

o camponês sofria (E ainda sofre) a dominação econômica do latifundiário e era quase sempre vítima indefesa da violência física cultivada pela impunidade. Em 1964, a Reforma Agrária proposta pelo governo constitucional acena como uma feliz perspectiva para a grande massa trabalhadora do campo; As trevas desceram sobre o País. De lá para os nossos dias muita coisa mudou: Os sertões foram cortados por estradas asfaltadas; O rádio, a televisão o telefone, a luz elétrica, a multiplicação dos meios de transporte, todo o arsenal de desenvolvimento tecnológico mudou a fisionomia rural. Aparentemente, o progresso chegou. Mas, para quem? Se olharmos detidamente, o essencial nada mudou, ou mudou para pior. As pequenas propriedades de subsistência desapareceram, os latifúndios tornaram-se cada vez mais externos, os “coronéis”, mais ricos e poderosos. Hoje, nos sertões, em contraste com a riqueza dos grandes senhores, existe uma população agrária raquítica, descrente, sem-terra, sem pão, sem glória e sem esperança! Na Zona da Mata, contrastando com a poderosa usina de açúcar e do álcool, uma legião de infelizes, subnutrida, enferma, vende, pelo pão que o diabo amassou, a última gota de sangue.

Por isso “TERRA MALDITA”, que escrevi em 1963 retratando uma realidade presente àquela época, é, ainda hoje, uma peça atual na sua verdade e na sua denúncia!

PERSONAGENS

JOSÉ PEDRO – Pequeno agricultor (35 anos).

SEBASTIÃO – Pai de José Pedro (Sexagenário).

MARIA – Filha de José Pedro (17 anos).

DELEGADO – Sargento de polícia (Tipo: grosseiro).

ANTÔNIO – Namorado de Maria (Almocreve).

CORONEL – Velho, forte e arrogante.

FIRMINO – Meia idade (Morador de Zé Pedro).

CABO DE POLÍCIA

Camponeses

Soldados de polícia

Cabras do coronel

PRIMEIRO ATO

O dia desponta. a cena está deserta. Um galo canta no fundo do quintal, soa um mugido de boi, distante. À esquerda, vê-se a frente da cabana, construída de taipa e sem reboco, a porta está fechada. Não é inteiriça, parte-se ao meio, como a maioria das portas das casas do interior. A cena é o terreno da casa, cercado de pau-a-pique. À direita, um carro de boi repousa recostado ao tronco de uma árvore. no meio da cena um banco, talhado de forma rústica, compõe o terreiro. No fundo, o cerrado e o céu azul, o dia vai amanhecendo. A porta da casa abre-se, na parte superior, com um rugido surdo. Um homem aparece e se debruça na porta. Em seguida, sai ao terreiro, espreguiça-se, abotoa a camisa, abre a porteira que divide o cercado, e por ele passa, desaparecendo de cena. Segundos depois, surge também, do interior da casa, uma jovem dos seus dezessete anos. Traz as costas um pote de barro, transpõe a cena e sai pela direita. O palco permanece deserto por alguns segundos. De repente, uma voz de homem faz-se ouvir em gritos desesperados.

JOSÉ PEDRO

(DE FORA) Tange pra lá! Cuidado pra não pisar os canteiros! Como peste arrombaram esta cerca? O gado está estragando a plantação toda! (VEM À CENA E FALA NA DIREÇÃO DA CASA) Pai! Pai! Ajude aqui!

SEBASTIÃO

(SURGE A PORTA) Que diabo está havendo, homem?
(DIRIGE-SE A JOSÉ PEDRO).

JOSÉ PEDRO

É a peste mesmo, pai! Arrombaram novamente a cerca!

SEBASTIÃO

De novo?

JOSÉ PEDRO

No mesmo lugar!

SEBASTIÃO

Isso é coisa mandada!

JOSÉ PEDRO

Ora se é! O cabra quanto mais rico, mais miserável!
Vamos embora!... (VAI NA FRENTE. O VELHO O ACOMPANHA.
AMBOS SAEM. MARIA REGRESSA COM O POTE CHEIO D'ÁGUA.
ENTRA NA CASA E, INSTANTES DEPOIS, REAPARECE,
ENCAMINHA-SE ATÉ O BANCO DE MADEIRA, SENTANDO-SE
PARA DESCANÇAR. UM RAPAZ APROXIMA-SE PELA DIREITA,
DEBRUSA-SE NA CERCA E FALA).

ANTÔNIO

Maria!

MARIA

(VOLVENDO O OLHAR NA DIREÇÃO DO VISITANTE) Você?
Chegue pra cá! (O RAPAZ TRANSPÕE A PORTEIRA E SE APROXIMA
DE MARIA, SENTANDO-SE AO LADO DELA).

ANTÔNIO

E seu Zé Pedro?

MARIA

Pai está na roça! (MOSTRANDO O VESTIDO
LIGEIRAMENTE MOLHADO) Fui ver água no açude!

ANTÔNIO

Eu vi você quando vinha de lá!

MARIA

Viu?

ANTÔNIO

Vi!... Andei pra lhe ajudar com o pote, mas você ia tão apressada que eu pensei que estivesse fugindo de mim!

MARIA

(SORRI) Depois que o coronel começou a bulir com a gente eu vou ao açude às carreiras!

ANTÔNIO

É mesmo! Os moradores dele são muito atrevidos!

MARIA

Eu tenho um medo danado!

ANTÔNIO

(PROCURANDO SER GENTIL) Você está muito bonita hoje!

MARIA

(PROVOCANTE) Somente hoje?

ANTÔNIO

Todo dia! Mas hoje está mais bonita do que nunca!
(SORRI) Olhe, ainda ontem seu Zé Pedro me jogou umas indiretas, atirou umas verdes! Eu quase caí, sabe? Será que ele descobriu que a gente se gosta, Maria?

MARIA

Acho que sim!

ANTÔNIO

De verdade?

MARIA

Pai tem vindo com umas conversas pra mim... E eu fico calada! Diz que quem cala, consente!

ANTÔNIO

Que acha se eu pedisse você agora em casamento?

MARIA

(FELIZ) Antônio! (TRANSIÇÃO) Ainda não! Ele anda muito aperreado! (ZÉ PEDRO APARECE SEGUIDO POR SEBASTIÃO, TRANSPÕE A PORTEIRA E SE DIRIGE AOS DOIS JOVENS).

JOSÉ PEDRO

(PARA ANTÔNIO) Você madrugou hoje!

ANTÔNIO

(LEVANTANDO-SE) Ia passando! Tenho de levar a burrama até a Lagoa da Cruz! Vi Maria e parei pra conversar um pouquinho!

MARIA

(EMBARAÇADA) Ele me viu quando eu voltava do açude!

ANTÔNIO

(QUERENDO SER AGRADÁVEL) Como é que vai o senhor, seu Zé Pedro?

JOSÉ PEDRO

(SENTANDO-SE NA CALÇADA) Do jeito que estou vendo, eu me mando daqui, ou vai haver sucesso por estes dias!

ANTÔNIO

(NERVOSO) Seu Zé Pedro... Eu quero lhe dizer uma coisa... Tenho boa intenção com Maria!

JOSÉ PEDRO

É bom saber disso! (MUDANDO DE ASSUNTO) Mas não é sobre você que estou falando! Você é um moço direito! (COM VOZ SURDA) Esta é a segunda vez que o coronel manda arrombar acerca do meu roçado e soltar o gado dentro!

ANTÔNIO

(COM CERTO ALÍVIO) E... Estragou muito?

JOSÉ PEDRO

Mais de uma tarefa de algodão!

SEBASTIÃO

(QUE À CONVERSA ASSISTIA, REOSTADO NA PORTEIRA)
Parece que é castigo!

JOSÉ PEDRO

Que castigo que nada, pai! Isso é gente ruim! O coronel quer, por fina força, que eu venda minha propriedade a ele! Não

se contenta com o mundão de terra que possui coberto pelo matagal!

SEBASTIÃO

Não sei! Isto tudo é provação! Desde que tua mulher morreu... E tu te alembra como foi!

MARIA

(SUPLICANDO) Avô!

SEBASTIÃO

Tudo tem desandado por aqui! Uma vez é a seca que torra tudo, quando chove, são os lagartos que comem a plantação!

ANTÔNIO

Quando a seca vem, seu Sebastião sofre todo mundo! Até mesmo o coronel, que é rico!

JOSÉ PEDRO

Aquela peste sofre nada! Ainda não vi uma seca, por mais infeliz que fosse que fizesse o coronel não ter safra! Parece que Deus só olha para os ricos! O pobre é sempre um excomungado!

MARIA

Pai, isso é heresia!

JOSÉ PEDRO

Que heresia, que nada! Eu já estou por tudo!

SEBASTIÃO

Eu sou experimentado! Quando as coisas começam assim... (SAI PARA O INTERIOR DA CASA).

JOSÉ PEDRO

(DIRIGINDO-SE A ANTONIO) Eu não quis dizer na presença do velho, mas tenho engolido muito desaforo dos cabras do coronel. Infelizmente não posso desabafar! É o chefe político, manda em tudo, até na polícia! O delegado faz tudo o que ele quer!

ANTÔNIO

É preciso ter paciência seu Zé Pedro! Falta pouco tempo para as eleições! Pode ser que, com o outro governador, as coisas mudem.

JOSÉ PEDRO

É difícil!

MARIA

Pai dê licença, que eu vou olhar a panela que está no fogo!

JOSÉ PEDRO

(PARA MARIA) Vá!

ANTÔNIO

Eu sou almocreve... E almocreve sabe de muita coisa! Anda muito! Semana passada, cheguei perto de Maceió e assisti a um comício. Tinha gente pra danar! O Homem dizia muita coisa boa, falava numa tal de reforma agrária!

JOSÉ PEDRO

Reforma Agrária?

ANTÔNIO

Sim! É um negócio novo!

JOSÉ PEDRO

E o que é isso?

ANTÔNIO

Eu também fiquei matutando quando ele falou! Somente depois que o doutor explicou tudo, é que eu fiquei compreendendo que o negócio dá sorte mesmo!

JOSÉ PEDRO

E como é?

ANTÔNIO

(RI) O coronel é que não ia gostar!

JOSÉ PEDRO

O que é que o coronel tem com isso?

ANTÔNIO

É o seguinte: o governo toma as terras de quem possui muita divide com os pequenos! Todo mundo, com a Reforma Agrária, tem direito a um pedaço de terra pra plantar!

JOSÉ PEDRO

Isso é conversa fiada, Antônio! (MARIA RETORNA À CENA
E FICA OBSERVANDO A CONVERSA).

ANTÔNIO

O povo anda doido atrás do homem! Somente azar pode
fazer ele perder as eleições!

JOSÉ PEDRO

Quero ver a cara do coronel se esse homem for eleito!

ANTÔNIO: Seria bom!

JOSÉ PEDRO

Mas é difícil!

ANTÔNIO

Não é difícil, não! Olhe seu Zé Pedro...

JOSÉ PEDRO

(CORTANDO) E você acha que os coronéis vão deixar o
pessoal votar nesse homem? Essa raça é muito poderosa,
Antônio! Não vai entregar o poder assim tão fácil!

ANTÔNIO

O povo não é mais besta, não seu Zé Pedro! O voto é secreto, não é? A gente leva as chapas do coronel na mão, pra enganar! Mas a chapa do nosso candidato vai num bolsinho da cueca!

MARIA

(APARECENDO) O avô é de opinião que o pai venda a propriedade ao coronel para evitar desgraça!

JOSÉ PEDRO

Vendo coisa nenhuma, prefiro morrer! Dê licença, Antônio. Vou lá dentro! Só faltava essa! (RESMUNGANDO, ENQUANTO SE DIRIGE AO INTERIOR DA CASA) O velho quando bota uma coisa na cabeça não tem quem tire!

ANTÔNIO

(PARA ZÉ PEDRO) Seu Zé Pedro...

JOSÉ PEDRO

(VIRANDO-SE) Que é que há?

ANTÔNIO

É sobre o que eu falei! Com relação a mim e a Maria! O senhor sabe... A gente se gosta! Consente que eu me case com ela?

JOSÉ PEDRO

(SILÊNCIO. ENCARA O RAPAZ) Não acha o momento impróprio para um pedido de casamento?

ANTÔNIO

O senhor desculpe...

JOSÉ PEDRO

É muito cedo pra vocês pensarem assim! Vamos deixar as coisas melhorarem! Os tempos, por enquanto, estão escuros!
(JOSÉ PEDRO SAI DE CENA).

MARIA

Antônio, você não devia! Se avexou sem necessidade!

ANTÔNIO

Eu tinha que dizer Maria! A gente não podia continuar assim, às escondidas!

MARIA

(ENLEVADA) Eu sou tão feliz!

ANTÔNIO

E eu também!

MARIA

Se não fosse essa situação...

ANTÔNIO

Não fale nisso agora! Por que pensar em coisas tristes,
quando se está feliz?

MARIA

Tem razão!

ANTÔNIO

Vou embora! Estou com burrama toda carregada. Outra
hora passo por aqui! (SEGURA RAPIDAMENTE O ROSTO DE
MARIA E BEIJA-O).

MARIA

(ASSUSTADA) Antônio! (O RAPAZ AFASTA-SE, A MOÇA SE RECOMPÕE E ACENA PARA O NAMORADO) Adeus, Antônio, volte logo! (MARIA VAI ATÉ A PORTEIRA, FICA EM SILÊNCIO, OBSERVANDO A DIREÇÃO QUE ANTÔNIO TOMOU. RETORNA EM SEGUIDA, AO MEIO DA CENA, CANTAROLANDO).

“A chuva choveu

mas não me molhê;

está chegando a hora de eu olhar pro meu amô, ai, ai “()*

DELEGADO

(QUE CHEGOU SORRATEIRAMENTE) Bom dia!

MARIA

(TEMEROSA) Bom dia, sargento!

DELEGADO

Pelo visto está muito alegre hoje!

MARIA

(CONFUSA) Não... Quer dizer... Estou como sempre!

DELEGADO

Mas hoje deve ter havido alguma coisa muito importante
pra você está tão alegre!

MARIA

É! (PROCURANDO SAFAR-SE) O senhor sargento quer
alguma coisa?

DELEGADO

Esperem... Deixe-me ver! Sim, um copo d'água!

MARIA

É já!

DELEGADO

Esperem! (MARIA VOLTA-SE) Não precisa tanta pressa!

MARIA

(TEMEROSA) Mas o senhor deve estar com sede!

DELEGADO

Nem tanto! Aguento alguns minutos mais!

MARIA

Está certo!

DELEGADO

Seu Zé Pedro está?

MARIA

(ATEMORIZADA) É com pai? Quer falar com ele?

DELEGADO

Não! Só pra saber!

MARIA

Está sim! Está conversando com o avô!

DELEGADO

(CÍNICO) Que pena!

MARIA

(SEM COMPREENDER) Pena?

DELEGADO

Nada, não! Va buscar a minha água!

MARIA

(OBEDIENTE) Sim senhor! (ENCAMINHA-SE PARA IR).

DELEGADO

Olhe! (MARIA VOLTA-SE) Não diga a ele que estou aqui!

MARIA

(MEDROSA) Sim, senhor! (SAI)

DELEGADO

(SORRI) Pombinha lesa! (TRANSPÕE A PORTEIRA, OLHA PARA TODOS OS LADOS, EXAMINA DETIDAMENTE O TERREIRO E VAI SENTAR-SE NO BANCO).

MARIA

(RETORNANDO A CENA COM UM COPO D'AGUA) Olhe a água!

DELEGADO

(TOMANDO-LHE O COPO DAS MÃOS) Obrigado! (BEBE. MARIA ESTÁ IMÓVEL. OLHA-O COMO SE VISSE O DEMÔNIO) Está com medo de mim?

MARIA

Não... Não, senhor!

DELEGADO

Parece!

MARIA

É... Que...

DELEGADO

Deixe-me ver a sua mão! (MARIA OBEDECE COM CERTA INDECISÃO) Está fria!

MARIA

Estou meio adoentada!

DELEGADO

(MANSAMENTE) Não minta! Fica feio uma boneca como você andar mentindo! (MARIA QUER FALAR, O SARGENTO PROSSEGUE) Você é muito bonita, sabe? Uma boneca mesmo! Mãos tão finas engrossando no cabo da enxada! É uma pena!

MARIA

Tenho de ajudar meu pai!

DELEGADO

Você poderia ajudar de outra maneira!

MARIA

Como?

DELEGADO

Sente-se aqui perto de mim! (MARIA OBEDECE
TIMIDAMENTE, MANTENDO-SE O MAIS POSSIVEL AFASTADA)
Chegue mais perto! Eu não sou bicho!

MARIA

(NERVOSA) Eu sei... Mas é que pai...

DELEGADO

Qual é a sua idade?

MARIA

Dezessete anos!

DELEGADO

Já está crescadinha bastante... Pra sentir prazer nos braços de um homem, não está?

MARIA

(REAGINDO) Delegado?!

DELEGADO

Me chame de Augusto!

MARIA

(ASSUSTADA) Sim, seu Augusto!

DELEGADO

Augusto, somente!

MARIA

Augusto!

DELEGADO

Já tem namorado? Claro que sim! (MARIA BAIXA OS OLHOS) Sabe, eu simpatizo muito com você! Se quisesse eu lhe daria uma vida melhor!

MARIA

(ERGUENDO-SE DE SÚBITO) Delegado!

DELEGADO

(CÍNICO) Eu disse alguma coisa de mais?

JOSÉ PEDRO

(DE DENTRO DE CASA) Maria...

MARIA: (GRITANDO) Senhor, pai!

JOSÉ PEDRO

(AINDA DE DENTRO DE CASA) O Antônio ainda está aí?

MARIA

Está não, pai, já foi não tem ninguém!

DELEGADO

(SORRIDENTE) Muito bem, já estamos começando a nos entender!

MARIA

Seu delegado, por favor...

DELEGADO

Deixe de ser boba, Maria, você pode ser minha, ninguém vai saber! Olhe aqui... Eu talvez possa convencer o coronel a ser mais bonzinho! A deixar Zé Pedro em paz!

MARIA

Não, por favor, delegado! Pai pode tomar conhecimento e não vai gostar! Eu sou noiva, sabe? Sou noiva!

JOSÉ PEDRO: (APARECENDO A PORTA) delegado, o senhor por aqui?

DELEGADO

Bom dia seu Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

Bom dia!

MARIA

Dê licença que eu vou lá pra dentro! (SAI APRESSADA).

DELEGADO

Sua filha já está uma moça, não é?

JOSÉ PEDRO

(SÉRIO) Está uma moça!

DELEGADO

O senhor parece preocupado!

JOSÉ PEDRO

É verdade, foi até bom que aparecesse por aqui! Pode tomar uma providência para evitar que eu me desgrace!

DELEGADO

Que houve, homem?

JOSÉ PEDRO

Eu queria mostrar ao senhor... O coronel vem me provocando. Essa semana mesmo, duas vezes ele mandou arrombar acerca do meu roçado e botar o gado em cima da plantação!

DELEGADO

(COM UM SORRISO AMARELO) Não é possível!

JOSÉ PEDRO

É possível sim!

DELEGADO

O coronel não é homem pra isso, seu Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

É homem pra isso e coisa pior! Mas eu sei o que ele quer... Me obrigar a lhe vender as minhas terras por um preço miserável! Há pessoas, delegado, que enriquecem com a desgraça dos outros! O coronel é uma dessas!

DELEGADO

(MARIA APARECE E FICA OBSERVANDO DE LONGE, A CONVERSA DOS DOIS) Está fazendo uma acusação muito grave!

JOSÉ PEDRO

O senhor mesmo pode ser testemunha, é somente ir comigo até o roçado! Desta vez, foi mais de uma tarefa estragada!

MARIA

(INTERVINDO) Pai, por favor!

JOSÉ PEDRO

E não é somente isso, os cabras dele tem me provocado me jogado desaforo... E eu tenho que engolir tudo calado se quiser viver!

DELEGADO

(FALSA DIGNIDADE POLICIAL) Seu Zé Pedro, quer me mostrar o local onde a sua roça foi estragada? Tenho de fazer a vistoria, se é que o senhor deseja apresentar oficialmente a sua queixa!

JOSÉ PEDRO

Vamos! (JOSÉ PEDRO SAI NA FRENTE, O DELEGADO, EM SEGUIDA. ESTE, MAIS ADIANTE PÁRA E LANÇA UM SORRISO MALICIOSO PARA MARIA).

MARIA

(O VELHO SEBASTIÃO SURGE A PORTA. ENCAMINHA-SE AO TERREIRO E FICA AO LADO DA MOÇA) Meu Deus do céu! Pai está confiando neste homem...

SEBASTIÃO

Que é que ele veio fazer por aqui?

MARIA

la passando avô! E parou pra conversar!

SEBASTIÃO

E teu pai ainda da conversa a ele? Não sabe que esse sargento é pau mandado do coronel?!

MARIA

O pior é que pai foi mostrar a ele o estrago da roça!

SEBASTIÃO

Teu pai é um besta, mesmo! É capaz desse delegado, ainda por cima, botar Zé Pedro em enrascada!

MARIA

Eu tenho medo, avô!

SEBASTIÃO

Olhe Maria... Isso tudo não vai dar boa coisa! Eu fui muito perverso na vida... Mas, forçado! Quando era ainda rapazote, vi meu pai ser morto por esses macacos da polícia! Disseram que o velho era coiteiro, sendo mentira! Não deixaram que ele se defendesse! Ainda hoje dói, só de lembrar! Reneguei tudo...

Deixei terra, crianças, família... E me meti no mato! Me juntei com os cabras de Corisco e comecei a me vingar de deus e do mundo! Fiz muita desgraça! Quem faz na terra, paga na terra, minha filha!

MARIA

Avô, não fale nisso!

SEBASTIÃO: Deus queira que seja caduquice minha!

MARIA

Tudo isso vai passar, avô! O senhor vai ver!

SEBASTIÃO

Só vejo um meio do coronel deixar a gente em paz. No meu tempo, eu já tinha resolvido: Esperava na moita! Também, não possuía apego a nada! As terras eu joguei fora; Da família, de tempos em tempos é que sabia notícias! A minha propriedade era o sertão inteiro! Quando Deus fez o mundo não passou escritura de terra pra ninguém!

MARIA

A gente devia ir pra outro lugar, avô! Se o coronel quer as

nossas terras, que se venda ao coronel! Pobre não pode ter voz ativa pra rico!

SEBASTIÃO

Quem se abaixa muito, Maria, o rabo aparece! Só tenho pena de você que é mulher... E Não merece penar por causa da nossa opinião!

MARIA

Por mim, avô! Eu não peso na balança!

SEBASTIÃO: Quando a gente fica velho, quer ter sossego... Mas quem planta vento, colhe tempestade!

MARIA

Porque desgraça só vem pra gente pobre avô? O coronel experimenta rifle novo em cabeça de caboclo e nunca lhe acontece nada!

SEBASTIÃO

Um dia acontece! Quando ele encontrar um homem de sangue no olho!

DELEGADO

(APARECE NA PORTEIRA, SEGUIDO POR JOSÉ PEDRO)

Realmente houve um certo prejuízo. Agora é difícil dizer se foi de propósito, ou não!

JOSÉ PEDRO

Está nas vistas, não é delegado?

DELEGADO: Pode também ter sido um acaso!

JOSÉ PEDRO

Não, foi não! Tenho certeza! Nenhum boi arrombaria uma cerca com cinco carreiras de arame farpado. O senhor mesmo viu que foi cortada de alicate, delegado! Não faça vista grossa!

DELEGADO

(SEBASTIÃO ENTRA EM CASA. NÃO SUPORTA ENCARAR DE FRENTE O POLICIAL) O senhor insiste em dizer que o coronel é culpado!

JOSÉ PEDRO

Eu já falei das provocações!

DELEGADO

(SENTANDO-SE NO BANCO) É um assunto muito difícil!
Acho que o senhor não devia levar a frente essa questão!

MARIA

É verdade, pai! O delegado está certo!

JOSÉ PEDRO: (GRITANDO) Você se cale, Maria! Não se meta!

MARIA

Está bem, pai!

DELEGADO

A menina tem razão, seu Zé Pedro! Afinal de contas, o coronel é o chefe político! (ASSUMINDO AFETADO TOM PROFESSORAL) O senhor sabe... Tudo aqui depende dele! Se o coronel não fosse um homem de bem, o governador não teria nomeado ele para esse cargo!

JOSÉ PEDRO

O coronel tem força! Tem dinheiro e muita gente que bajula ele! É por isso que o governador nomeou! Se não tivesse nada disso e fosse um homem de bem, vivia era pensando como eu!

DELEGADO

Zé Pedro, bata na boca! Veja o que está dizendo!

JOSÉ PEDRO

Estou dizendo a verdade!

DELEGADO

Você pode se prejudicar, Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

E onde está a justiça, seu delegado?

MARIA

(NERVOSA) Pai, por favor!

DELEGADO

A justiça está representada por mim, Zé Pedro! E pelo coronel que é o chefe político!

MARIA

Pai não sabe que a justiça daqui é o dinheiro e a boca do rifle?

JOSÉ PEDRO

Tem razão, Maria! Eu sou ignorante, sargento... Mas sei andar e falar com os homens! Irei procurar o juiz de direito na cidade vizinha!...

DELEGADO

Quer dizer, que deseja levar o caso à frente mesmo!

JOSÉ PEDRO

Agora eu vou até o fim! Quem for podre que se quebre!

MARIA

(SÚPLICE) Pai!...

DELEGADO

Está certo! Farei sua vontade, Zé Pedro! Vamos à delegacia! Quero mandar o escrivão tomar nota da queixa!

MARIA

(AFLITA) Pai, não vá! Não vá, pelo amor de Deus!

JOSÉ PEDRO

Se cale, Maria! (SOLENE) Espere aí, delegado, que eu vou botar o paletó. Saio já!

DELEGADO

Está certo! (JOSÉ PEDRO SAI. MARIA DIRIGE-SE AO DELEGADO).

MARIA

Seu delegado, por favor... Não deixe que aconteça nada ao meu pai!

DELEGADO

Tudo depende de você!

MARIA

(AFLITA) De mim?

DELEGADO

Se você for boazinha comigo...

MARIA

Eu não posso! Não posso!

DELEGADO

Olhe, o coronel é poderoso, querendo, manda matar Zé Pedro e fica por isso mesmo! Que é que se pode fazer? E eu estou aqui, menina... Às ordens dele! (TRANSIÇÃO) Mas, se você quiser... A coisa será diferente! Eu sou muito amigo do coronel, posso conseguir que ele deixe Zé Pedro sossegado! Pense direitinho!... Você gosta do seu pai, não é?

MARIA

(PERPLEXA) É, gosto muito do meu pai!

DELEGADO

Então, o que você decide?

MARIA

Seu delegado, eu lhe peço! Já disse que sou noiva! Noiva do Antônio... (IMPLORANDO) O Antônio, aquele Almocreve! Ele gosta de mim e eu também gosto muito dele! Eu não posso!

DELEGADO

(CINICAMENTE) Gosta mais dele do que do seu pai?

MARIA

Seu delegado...

DELEGADO

Me chame de Augusto...

MARIA

Augusto...

DELEGADO

Responda a minha pergunta!

MARIA

Não! Não sei! Não é a mesma coisa!

DELEGADO

Claro! José Pedro deve valer muito mais pra você!

MARIA

É! É, sim senhor!

DELEGADO

Então, vai ser assim: Sairei agora com Zé Pedro; No meio do caminho, eu mando que ele siga até a delegacia. O Ordenança atende por lá! Volto aqui, assobio para você: Você pega o pote pra despistar e vai ver água no açude! Estarei esperando! Perto do açude tem muito matagal!... Ótimo para essas coisas! Então, está combinado?

MARIA

(NERVOSA) Não sei... (JOSÉ PEDRO APARECE A PORTA. ENCAMINHA-SE PARA O DELEGADO).

DELEGADO

Está combinado?

JOSÉ PEDRO

(APROXIMANDO-SE) Estou pronto, delegado!

MARIA

O senhor garante que não acontece nada com meu pai?
O senhor protege ele?

DELEGADO

(SORRI TRIUNFANTE) De hoje em diante, ele está sob a minha proteção! Vamos, José Pedro! Até logo, menina!

JOSÉ PEDRO

Cuide do velho, Maria! Volto já! (SAEM, MARIA FICA DE PÉ, NO MEIO DA CENA. ESTÁ TRANSTORNADA. ENCAMINHA-SE AO BANCO. SENTA-SE. COBRE O ROSTO COM AS MÃOS).

SEBASTIÃO

(APARECE A PORTA) José Pedro já saiu? Saiu com ele?

MARIA: Saiu avô!

SEBASTIÃO

Não ouviu meus conselhos. É um cabeça dura!

MARIA: (COM ESTRANHA DECISÃO NO OLHAR) Não tenha cuidado, avô! De agora em diante não há mais perigo. Ninguém vai bulir mais com a gente!

SEBASTIÃO

Onde arranjou essa confiança toda?

MARIA

Estou dizendo a verdade, avô!

SEBASTIÃO

(DESCONFIADO) Por que é que você diz isso, Maria?

MARIA

O delegado vai proteger a gente!

SEBASTIÃO

Ele disse isso? (MARIA CONFIRMA COM A CABEÇA) Só aquilo, mesmo!

MARIA

Vai! Ele vai proteger, sim!

SEBASTIÃO

E você confia nesse macaco?

MARIA

Ele prometeu!

SEBASTIÃO

Ele não pode prometer nada, minha filha! Faz o que o coronel quer! O coronel só bota delegado que reze pela cartilha dele! (TRANSIÇÃO) Eu sei o que é isso menina: sou passado na casca do angico!

MARIA

Disse que é amigo do coronel e vai pedir pra ele não perseguir mais a gente! Garantiu que a nossa família poderá viver em paz!

SEBASTIÃO

Isso tudo é bafo de boca! É conversa mole!

MARIA

(SEGURA DE SI) Eu acredito!

SEBASTIÃO

Eu só teria fé em polícia, se não fosse mandada por político! Se delegado só recebesse ordem de juiz! Juiz é pessoa que não se vende, que não é mandada por ninguém!

MARIA

Juiz também não é nomeado pelo governo, avô? Então é a mesma coisa!

SEBASTIÃO

Pelo menos não anda pelo sertão fazendo maldade com as pessoas! Ele só cumpre a lei! Polícia é uma peste! Entre os macacos e os cangaceiros não há diferença: São serpentes da mesma touceira!

MORADOR

(DE FORA, MUITO AFLITO) Seu Zé Pedro!

SEBASTIÃO

Quem será?

MARIA

(CORRENDO ATÉ A PORTEIRA) É Firmino, avô! Vem correndo! Deve ter acontecido alguma coisa!

MORADOR

(SURGINDO PELA DIREITA ALTA DA CENA) Seu Zé Pedro!

MARIA

Pai não está, seu Firmino! Que aconteceu?

SEBASTIÃO

Chegue pra cá!

MORADOR

(AGITADO) Seu Sebastião, acuda, por favor!

SEBASTIÃO

Que foi que houve, homem?

MORADOR

A minha mulher, seu Sebastião!

SEBASTIÃO

Vamos, diga logo!

MARIA

Que houve com ela?

MORADOR

A mulher estava na roça limpando uns pés de algodão. Sem querer, pisou numa moita de capim. Tinha uma cobra enroscada, seu Sebastião! Deu um bote e pegou a mulher desprevenida! Ela meteu os pés no mundo e chegou se acabando em casa!

SEBASTIÃO

Vamos logo, homem!

MORADOR

Vim aqui pra ver se o senhor podia fazer alguma coisa!

SEBASTIÃO

(VAI SAINDO, ACOMPANHADO PELO MORADOR. PÁRA JUNTO A PORTEIRA E FALA) Vá lá dentro, Maria! Me traga um pedaço de fumo!

MARIA

(OBEDECE) Sim senhor, avô! (SAI).

SEBASTIÃO

Fumo é bom pra isso!

MORADOR

Deus permita que a gente ainda chegue em tempo!

SEBASTIÃO

Tenha fé em Deus!

MARIA

(VOLTANDO) Pronto avô! Só tinha esse pedaço!

SEBASTIÃO

Dá demais! Vamos embora!

MORADOR

Meu padrinho padre Cicero guie as suas mãos e os seus pés! (VÃO SAINDO).

MARIA

(GRITANDO) Quer que eu vá também, avô?

SEBASTIÃO: Não! Fique tomando conta da casa! (SAEM).

MARIA

Sim, senhor! (VOLTA-SE E VAI CAMINHANDO NA DIREÇÃO DA CASA, QUANDO OUVI UM LONGO ASSOBIO. VIRA-

SE ATERRORIZADA. O SARGENTO APARECE E SE DEBRUÇA NA CERCA DE PAU-A-PIQUE).

DELEGADO

Tudo deu certo, beleza! O velho ficou na delegacia esperando por mim e apresentando a queixa para o escrivão registrar!

MARIA

O senhor... O senhor veio mesmo?!...

DELEGADO

Eu estava falando sério! Mas, agora não vamos perder tempo! Vou na frente! Estarei esperando por você! Não se demore ouviu? (O SARGENTO DESAPARECE. MARIA NÃO SABE O QUE FAZER. ANDA ATÉ O MEIO DA CENA. VOLTA-SE E CORRE PARA O INTERIOR DA CASA. REAPARECE. EM SEGUIDA, TRAZENDO AS COSTAS UM POTE DE BARRO. VAI ATÉ O BANCO, PÕE O POTE NO CHÃO. SENTA-SE E POSTA-SE COM A CABEÇA ENTRE AS MÃOS. FINALMENTE. ELEVA O ROSTO. ESTÁ DECIDIDA. ERGUE-SE. RETOMA O POTE AS COSTAS).

MARIA

Seja o que Deus quiser! (VAI SAIR PÁRA, OLHA MAIS UMA VEZ PARA TRÁS, COMO SE FORA UMA DESPEDIDA. DESAPARECE DE CENA. COMO SE TOMASSE UMA HERÓICA DECISÃO: ALTIVA E DECIDIDA. UM GALO CANTA LÁ FORA. DOIS CAMPONESES PASSAM AO LONGE. UM DELES FALA).

CAMPONÊS

Galo que canta fora de hora é moça solteira que está sendo roubada! (AS LUZES ESCURECEM EM RESITÊNCIA. A CENA VOLTA A SER ILUMINADA).

SEBASTIÃO

(VEM DO FUNDO SEGUIDO PELO MORADOR. AMBOS TRANSPÕEM A PORTEIRA) Entre pra dentro!

MORADOR

Obrigado, seu Sebastião! Deus é quem lhe paga!

SEBASTIÃO

Amém!

MORADOR

Acha que não tem mais perigo?

SEBASTIÃO

Tem não! (SENTA-SE NA CALÇADA E COM UMA FAQUINHA DE CABO PRETO, PASSA A DESFIAR UM CIGARRO DE CORDA) Quer um desfiado?

MORADOR

Tenho palha aqui! Depois passe pra cá!

SEBASTIÃO

(ENTREGANDO-LHE O FUMO E A FACA) Tome!

MORADOR

(RECEBENDO) Acho que ela teve sorte, não teve?

SEBASTIÃO

(COLANDO A SEDA DO CIGARRO COM A LÍNGUA) Se fosse uma cascavel ou uma Salamanta...

MORADOR

Credo, seu Sebastião! Nem fale!

SEBASTIÃO

Não tinha remédio que curasse! Só milagre!

MORADOR

É verdade!

SEBASTIÃO

A Salamanta é uma cobra infeliz, Firmino! Morde o cristão e vai esperar o enterro!

MORADOR

A culpa foi minha!

SEBASTIÃO: Sua?

MORADOR

É! Eu nunca acreditei em reza! Um dia chegou um homem com uma caixa, querendo curar a mulher de mordida de cobra! Eu dei com os pés nele!

SEBASTIÃO

Tem reza forte que serve!

MORADOR

Mas, eu fiz isso sabe por quê? Conhece o velho Cristóvão? Ele era curado e só vivia com reza forte nos peito! Levou uma mordida de Jararaca, quase que morre! Ainda hoje é cego por causa disso!

SEBASTIÃO

Acontecem essas coisas!

MORADOR

O meu medo era dela ficar cega também, seu Sebastião!

SEBASTIÃO

Desta vez não tem perigo! (TIRA VÁRIAS BAFORADAS DO CIGARRO E SE PÕE A FALAR) Sua mulher foi atacada por uma cobra verde, cobra que não é reimosa! (LEVANTA-SE, VAI ATÉ A PORTA E GRITA) Maria! (NINGUÉM RESPONDE) Maria!... (SILÊNCIO) Onde se meteu essa moça? Dê licença, Firmino!

MORADOR

Pois não! (SEBASTIÃO ENTRA EM CASA, DEMORA-SE UM POUCO, RETORNA A CENA).

SEBASTIÃO

Não está! Deve ter saído! (SENTA-SE NO BATENTE DA CALÇADA).

MORADOR

O pior de tudo, seu Sebastião, é que o povo daqui parece ser bicho! Longe do mundo, sem direito a nada! Quando a gente é pobre, o jeito é morrer mesmo! Não há doutor, nem remédio, nem nada quando se adocece! O senhor mesmo sabe quantas mulheres tem morrido com os meninos atravessados na barriga, com licença da palavra, sem poder parir, por falta de um doutor que cuide delas!

SEBASTIÃO

Isso é certo, Firmino! Muito certo!

MORADOR

Bem, seu Sebastião, eu vou embora! Deus é quem paga a sua ajuda!

SEBASTIÃO

Amém, Firmino! Amém! (O MORADOR SAI, SEBASTIÃO SE LEVANTA, VAI ATÉ A DIREITA, COMO SE PROCURASSE ALGUÉM)

Maria! (RESMUNGA) Onde peste se meteu essa moça! (VOLTASSE E DESAPARECE NO INTERIOR DA CASA. A CENA PERMANECE POR ALGUNS INSTANTES DESERTA. EM DADO MOMENTO, SURGE MARIA PELA DIREITA, CAMINHA VAGAROSAMENTE. O POTE VAZIO PENDE-LHE NA MÃO DIREITA, O OLHAR DA MOÇA ESTÁ PREGADO NO CHÃO. NO MEIO DA CENA CAMBALEIA. O POTE CAI DE SUAS MÃOS E SE QUEBRA. TRÊMULA, MARIA CONSEGUE CHEGAR AO BANCO, SENTA-SE NELE, A CHORAR. SEBASTIÃO SURGE À PORTA, VÊ A NETA NAQUELE ESTADO E SE DIRIGE A ELA. A JOVEM NÃO SE APERCEBE DA CHEGADA DO AVÔ) Que aconteceu, menina?

MARIA

(ERGUE O ROSTO ASSUSTADA) Nada, avô! Nada!

SEBASTIÃO

Você está chorando?

MARIA

Não estou bem! Estou adoentada!

SEBASTIÃO

Aconteceu alguma coisa?

MARIA

Eu já disse avô! Estou doente!

SEBASTIÃO

(DESCONFIADO) Onde é que você foi Maria?

MARIA

Ao açude, buscar água!

SEBASTIÃO

O que é que você está me escondendo?

MARIA

Oxente, o avô como está! (LEVANTA-SE. ENCAMINHA-SE PARA A DIREÇÃO DA CASA).

SEBASTIÃO

(CHAMANDO-A SEVERAMENTE) Maria, chegue cá!
(MARIA OBEDECE).

MARIA

(DECULPANDO-SE) Estou com muito medo, avô! Pai está demorando! Não sei se o delegado...

SEBASTIÃO

Você não estava com tanta confiança nele?

MARIA

Estava! Mas, quem sabe?

SEBASTIÃO

Palavra de polícia é como palavra de jogador! Nunca confiei nos dois, um é mandado por político, o outro, mandado pelo bozó!

MARIA

O senhor é quem tem razão, avô!

SEBASTIÃO

Se Zé Pedro me ouvisse, as coisas seriam outras!

MARIA

(VAI ATÉ A PORTEIRA E OBSERVA AO LONGE) Parece que é ele que vem lá em baixo, avô!

SEBASTIÃO

(APROXIMANDO-SE) Minha vista não está boa! Não dá pra ver direito!

MARIA

É ele mesmo! E não parece satisfeito!

JOSÉ PEDRO

(APARECE EM CENA, ATRAVESSA A PORTEIRA SEM FALAR COM NINGUÉM. ENTRA EM CENA, RESSURGE, DESTA FEITA, SEM PALETÓ, SENTA-SE NA CALÇADA) Não tem jeito, não! É aguentar a bucha!

MARIA

E como foi, pai?

JOSÉ PEDRO

Mal.

SEBASTIÃO

Eu não te disse Zé Pedro?

JOSÉ PEDRO

Disse. Mas o desengano da vista é ver!

MARIA

E o que houve por lá, pai?

JOSÉ PEDRO

Safadeza, só! No meio do caminho, o Sargento me mandou sozinho pra delegacia. Encontrou-se com o Cabo, minutos antes, e eu ainda vi os dois cochicharem; o que, não sei!

SEBASTIÃO

Vai, homem, continua!

JOSÉ PEDRO

Eu sou desconfiado! Não fiquei pensando em boa coisa, quando os dois se despediram com risadas!

MARIA

(INDIGNADA) Cachorro!

JOSÉ PEDRO

Quando cheguei na delegacia, o Escrivão começou com

conversa fiada! Eu me afobei logo e quis vir embora. O homem não deixou, alegando que eu tinha que esperar pelo delegado. Esperei... Ele chegou quase há pouco! Mangava na minha cara, pai velho! Prometeu botar a minha pessoa no xadrez, se eu continuasse acusando o coronel!

MARIA

(DESESPERADA CORRE, AOS PRANTOS, PARA O INTERIOR DA CASA) Covarde! Me enganou o miserável! (SAI).

JOSÉ PEDRO

(ESTRANHANDO) Que tem Maria? Está descontrolada!

SEBASTIÃO: Parece doente!

JOSÉ PEDRO

Doente?

SEBASTIÃO

Chegou a pouco do açude. Disse que teve umas tonturas por lá. Mas acho que está escondendo alguma coisa!

JOSÉ PEDRO

Não estou gostando disso! (VENDO OS PEDAÇOS DO POTE) O pote está quebrado!

SEBASTIÃO

Não tinha visto!

JOSÉ PEDRO

Quando ela foi pro açude, pai... Demorou muito?

SEBASTIÃO

Assim que você saiu, Firmino chegou com jeito de maluco, pedindo que fosse a casa dele! A mulher tinha sido mordida por uma cobra, mas nada de importância! Quando voltei, Maria já havia saído!

CORONEL

(SURGE A PORTEIRA. É UM HOMEM FORTE E ARROGANTE. FALA COM ARES DE SUPERIORIDADE) Bom dia, seu Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

(LEVANTANDO-SE DE SÚBITO) Coronel?

CORONEL

Venho em paz! Não me manda entrar?

JOSÉ PEDRO

(CARRANCUDO) Entre!

CORONEL

(PARA SEBASTIÃO) Como vai indo, velho?

SEBASTIÃO

(FRIAMENTE) Como Deus quer!

CORONEL

(HIPÓCRITA) Ia passando! Achei por bem cumprimentar o vizinho!

JOSÉ PEDRO

Obrigado!

CORONEL

Soube que o meu gado forçou a cerca e entrou hoje na sua roça, é verdade Zé Pedro?

JOSÉ PEDRO

(SECAMENTE) É fácil de ver, coronel!

CORONEL

Espero que não tenha dado muito prejuízo!

SEBASTIÃO

O senhor já deve ter sabido, não é?

CORONEL

O meu pessoal me contou!

SEBASTIÃO

Deve estar satisfeito. O estrago foi grande. Mais de uma tarefa de algodão!

CORONEL

Ora, fiquei aborrecidíssimo, dei ordem aos meus vaqueiros para terem mais cuidado com o gado!

JOSÉ PEDRO

Não foi o gado, coronel!

CORONEL

Não foi?

JOSÉ PEDRO

O senhor sabe muito bem!

CORONEL

Não estou entendendo, Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

Sabe que não foi o gado que forçou a cerca! A cerca foi cortada de alicate e o gado tangido de propósito pra dentro da minha roça!

CORONEL

Você está me acusando, Zé Pedro?

JOSÉ PEDRO

Estou sim, coronel! Estou acusando, sim!

CORONEL

Está dizendo que fui eu quem mandou fazer isso?

SEBASTIÃO

Quem mais poderia ser?

CORONEL

(ANDA DE UM LADO PARA O OUTRO, PROCURANDO
MANTER-SE CALMO) Muito bem, com qual interesse?

JOSÉ PEDRO

O senhor é quem sabe!

CORONEL

Ora essa...

JOSÉ PEDRO: Não quero me indispor contra ninguém! Sou um
homem pacato! Vivo pro meu trabalho! Não desejo mais nada,
que o meu pedaço de terra!

CORONEL

Compreendo!

JOSÉ PEDRO

Seus homens vivem me insultando... Me provocando...
Só queria que o senhor me deixasse em paz!

CORONEL

José Pedro... Eu tenho pensado bastante a seu respeito.
Existe esse mal entendido entre nós dois...

JOSÉ PEDRO

Não fui eu que provoquei!

CORONEL

Muito bem! Alguns moradores meus não simpatizam
muito com você! Dizem que é de corrente contrária, de política
inimiga...

JOSÉ PEDRO

A minha política, coronel, é o meu trabalho!

CORONEL

Meu pessoal não acha assim, Zé Pedro! Veja você, eu
tenho de zelar pelo interesse do governo! Você sabe...

SEBASTIÃO

Isso não interessa a gente, coronel! Todo mundo tem
direito de viver como puder e quiser!

CORONEL

Não é bem assim, Sebastião!

JOSÉ PEDRO

Quero saber somente se o senhor vai pagar os estragos da minha roça! Esta foi a segunda vez numa semana!

CORONEL

Estou com muita calma, Zé Pedro! Uma calma que não costumo ter! Já podia ter perdido a paciência, mas não perdi. Não quero que você diga que eu sou ruim... Que eu quero lhe prejudicar!

JOSÉ PEDRO

Já estou por tudo!

CORONEL

Por isso venho lhe fazer novamente uma proposta! Para o seu próprio bem!

SEBASTIÃO

As suas propostas a gente já conhece!

CORONEL

Venda-me suas terras, Zé Pedro! Dou-lhe dez contos de réis por elas!

JOSÉ PEDRO

Muito obrigado!

CORONEL

Não aceita?

JOSÉ PEDRO

Não!

CORONEL

Pense bem!

JOSÉ PEDRO

Já pensei demais. Acho que a nossa conversa está terminada, coronel!

CORONEL

Ainda não, Zé Pedro! Ainda não terminei

JOSÉ PEDRO

Então, termine logo!

CORONEL

José Pedro, você me vende essas terras por bem ou por mal! Já me baixei muito, ter vindo trocar palavras! Dou-lhe vinte quatro horas pra você deixar a cidade! (SEBASTIÃO ENTRA EM CASA, SAINDO EM SEGUIDA, ARMADO DE UM RIFLE. APONTA A ARMA PARA O CORONEL).

SEBASTIÃO

O senhor é quem tem menos de um minuto, coronel, pra deixar esta propriedade!

CORONEL

(GRITANDO) Vocês me ameaçam, não é? Me ameaçam! Pois vão se arrepender!

JOSÉ PEDRO

(FIRME) Vá embora, coronel!

DELEGADO

(APARECENDO, COM DOIS CABRAS ARMADOS) Abaix
essa arma, Sebastião!

JOSÉ PEDRO

(PARA O CORONEL) Isso tudo já estava combinado, não
é?

DELEGADO

Abaix essa arma, Sebastião! Já lhe disse!

JOSÉ PEDRO

(PRA SEBASTIÃO) Obedeça, pai! (O VELHO OBEDECE. UM
DOS CABRAS SE APROXIMA E TOMA O RIFLE DAS MÃOS DO
VELHO) E agora, coronel? O que é que vai fazer?

CORONEL

Depende de você, Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

De mim não depende nada!

CORONEL

Vende, ou não vende as terras?

JOSÉ PEDRO

Não vendo!

CORONEL

Pois bem, você vai pensar muito! Toda a sua família vai sofrer por sua culpa!

SEBASTIÃO

Não amoleça meu filho!

JOSÉ PEDRO

Prefiro morrer, a lhe vender um palmo sequer da minha propriedade!

DELEGADO

Mais respeito, Zé Pedro! Mais respeito!

SEBASTIÃO

Quem é você, delegado? Um pau mandado!

DELEGADO

Se não fosse tão velho...

CORONEL

Pela última vez, vende ou não vende a terra?

JOSÉ PEDRO

Pode perder as esperanças! (MARIA APARECE NA PORTA, ATRAÍDA PELA DISCUSSÃO) Prefiro morrer, a ter de vender a minha propriedade a um cachorro sujo como o senhor!

CORONEL

(AVANÇA SOBRE JOSÉ PEDRO, DANDO-LHE UM FORTE SAFANÃO QUE O ATIRA POR TERRA) Atrevido... (SACA O REVÓLVER E VAI ATIRAR NELE, QUANDO MARIA ATRAVESSA CORRENDO A CENA E POSTA-SE A FRENTE DO PAI).

MARIA

Coronel, pelo amor de Deus, não mate meu pai!

JOSÉ PEDRO

(EMPURRANDO A FILHA PARA O LADO) Saia daqui,

Maria! (PARA O CORONEL) Atire coronel, que o senhor mata é um homem!

MARIA

Pai!

CORONEL

Não vou matar você Zé Pedro! Pelo menos agora, deve sua vida a esta moça!

JOSÉ PEDRO

Aproveite enquanto é tempo, coronel! Faça as suas maldades! O seu governador sai logo! Está no fim! Vem outro aí, pra botar Reforma Agrária em tudo! Tirando as forças desses coronéis que querem ser donos do mundo! O senhor não perde por esperar! Não perde por esperar...

CORONEL

(FORA DE SI) Você está com ideias comunistas, Zé Pedro!
(GRITA) Está com ideias comunistas! (PARA O SARGENTO) Delegado, tome nota! O senhor é testemunha! Zé Pedro está com ideias comunistas!

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

José Pedro está no batente da calçada, cortando de foice uma lasca de lenha, pára a fim de desfiar um cigarro de palha, levanta-se, deixa a foice cravada na madeira, enquanto acende o cigarro com uma pedra de chifre de boi. Ouvem-se os baques característicos da debulha do feijão e o canto das mulheres que executam esse trabalho.

MULHERES (DE FORA)

“A chuva choveu

mas não me molhô;

Está chegando a hora

de eu olhar pro meu amô, ai, ai!

Quando vejo o meu benzinho,

sinto logo uma aflição;

é punhá de sentimento

cravando no coração, ai, ai”

(JOSÉ PEDRO SOLTA LARGAS BAFORADAS. VOLTA A CORTAR A LENHA, ENQUANTO AS VOZES RECOMEÇAM A MESMA CANTORIA. DE REPENTE O CANTO CESSA. SEBASTIÃO APARECE PELA DIREITA, APRESENTA-SE CONTRARIADO).

SEBASTIÃO

Não sabe o que houve Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

(PARANDO O TRABALHO E ENCARANDO O VELHO) Que houve pai?

SEBASTIÃO

(VISIVELMENTE ACABRUNHADO) Também já é demais. O coronel está cercando o açude todo pro lado da propriedade dele!

JOSÉ PEDRO

Como é a história, pai?

SEBASTIÃO

É isso mesmo que você ouviu!

JOSÉ PEDRO

Mas o açude está dentro da nossa terra! Pertence a gente! Ele não pode fazer isso!

SEBASTIÃO

Ele pode tudo, meu filho! Não sabe que pode?

JOSÉ PEDRO

Ah! Isso é que não! O senhor acha que vou deixar? Consentir que o coronel tome da gente a água que a gente bebe? (VAI SAIR, PORÉM É INTERCEPTADO PELO VELHO).

SEBASTIÃO

(FIRME) Não vá de corpo aberto, Zé Pedro! Tem cabras armados de rifles garantindo os trabalhadores!

JOSÉ PEDRO

(VOLTA E SE ENCAMINHA PARA DENTRO DA CASA) O senhor tem razão! Espere aí! (SEBASTIÃO FICA DE PÉ, ACOMPANHANDO COM O OLHAR OS MOVIMENTOS DO FILHO).

SEBASTIÃO

Que vai fazer?

JOSÉ PEDRO

(ENTRA EM CASA, SEGUNDOS DEPOIS RETORNA, TRAZENDO NAS MÃOS UM RIFLE “PAPO AMARELO” E UMA CARTUCHEIRA DE BALAS A TIRACOLO) O senhor vai ver o que eu vou fazer!

SEBASTIÃO

Volte José Pedro! Não sabe que é isso mesmo o que o coronel quer? Tudo é provocação! Os cabras tem ordem de passar fogo, se a gente reagir!

JOSÉ PEDRO

(PARANDO) Filho da peste! Esse coronel me paga, pai! Me paga!

SEBASTIÃO

Pensa que eu não tenho sede nesse infeliz? Mas o homem é bem protegido! Por isso a gente deve ter paciência! Ter calma! Couro de rico fura do mesmo jeito que couro de pobre! É só chegar à ocasião, meu filho!

JOSÉ PEDRO

(SENTA-SE NO BANCO) É duro, pai... Aguentar desaforo, sem poder dizer nada!

SEBASTIÃO

Não adianta estragar coragem!

JOSÉ PEDRO

Não vejo porque esperar! O coronel deu vinte e quatro horas pra gente deixar as terras! Começou a cumprir as ameaças, cercando pro lado dele o açude de nossa propriedade!

SEBASTIÃO

(ABORRECIDO) Já disse que vamos esperar! Ir agora é se jogar na boca do lobo. Ele vindo, a coisa é diferente, a gente se acaba, mas leva muita gente na mesma canoa!

JOSÉ PEDRO

Está bem, pai!

SEBASTIÃO

Vamos tirar Maria daqui! Mandar ir embora com Antônio! A gente junta as economias que tem e dá pro homem

dela! Antônio é rapaz direito e em Maceió, terá um casamento cristão com a nossa menina!

JOSÉ PEDRO

(PENSATIVO) O senhor está certo!

SEBASTIÃO

A gente fica por aqui! Se tiver algum amigo com a gente, melhor! É mais uma boca de rifle!

JOSÉ PEDRO

Não vejo qual o amigo que tenha coragem de vir para cá! Só se fosse o Firmino. Mas esse tem mulher e três filhas pra manter...

SEBASTIÃO

Ele é nosso morador! É daqui também que come e vive! Tem obrigação de defender a terra! De mais, é um homem de coragem!

JOSÉ PEDRO

Não seria direito, pai! Deixe Firmino! Ele precisa cuidar da família!

SEBASTIÃO

(ACEITANDO A PONDERAÇÃO) Vá lá! O caso é nosso mesmo! Vou olhar a munição que a gente tem!

ANTÔNIO

(APARECENDO NO FUNDO DA CENA) Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

(VIRANDO-SE) Entre, Antônio! (O RAPAZ APROXIMA-SE) Chegou em boa hora! Precisava mesmo conversar com você! (SENTADO NO BANCO DE MADEIRA) O coronel mandou passar a cerca da propriedade por dentro das minhas terras! O açude de onde a gente bebe água está agora do lado dele!

ANTÔNIO

Esse homem é a besta fera mesmo!

JOSÉ PEDRO

E ainda por cima, botou cabras armados para garantir o roubo que fez!

ANTÔNIO

Soube que ele esteve aqui esta manhã!

JOSÉ PEDRO

É verdade!

ANTÔNIO

Fiquei preocupado e resolvi aparecer!

JOSÉ PEDRO

Tivemos uma discussão forte! Ele me deu vinte e quatro horas para deixar a cidade!

ANTÔNIO

(ASSUSTADO) Vinte e quatro horas?

JOSÉ PEDRO

Me ameaçou! O delegado veio servindo de capanga!

ANTÔNIO

Que é que o senhor vai fazer seu Zé Pedro?

JOSÉ PEDRO

Antônio, há vinte anos eu vivo neste pedaço de terra! Tudo era caatinga quando levantei o meu rancho. Trabalhei muito, com a ajuda da mulher! Derrubei o mato, arranquei os

tocos dos pés de pau e comecei a plantar! Eu mesmo, enfrentando as secas, aproveitando as trovoadas, cavei o açude que hoje o coronel tomou! Foi aqui, que Maria nasceu! Aqui eu enterrei todas as minhas forças! Minha mulher morreu de trabalho, de tanta privação!

ANTÔNIO

(EMOCIONADO) Sim senhor, seu Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

Durante esses anos todos, minha preocupação era com Maria! Queria, que quando eu morresse minha filha ficasse protegida, casada com um homem de bem! O homem de bem ela encontrou Antônio. Foi você!

ANTÔNIO

Obrigado, seu Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

Mas, a minha propriedade... Você acha que depois de tanta luta, depois de tanto trabalho, eu iria consentir, sem mais nem menos, que o coronel me tomasse? Não Antônio! Deste pedaço de terra só me retiro morto!

ANTÔNIO

Seu Zé Pedro... Eu tenho uma ideia que pode dar certo!

JOSÉ PEDRO: Qual é a ideia?

ANTÔNIO

Quando eu vinha pra cá, vi um reboiço danado! As ruas todas enfeitadas de bandeirinhas! Tinha esquentada mulher na porta da igreja. Então, eu perguntei que festa era aquela. Um homem me respondeu que o governador tinha chegado que estava hospedado na casa do coronel.

JOSÉ PEDRO

Quando fui à cidade, estava tão aflito que nem notei!

ANTÔNIO

Então, pensei o seguinte: Que acha, se eu fosse falar com o governador! Aproveitava uma hora, pedia um particular... Quem sabe... Ele está procurando voto e me atenderia! Aí, eu contava tudo o que está se passando! Tenho certeza que o governador iria olhar pra gente!

JOSÉ PEDRO

Seria perigoso pra você, rapaz!

ANTÔNIO

Talvez! Mas alguma coisa tem de ser feita!

JOSÉ PEDRO

E se eu fosse em seu lugar!

ANTÔNIO

Por acaso pensa que o coronel iria consentir? O senhor não chegaria nem perto do homem! Botava a perder a oportunidade e piorava a situação!

JOSÉ PEDRO

Não quero que se envolva nessa enrascada, rapaz! É o noivo da minha filha. Se lhe acontecer alguma coisa, lá se foi a minha esperança de proteger Maria!

ANTÔNIO

Não se preocupe! Eu tenho cuidado!

JOSÉ PEDRO

Você quer mesmo ir, não é?

ANTONIO

Se o senhor permitir?

JOSÉ PEDRO

Não posso proibir Antônio! Deus queira que não aconteça nada com você! Seria o fim do mundo!

ANTÔNIO

Eu sou esperto, seu Zé Pedro! Pode ficar sossegado!

JOSÉ PEDRO

Muito bem! Se você quer ir? Pois vá!

ANTÔNIO

Tudo vai dar certo!

JOSÉ PEDRO

Agora, Antônio, tenho uma coisa pra lhe dizer!

ANTÔNIO

Diga!

JOSÉ PEDRO

Primeiro vai prometer que fará o que eu pedir! Promete?

ANTÔNIO

(MARIA APARECE A PORTA) Pode falar seu Zé Pedro!
Claro que eu prometo!

JOSÉ PEDRO

(NOTANDO A PRESENÇA DA FILHA) Maria venha cá!
(PARA ANTÔNIO) Você tem que dar sua palavra de honra que cumprirá a promessa!

ANTÔNIO

Dou minha palavra de honra!

JOSÉ PEDRO

Maria e Antônio prestem atenção! O coronel começou a cumprir as ameaças! Acaba de cercar o nosso açude para o lado dele e botou cabras para garantir o roubo, no caso da gente reagir!

MARIA

Meu Deus do céu!

JOSÉ PEDRO

Ele me deu vinte e quatro horas para abandonar a propriedade! Mas eu não vou arredar o pé! Estou pronto para esperar por ele!

MARIA

Que homem desgraçado!

JOSÉ PEDRO

Me escute! Antônio vai tentar falar com o governador, que está visitando o coronel! Contará a ele o que está se passando! É trabalho perigoso, mas Antônio diz que se sairá bem! Insistiu muito e eu aceitei!

ANTÔNIO

Pode ficar descansada, Maria! Nada vai me acontecer! Acredito que o governador mandará o coronel deixar a gente em paz!

MARIA

(AFLITA) Antônio, você não pode ir!

JOSÉ PEDRO

Deixe eu terminar de falar! (MARIA CORRE ATÉ O BANCO. SENTA-SE PESADAMENTE E SE PÕE A CHORAR COM O ROSTO ENTRE AS MÃOS. JOSÉ PEDRO GRITA FURIOSAMENTE) Preste atenção, Maria!

MARIA

(CHOROSA) Estou prestando, pai!

JOSÉ PEDRO

Se Deus quiser que a ideia do Antônio dê certo, então será muito bom! Mas, se for o contrário, se o coronel estiver disposto a desgraçar a gente, então você fará o seguinte, rapaz: Tenho um dinheirinho aí, guardado no travesseiro! Você leva o dinheiro e Maria. Pega a sua burrama e vai pra outro lugar! Podem fazer vida em Pernambuco ou mesmo na Paraíba. Agora, você me promete uma coisa, homem, casar com Maria no lugar que chegar, porque, se forem viver de amigação, até na casa da peste onde eu estiver, volto pra lhe arrancar a cabeça!

ANTÔNIO

Não sou homem pra isso, seu Zé Pedro! Gosto da sua filha e quero me casar com ela!

JOSÉ PEDRO

Falei por falar! Sei que você é direito! Mas eu tinha que
lhe dizer essas coisas!

MARIA

Pai, porque está falando dessa maneira?

JOSÉ PEDRO

Vou pagar pra ver o coronel cumprir a promessa! Se ele
está disposto mesmo, a gente se acaba na bala! Mas você fica
em segurança, longe do perigo!

MARIA

Não, pai! Eu não quero ir!

JOSÉ PEDRO

Você tem de obedecer, Maria! É uma ordem! E não
procure me contrariar! (VAI SAIR) Dê licença, Antônio! Volto
logo!

ANTÔNIO

Pois não, seu Zé Pedro! (JOSÉ PEDRO SAI).

MARIA

Antônio, você não deve falar com o governador! É perigoso! O coronel vai querer tomar vingança! Não vá, por favor!

ANTÔNIO

Vou, Maria! Vocês não podem continuar sofrendo! Gosto de você e quero merecer o seu amor. Não se preocupe que nada me acontecerá! (TRANSIÇÃO) Se o que eu vou tentar, não der resultado, então estou pronto pra fazer o que seu Zé Pedro mandou!

MARIA

(DESESPERADA) Não vá, Antônio! Eu não mereço que você se arrisque por mim!

ANTÔNIO

Claro que merece! Merece as estrelas, se as estrelas fossem uma coisa que a gente pudesse oferecer às pessoas que se gosta!

MARIA

Antônio me ouça! (AFLITA) Eu não mereço! Não quero que você se arrisque!

ANTÔNIO

Não adianta Maria!

MARIA

É melhor que me ouça. Não vou fazer o que o pai mandou! Não vou embora com você! Se pai tem que morrer aqui, das balas do coronel, é junto dele que eu vou ficar!

ANTÔNIO

Essa desgraça não irá acontecer, Maria! Vou falar com o governador e tudo acabará bem!

MARIA

Não! Eu não quero que se arrisque!

ANTÔNIO

Não posso voltar atrás, agora! Dei minha palavra a seu Zé Pedro!

MARIA

(SEBASTIÃO APARECE A PORTA E PASSA A OUVIR O DIÁLOGO DOS DOIS JOVENS) Você não irá! (DESESPERADA) Pra que? Vai se arriscar sem necessidade! Eu não quero mais me casar com você!

ANTÔNIO

O que é que está dizendo?

MARIA: Não gosto de você, Antônio! Não quero me casar! O que existia da minha parte, em relação a nós dois, era simples brincadeira! Um passatempo!

ANTÔNIO

Passatempo! Eu sempre levei a sério! (TOM) Está falando a verdade mesmo?

MARIA

Estou... Vá embora! Não apareça mais aqui! Faz de conta que não conhece quem é Zé Pedro, quem é Maria... Quem é ninguém!

ANTÔNIO

Não acredito no que estou ouvindo! Só está tentando me defender, não é? Sei qual a sua intenção! Não quer que eu fale com o Governador!

MARIA

Como pode ser tão idiota? Não gosto de você! Não posso me casar com uma pessoa que meu coração rejeita! Será que não entende?

ANTÔNIO

(NUM ÍMPETO DE REVOLTA) Então, é verdade mesmo! Eu pensei que gostasse de mim, mas você é falsa, Maria! Vou fazer o que quer! Não venho mais aqui, se é o que deseja! (TRANSIÇÃO) Mas, mesmo assim vou falar com o Governador. Prometi ao seu Zé Pedro e eu sou um homem de palavra! Adeus, Maria! Até nunca mais! (VAI SAIR).

MARIA

(ARREPENDIDA) Antônio, espera! (ANTÔNIO DESAPARECE DE CENA. MARIA VOLTA A SENTAR-SE NO BANCO. CHORA DESESPERADAMENTE).

SEBASTIÃO

(APROXIMANDO-SE) Maria!

MARIA

(PROCURANDO DISFARÇAR AS LÁGRIMAS) Pronto, Avô!

SEBASTIÃO

Que aconteceu?

MARIA

Nada, avô!

SEBASTIÃO

Não minta!

MARIA

É verdade avô! Não houve nada!

SEBASTIÃO

Eu vi quando falava com Antônio. Por que Maria? Por que tratou o rapaz daquela maneira?

MARIA

Porque não quero me casar!

SEBASTIÃO

Está mentindo!

MARIA

Não, avô!

SEBASTIÃO

Diga a verdade, Maria!

MARIA

Virgem Maria! Me deixe em paz, avô! Eu já não falei?

SEBASTIÃO

Acha direito isso? Depois do rapaz lhe pedir em casamento? Depois dele mostrar boa intenção?

MARIA

Eu pensei bem, avô! É melhor assim!

SEBASTIÃO

Não está certo! Antônio vai arriscar a vida por causa da gente! Você mangou da amizade dele! Se não queria, porque deu asas? Por que deu cabimento?

MARIA

O senhor não entende! Não me pergunte mais nada! (CAI EM PRANTOS) não me pergunte mais nada, pelo amor de Deus!

SEBASTIÃO

Estou estranhando essa coisa toda, menina! Você gosta dele, sim! Não procure me enganar!

MARIA

(IMPLORANDO) Avô!

SEBASTIÃO: Quer dizer de uma vez?

MARIA

Só queria que ele não se arriscasse, avô! Acabando o noivado, Antônio não teria obrigação de ir à casa do coronel, falar com o governador! Era uma ideia maluca! Perigosa!

SEBASTIÃO

Mas mesmo assim ele foi! Prova de que é cabra macho!
Homem direito!

MARIA

Sou uma infeliz!

SEBASTIÃO

Depois a gente explica tudo! Ele vai desculpar e
agradecer a sua intenção!

MARIA

(CHORA) Não é por isso não, avô!

SEBASTIÃO

Não é?

MARIA: Eu sou uma desgraçada, avô!

SEBASTIÃO

(PERPLEXO) O que é que está me escondendo?

MARIA

Avô...

SEBASTIÃO

(GRITA) Vamos!... Diga!...

MARIA

Foi o delegado! O delegado me enganou!

SEBASTIÃO

O que?

MARIA

Ele me disse que nos protegia! Que iria garantir a vida de pai e convencer o coronel a não mais incomodar a gente!

SEBASTIÃO

(SEM QUERER ACREDITAR NAS EVIDÊNCIAS) Continue...

MARIA

Me disse que, em troca, eu seria dele! Que teria de escolher entre a vida de pai e a minha honra!

SEBASTIÃO

(ATONITO) Quer dizer que você...

MARIA

Foi, avô... Perto do açude... Mas eu não fiz querendo!...

SEBASTIÃO

(LOUCO, AVANÇA SOBRE A MOÇA E A ESBOFETEIA COM FORÇA) Cachorra! Cachorra! Cachorra!...

MARIA

(ESTENDENDO-SE NO CHÃO) Avô, pelo amor de Deus, eu fiz pensando que estava agindo bem! Só queria salvar o pai, avô só queria salvar a gente!...

SEBASTIÃO

(DESEPERADO) Sem vergonha! Sem vergonha! (JOSÉ PEDRO APARECE À PORTA).

JOSÉ PEDRO

Que está havendo, pai? (MARIA LEVANTA-SE E FOGE DESESPERADA PARA O INTERIOR DA CASA. JOSÉ PEDRO APROXIMA-SE DE SEBASTIÃO. O VELHO ESTÁ COMO QUE EM TRANSE, ESTÁTICO. JOSÉ PEDRO AGITA-O FORTEMENTE) Que aconteceu, pai?

SEBASTIÃO

(COM VOZ SUMIDA) Nada, meu filho! Não aconteceu nada!

JOSÉ PEDRO

(DESCONFIADO) Não é verdade! (FIRME) Me diga o que houve!

SEBASTIÃO

Maria me tratou mal!

JOSÉ PEDRO

O que foi que ela fez?

SEBASTIÃO

Já disse! Me tratou mal!

JOSÉ PEDRO

Acho que está me escondendo coisa!

SEBASTIÃO

Não me desminta Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

Estou notando umas maneiras diferentes! Não entendo o que é, mas bem que gostaria de adivinhar! (ENCARANDO O VELHO) O que está se passando com Maria, pai?

SEBASTIÃO

Não sei!

JOSÉ PEDRO

Eu ouvi as suas falas com ela! O senhor nunca teve raiva dessa maneira! Deve ter sido um motivo muito grande!

SEBASTIÃO

(DESVIANDO O ASSUNTO) Pensa que não estou aperreado com o que está acontecendo com a gente? Fico afobado! (TRANSIÇÃO) Maria foi atrevida comigo! Somente isso!

JOSÉ PEDRO

Deve ser essa agonia que está virando a cabeças da menina! Antônio foi falar com o governador, não é?

SEBASTIÃO

Mesmo depois de Maria acabar o noivado com ele!

JOSÉ PEDRO

O que é que pai está dizendo?

SEBASTIÃO: Isso que falei! Maria não pode mais se casar com Antônio!

JOSÉ PEDRO

(ASSUSTADO) Não pode?

SEBASTIÃO

Não quer!

JOSÉ PEDRO

E por quê?

SEBASTIÃO

Depois você saberá! Agora, a gente tem que pensar no Antônio! Não é direito que se arrisque por nossa causa!

JOSÉ PEDRO

O que é que se pode fazer? (TRANSIÇÃO) Vou falar com Maria! Ela tem que me explicar direitinho o que está acontecendo!

MORADOR

(APARECENDO) Dá licença, seu Zé Pedro?

JOSÉ PEDRO

(VOLTANDO-SE) Entre!

MORADOR

Seu Zé Pedro, eu soube que o coronel ameaçou invadir a propriedade se os senhores não se retirassem dentro de vinte e quatro horas! É verdade?

SEBASTIÃO

A situação é essa!

MORADOR

Vim me apresentar! O senhor não está sozinho, seu Zé Pedro! Enquanto tiver vida e bala no meu rifle a gente defende! E bem que podia começar logo pelos jagunços que estão lá no açude!

JOSÉ PEDRO

Não, Firmino! Você tem mulher e filhas! Pode ir embora com o seu povo! Não tem obrigação de sofrer com a gente!

MORADOR

Me desculpa, mas não sou cabra covarde! Não iria fugir na hora que o senhor mais precisa de ajuda!

SEBASTIÃO

Você é um homem valente! Se quer ficar, a gente não recusa!

JOSÉ PEDRO

Recusa sim, pai! Não é justo!

MORADOR

Vou pedir um favor! Essa terra é mesmo que fosse minha! O senhor é meu compadre e meu amigo e nunca foi ganjento! Sempre me deixou plantar o meu milhinho, o meu feijão... (TRANSIÇÃO) Seu Zé Pedro, se me der licença, só saio daqui pro cemitério!

JOSÉ PEDRO

Está certo, Firmino! Se você quer, então fique!

MORADOR

Obrigado!

JOSÉ PEDRO

Agora, me faça o seguinte: Antônio foi ver se fala com o governador, que está visitando a fazenda do coronel! Disse que ia contar pra ele, tudo o que está acontecendo com a gente. Tenho medo que o plano dê errado e façam alguma maldade com o rapaz! Não quero que aconteça nada a ele! Fique na espreita, mas tenha cuidado também!

MORADOR

Sim senhor, seu Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

Quando anoitecer, Antônio vai a Maceió levando Maria! Não quero que minha filha esteja aqui, se acontecer alguma desgraça! Você também deve tirar a comadre e as meninas se quiser ficar!

MORADOR

Quais são as instruções?

JOSÉ PEDRO

Vá até perto da casa do coronel e fique vigiando! Se houver jeito de proteger Antônio proteja! Se não, venha me

avisar! Mas não faça besteira! É melhor se perder um do que dois!

MORADOR

Pode ficar descansado!

SEBASTIÃO

Então, não se demore! Vá com Deus! (FIRMINO VAI SAIR, JOSÉ PEDRO O ACOMPANHA. AMBOS SE ENCAMINHAM NA DIREÇÃO DA RUA) Deus queira, não aconteça o pior! (DESAPARECEM DA CENA, QUE PERMANECE DESERTA POR ALGUNS SEGUNDOS).

MARIA

(APARECE, VISIVELMENTE ABATIDA, A PORTA. A FISIONOMIA DEMONSTRA UMA PROFUNDA TRISTEZA. VAGAROSAMENTE, VAI ATÉ O MEIO DA CENA. SÚBITO PÁRA ATERRORIZADA. RECUA. O DELEGADO SURGE A SUA FRENTE, VINDO DA DIREITA. É GRANDE O CINISMO QUE TRANSPIRA DO ROSTO DO SARGENTO. ABRE UM LARGO E SATÂNICO SORRISO)
O senhor?

DELEGADO

Está com medo?

MARIA

O senhor ainda tem coragem?

DELEGADO

(Rl) É uma coisa que não me falta!

MARIA

Vá-se embora daqui!

DELEGADO

(APROXIMANDO-SE DELA) Por quê? Já não gosta de mim?

MARIA

Tenho ódio do senhor!

DELEGADO

Deixe de mentira! Você não me odiava, hoje de manhã!

MARIA

Vá-se embora, já disse!

DELEGADO

Estava lhe esperando!

MARIA

O senhor me enganou! Obrigou que eu traísse o homem que eu amo!

DELEGADO

(IMRROMPE EM ESCANDALOSA GARGALHADA, AO MESMO TEMPO, OLHA EM TODAS AS DIREÇÕES, COMO A EXAMINAR OS ARREDORES. FITA A MOÇA COM UMA EXPRESSÃO CRETINA) O homem que ama? (RISO ZOMBETEIRO E CURTO. TRANSIÇÃO. FITA-A COM OLHAR SEVERO) No açude, hoje de manhã, parecia que você gostava era de mim!

MARIA

O senhor prometeu! Eu confiei! Mas só queria me fazer mal! Porque, sargento? Porque?

DELEGADO

Não prometi nada! Disse que ia tentar ajeitar a situação!
Mas Zé Pedro não quis conversa!

MARIA

Avô bem que diz que palavra de polícia não vale nada!

DELEGADO

Teu avô é um velho besta!

MARIA

E você, um cachorro!

DELEGADO

(AVANÇANDO PARA A JOVEM) Venha cá, menina!

MARIA

Me deixe em paz!

DELEGADO

Ouçã aqui!

MARIA

Vá-se embora!

DELEGADO

(CONTÉM-SE. SENTA-SE NO BANCO) É importante o que vou dizer!

MARIA

(FURIOSA) A mim não interessa!

DELEGADO

Sabe que não pode mais casar com Antônio, não é? Que não tem mais valor pra ser mulher de homem nenhum! A não ser, pra mim! Você me pertence agora e tem de aceitar a verdade!

MARIA

Quanto a Antônio, delegado, acabei tudo com ele! Mas, com relação a você, prefiro que um raio me parta, a deixar que me toque de novo!

DELEGADO

Deixe de dizer besteira! Olha, eu até gostei da sua pessoa! A gente deve consertar tudo o que começou errado!

MARIA

Vá embora antes que o avô apareça!

DELEGADO

Não seja tão orgulhosa! Vamos aproveitar a vida!

MARIA

(FRIAMENTE) Conte ao meu avô, tudo o que fez comigo!
Se retire, senão vai ser pior!

DELEGADO

Pior para quem, Maria? Escute lá: Creio que ainda goste do Antônio e não deseja que nenhum mal aconteça a ele! Pois bem, ouvi toda conversa com o morador do seu pai, aquele tal de Firmino! Sei que Zé Pedro mandou o rapaz procurar o governador pra se queixar do coronel!

MARIA

(ESTARRECIDA) Você ouviu?

DELEGADO

Estava perto, não pude evitar a curiosidade!
(TRANSIÇÃO) A vida dele está nas minhas mãos. Pretende ainda continuar com esse orgulho besta! Prefere que o seu namoradinho seja morto?

MARIA

(RECUA, COM OLHAR FUZILANTE) Covarde! Você é um covarde! (RAPIDAMENTE SE VIRA, APROXIMA-SE DO TRONCO DE MADEIRA, ARRANCA A FOICE QUE ESTAVA NELE CRAVADA E ATIRA-SE CONTRA O DELEGADO).

DELEGADO

(DEFENDE-SE DO GOLPE DESFERIDO PELA MOÇA, TORCENDO-LHE O BRAÇO) Cuidado, sua pestinha! (MARIA GEME DE DOR, A FOICE CAI POR TERRA) É assim, não é? Cachorra doida! (MARIA SOLTA-SE E RECUA).

MARIA

Covarde!

SEBASTIÃO

(APARECENDO Á PORTA) Delegado? (FURIOSO) Macaco

peste, você está aí?

DELEGADO

(PROCURANDO REFAZER-SE DA SURPRESA) Sebastião?

SEBASTIÃO

Você é um cabra cínico mesmo!

JOSÉ PEDRO

(ENTRANDO) Que é que está havendo, pai? (SILÊNCIO DO VELHO) O que está fazendo aqui, delegado? Tem andado muito por essas bandas... E eu gostaria de saber o interesse!

DELEGADO

Meu interesse é lhe ajudar, Zé Pedro!

SEBASTIÃO

Só você mesmo! Cabra safado é o que é!

DELEGADO

Veja o que está dizendo! Eu calo a sua boca, velho!

JOSÉ PEDRO

(PARA O VELHO) Tenha calma, pai! (PARA O DELEGADO)
Que é que você quer delegado?

DELEGADO

Trago um recado do coronel!

JOSÉ PEDRO

Os recados do coronel não estão me interessando!

DELEGADO

Esse, você precisa ouvir, Zé Pedro! É para o seu bem!

JOSÉ PEDRO

Diga logo e desapareça!

DELEGADO

O governador está na cidade, hospedado na casa do coronel! Os dois são muito amigos!

JOSÉ PEDRO

Os dois são da mesma laia!

DELEGADO

Veja como fala Zé Pedro!

SEBASTIÃO

Não preste atenção a este macaco, meu filho!

DELEGADO

Eu venho em missão de paz, por isso não lhe dou ouvido, Sebastião! (TRANSIÇÃO) Pois é assim: As eleições estão se aproximando e o coronel quer esquecer as desavenças que existem entre vocês dois!

MARIA

(TOMANDO ALMA NOVA) Isso é verdade mesmo?

DELEGADO

É o que ele mandou dizer! O coronel se mantém no propósito de comprar as suas terras. Se aceitar a proposta que lhe fez, ele garante que esquecerá os aborrecimentos que teve!

JOSÉ PEDRO

(CHEIO DE ÓDIO) Já esperava por isso! Pode voltar e dizer a ele que Zé Pedro só sai daqui depois de morto!

DELEGADO

(MANTENDO UMA SUPOSTA CALMA) Palavra de honra que o coronel está até sendo bom com vocês! Se ele quisesse, faria como fez com muita gente por aí, vocês não têm escritura desta propriedade. Era só o coronel requerer usucapião, botar uma ação na justiça! Não chega jornal por aqui, por isso, vocês não tomariam nem conhecimento! Quando dessem conta, era tarde demais! Aí o coronel, protegido pela lei, botava vocês pra fora e tomava a propriedade!

JOSÉ PEDRO

Nada entendo dessas coisas, delegado, mas não acredito que a justiça proteja ladrão! De qualquer maneira, o coronel só toma as minhas terras, depois que passar por cima do meu cadáver!

DELEGADO

Então, é essa a sua resposta?

SEBASTIÃO

É essa e tem mais uma coisa! O recado agora é pra você: Evite circular novamente por essa propriedade, da próxima vez, você ficará aqui mesmo! É um cabra ordinário, delegado! Tão imundo quanto o seu patrão!

MARIA

(FORAS DE SI) Você me enganou, delegado! Me prometeu uma coisa e não cumpriu! (AVANÇA SOBRE ELE E COMEÇA A DESFERIR-LHE BOFETÕES) Miserável! Você me paga!

DELEGADO

(JOGA-A VIOLENTAMENTE AO CHÃO) Você está doida!

SEBASTIÃO

(ENTRA RAPIDAMENTE E VOLTA EM FRAÇÃO DE SEGUNDOS EMPUNHANDO UM RIFLE, DESFERE UM TIRO NO SARGENTO, QUE SE ESQUIVA A TEMPO) Vai morrer, cachorro da molesta (Moléstia-Raiva canina-hidrofobia. Pop. Sertão do Nordeste)! (O SARGENTO É LIGEIRO COMO UM GATO E PULA A CERCA).

DELEGADO

(ENQUANTO DESAPARECE DE CENA) Você me paga, velho corno! (SEBASTIÃO CORRE ATÉ A CERCA E DA DOIS TIROS A ESMO).

JOSÉ PEDRO

(AVANÇA SOBRE O VELHO E TOMA-LHE A ARMA) Pai, endoideceu também?

SEBASTIÃO

(TREME DE ÓDIO) Bandido! Eu vou matar esse bandido!

MARIA

(PROSTRA-SE NO BANCO, COM UMA CRISE DE CHORO)
Eu sou uma desgraçada! Eu sou uma desgraçada!

JOSÉ PEDRO

(DESCONTROLADO) Já basta! Já basta! Que é que vocês estão me escondendo? Que peste eu sou aqui nesta casa? Diga Maria! Diga pai! O que está havendo?

MARIA

Pai... Escute...

SEBASTIÃO

Aconteceu uma desgraça!

JOSÉ PEDRO

(GRAVE) Não quero que seja o que estou pensando!...
Mas o que for me diga!...

MARIA

(ENTRE LÁGRIMAS) O delegado falou que podia fazer o
coronel deixar a gente em paz... Se eu me entregasse a ele!

JOSÉ PEDRO

O que?

MARIA

Disse que era amigo do coronel... Que tinha forças pra
ele! Eu acreditei pai...

JOSÉ PEDRO

Como é a história, Maria?

MARIA

Foi perto do açude, pai! (AFLITA) Eu ainda quis fugir! Me ameaçou! Me disse que se eu não fosse dele, o senhor e o avô iam morrer!

JOSÉ PEDRO

Eita, filho da peste! Eita, cachorro da molesta!

MARIA

(DESESPERADA) Pai, eu não fiz por mal!

JOSÉ PEDRO

(APLICA UM BOFETÃO NA JOVEM, QUE A ATIRA POR TERRA) Eu preferia que a desgraça arrasasse com a gente, a acontecer uma coisa dessa! (AVANÇA SOBRE A FILHA, DESFERINDO-LHE VIOLENTO PONTAPÉ).

MARIA

(CONTORCENDO-SE DE DOR) Pai, não me mate!

JOSÉ PEDRO

Imunda! Puxou a quem? (VAI DAR OUTRO PONTAPÉ, QUANDO É IMPEDIDO POR SEBASTIÃO).

SEBASTIÃO

Páre, Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

Me solte, pai!

SEBASTIÃO

Ela não tem culpa! (JOSÉ PEDRO PÁRA E ENFRENTA, PERPLEXO, O VELHO SEBASTIÃO. MARIA LEVANTA-SE. CAMBALEANTE, VAI ATÉ O INTERIOR DA CASA, DESAPARECENDO DE CENA) Isso tudo é provação! É castigo, pelo mal que pratiquei no mundo!

JOSÉ PEDRO

Castigo coisa nenhuma! Então, que Deus é esse, que faz inocente pagar por pecador?

SEBASTIÃO

Deus sabe o que faz!

JOSÉ PEDRO

(REVOLTADO) tanta injustiça nessa terra! Tanto sofrimento! Porque ele não toma providência?

SEBASTIÃO

A justiça de Deus custa, mas chega!

JOSÉ PEDRO

Esse Deus só existe pra proteger gente rica!

SEBASTIÃO

Escute meu filho! Um certo tempo eu fui ao Juazeiro! Vivia no Cangaço, correndo da polícia e fazendo maldade! O meu Padrinho (Pe. Cícero Romão Batista) me recebeu e me disse um bocado de coisa! Nunca mais esqueci! Foi aí que ele me mandou abandonar aquela vida, porque, se eu desobedecesse, iria me acontecer muita coisa ruim!

JOSÉ PEDRO

(CABISBAIXO) Não acredito em mais nada, pai!

SEBASTIÃO

Eu desobedeci! Depois daquele dia, ainda fiz muita desgraça, então as coisas começaram a mudar! Corisco (Lugar-Tenente de Lampião, sucedeu a este, no Cangaço) foi morto. Consegui escapar com os outros cabras, mas andei perseguido por muito tempo. Até no Ceará eu me escondi! Depois de uns

anos, adoentado e passando fome, é que me lembrei de você! O que fiz, vindo pra cá, foi trazer as minhas mazelas pra você!

JOSÉ PEDRO

Isso tudo é tolice, pai!

SEBASTIÃO

Sei que ainda é o castigo do meu Padrinho!

JOSÉ PEDRO

Coisa nenhuma! Desgraça sempre houve, antes e depois dele!

SEBASTIÃO

Bate na boca! Na volta de Juazeiro, eu encontrei uma família inteira se acabando de Bexiga Lixa (Varíola); Sabe por que, Zé Pedro? Porque o chefe da família se negou beijar a mão do meu Padrinho!

JOSÉ PEDRO

(ENCAMINHA-SE A PORTEIRA) Não sei não, pai! O que é que o senhor aconselha? O que podemos fazer, agora?

SEBASTIÃO

Nada!

JOSÉ PEDRO

Como nada?

SEBASTIÃO

Esperar!

JOSÉ PEDRO

Vender as terras ao coronel?

SEBASTIÃO

(FORTE) Esperar por ele no coice do rifle!

MORADOR

(SURGINDO NO FUNDO DA CENA) Seu Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

(ANCIOSO) Entre! (FIRMINO APROXIMA-SE) E então? O que houve por lá?

MORADOR

O senhor me perdoe! Eu não pude fazer nada!

SEBASTIÃO

(AFLITO) Que aconteceu, Firmino?

MORADOR

O pobre do Antônio não se saiu bem!

JOSÉ PEDRO

(GRITANDO) Vamos, homem! Fale!

MORADOR

(COM VISIVEL EMOÇÃO) Quando eu cheguei, o Antônio já se encontrava na fazenda! Tinha pedido audiência e esperava pra falar com o Governador!

JOSÉ PEDRO

Continue Firmino!

MORADOR

Eu estava olhando de longe, fazendo o possível pra não ser visto por ninguém! Durante um certo tempo, o rapaz ficou

aguardando! Entrou o sargento, com os seiscentos mil diabos!
Quase correndo! Não demorou um minuto dentro de casa: Saiu,
em seguida, até a varanda, com o coronel de lado! Do jeito como
os dois conversavam, o assunto não era boa coisa. Comecei a
ficar desconfiado! Quis me aproximar para avisar o Antônio, mas
foi tarde demais! Quase dez cabras cercaram e arrastaram o
noivo da sua filha até uma certa distância...

JOSÉ PEDRO

(COM VOZ ROUCA) E... Então?

MORADOR

Foi muito triste, seu Zé Pedro!

SEBASTIÃO

(CHEIO DE IRA) Macaco peste!...

JOSÉ PEDRO

Que fizeram com o Antônio, Firmino?

MORADOR

Começaram a bater, sem dó nem piedade, no pobre
rapaz! Eu só ouvia os gritos do Antônio e as pancadas que os
cabras davam nele!

JOSÉ PEDRO

Infelizes!

MORADOR

Então eu não aguentei mais e comecei a gritar e a atirar como um louco! Os cabras recuaram... Mas, quando viram que eu estava só, passaram a responder os tiros e a correr em minha perseguição! As balas que eu carregava se acabaram logo! Não tive outro caminho, se não fugir e vir avisar os senhores!

SEBASTIÃO

E quanto ao Antônio?

MORADOR

(TRISTE) Ficou estirado feito morto!

JOSÉ PEDRO

Pobre rapaz! Agora não tem mais escolha! (SERENO) Firmino, chame sua mulher, seus filhos e vá embora daqui! Se avexe, homem! Doravante, nada de bom se pode esperar!

MORADOR

Vou não, seu Zé Pedro! Eu fico!

SEBASTIÃO

É uma ordem, Firmino! Faça o que Zé Pedro diz!

MORADOR

O senhor vai me perdoar, seu Sebastião! Vou desrespeitar essa ordem! Não sou cabra que foge na hora do aperto!

JOSÉ PEDRO

Firmino atenda o que lhe pedi!

MORADOR: Não tem jeito, seu Zé Pedro! Não tem jeito!

SEBASTIÃO

Então Firmino... Meu padrinho Padre Cicero que tome conta da gente!

JOSÉ PEDRO

O coronel só vai esperar que o governador se retire para mandar a cabroeira pra cá! Mas sei o que vou fazer! Vou eu mesmo tentar falar com esse homem! Falo com ele hoje, de qualquer maneira!

SEBASTIÃO

Isso não vai dar certo, Zé Pedro! Você estará desprotegido!

JOSÉ PEDRO

Se você quer mesmo assim...

JOSÉ PEDRO

Me diga: O que é que eu tenho mais a perder?

SEBASTIÃO

Eu vou com você, meu filho!

JOSÉ PEDRO

Não, pai! Fique em casa tomando conta de Maria!

SEBASTIÃO

Tenha muito cuidado! Não vá com afoiteza, que só dará razão pra eles!

MORADOR

Seu Zé Pedro, deixe eu ir com o senhor!

JOSÉ PEDRO

Pode vir Firmino!

FIRMINO

Obrigado!

JOSÉ PEDRO

Pai, sua benção! Se eu não voltar, fuja daqui e leve Maria!

SEBASTIÃO

Deus o proteja, meu filho! (JOSÉ PEDRO ENTRA EM CASA. SAI EM SEGUNDOS, EXAMINANDO UM REVÓLVER. TRANSPÕE A PORTEIRA E, SEGUIDO POR FIRMINO, DESAPARECE DE CENA).

MARIA

(SURGINDO AFLITA A PORTA) Onde foi pai, avô?

SEBASTIÃO

Saiu!

MARIA

Pra onde? Ele estava armado!

SEBASTIÃO

Falar com o governador!

MARIA

E... Antônio?

SEBASTIÃO

Antônio? (PAUSA PROFUNDA) O sargento denunciou ele!
Deve estar morto por estas horas!

MARIA

(PERPLEXA) Meu Deus!

SEBASTIÃO

Morreu como um passarinho! Sem poder se defender!

MARIA

(ATERRORIZADA) Morto? (TRANSTORNADA) Ele está
morto?

SEBASTIÃO

Não se lastime! É o que tinha de acontecer mesmo!

MARIA

(CHEIA DE MÁGUA) Morreu pensando que eu não gostava dele! Sem saber a verdade! Sou uma infeliz! Devia morrer também!

DELEGADO

(APARECENDO A PORTEIRA ARMADO DE REVOLVER)
Onde estão os brabos daqui?

SEBASTIÃO

Delegado?

DELEGADO

(ENTRA SEGUIDO POR DOIS SOLDADOS E UM CAPANGA)
Sim, velho! Sou eu mesmo!

MARIA

Você ainda tem coragem de vir aqui?

DELEGADO: (RISO CÍNICO) E porque não? Estava com saudade de você e vim limpar a vista! (PRA SEBASTIÃO) Onde está Zé Pedro?

SEBASTIÃO

Saiu!

DELEGADO

Saiu pra onde?

SEBASTIÃO

Não interessa!

DELEGADO

Pouco importa! Assim está melhor! (SEBASTIÃO BUSCA APANHAR UM RIFLE QUE ESTÁ ENCOSTADO NA PAREDE, MAS UM DOS SOLDADOS CHEGA A TEMPO DE IMPEDI-LO).

SOLDADO

Cuidado, velho! (EMPURRA SEBASTIÃO PARA UM LADO).

SEBASTIÃO

(CAMBALEIA E VAI AO CHÃO) Filho da peste!

MARIA

(CORRE PARA PROTEGER O AVÔ) Avô! (VOLTA-SE PARA

O DELEGADO) Que é que você quer mais? Não basta a desgraça que já nos trouxe?

DELEGADO

Não! Não basta! Você acha que eu não iria tirar desforra do que este velho me fez? (SEBASTIÃO TENTA ERGUER-SE, MAS É DOMINADO POR DOIS SOLDADOS).

SEBASTIÃO

Me soltem!

MARIA

(ARMANDO-SE DA FACA QUE SE ENCONTRA JOGADA SOBRE O VARAMÉ, AO LADO DO CERCADO, INVESTE-SE CONTRA O SARGENTO) Você me paga bandido...

DELEGADO

(DEFENDENDO-SE) Eita onça braba! (UM CABRA QUER AJUDA-LO) Pode deixar essa gatinha comigo!

SEBASTIÃO

Se aquiete, Maria!

MARIA

(DESVENCILHA-SE DO SARGENTO, CONSEGUINDO FERILLO LEVEMENTE NO ROSTO) Você me paga! Bandido! (O SARGENTO APLICA-LHE UM SAFANÃO. A FACA É ATIRADA LONGE).

DELEGADO

Então é assim? (PASSA O BRAÇO PELO ROSTO E LIMPA O SANGUE) Vou acabar Com a sua valentia!

MARIA

(RECUA) Não se aproxime de mim, delegado!

SEBASTIÃO

(TENTANDO LIBERTAR-SE) Macaco peste, você vai se arrepender!

DELEGADO

(PROVOCANDO) Olhe Sebastião, como a gatinha está braba! No açude, quando se entregou a mim, estava mansa que só vendo!

MARIA

Covarde! Não se aproxime! (OS CABRAS E SOLDADOS COMEÇAM A RIR).

SEBASTIÃO

(DESCONTROLADO) Delegado, deixe ela em paz!

DELEGADO

(ARRASTA A JOVEM ATÉ JUNTO DO CARRO DE BOI, ATRAS DO QUAL SE PROTEGE) Você vai ver Sebastião, como é que se amansa um animal brabo! Ela vai fazer comigo, na tua vista, tudo o que fez no açude! (OS CABRAS E OS DOIS SOLDADOS COMEÇAM A GARGALHAR DO DESESPERO DO VELHO).

SEBASTIÃO

Não se atreva, macaco peste! Não se atreva!

MARIA

Me deixe! Me solte, pelo amor de Deus! (MÚSICA TEMA SOBE ENQUANTO A LUZ CAI EM RESISTÊNCIA).

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

É madrugada, o céu está cheio de estrelas. Uma fogueira crepita no meio do palco. Sebastião sai do interior da casa, traz em seu poder rifle e munição. Senta-se no batente da calçada e passa a limpar a arma, municia-a. José Pedro aparece a porta.

JOSÉ PEDRO

Porque não vai dormir um pouco?

SEBASTIÃO

Não tem precisão!

JOSÉ PEDRO

(ENCAMINHA-SE ATÉ O BANCO, SENTA-SE) É quase três horas da manhã!

SEBASTIÃO

Firmino saiu faz pouco! Disse que voltava já! Botou os meninos na casa de um compadre, na Gruta do Sapo! A mulher não quis ir embora! Ficou em casa!

JOSÉ PEDRO

É cabra de sim sim, não não! Gosto de ver um homem como Firmino!

SEBASTIÃO

Quando você saiu, estava pensando em Antônio!

JOSE PEDRO

Não se sabe notícia do rapaz... Me entristece é a gente não poder fazer nada! Por essas horas, o corpo dele deve estar jogado no matagal!

SEBASTIÃO

Esse coronel um dia paga toda maldade que está fazendo!

JOSÉ PEDRO

Paga nada, pai! Aqui no sertão, a justiça não existe! Nem mesmo a justiça do céu! O mal sempre vence nessa terra maldita!

SEBASTIÃO

É verdade!

JOSÉ PEDRO

Não viu o governador? Nem prestou atenção! Só olha pra quem dá sal pra panela dele! Só dá força a quem tem força!

SEBASTIÃO

É o nosso destino, Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

Quando fui procurar o governador ele ia saindo da fazenda do coronel! Esperei na porteira. Gritei quando o carro passou! O motorista ia parando e corri pra junto! Não pude dizer nada! Vi quando o coronel cochichou alguma coisa no ouvido dele! Então, o carro arrancou e foi embora!

SEBASTIÃO

E você esperou que ele lhe desse conversa?!

JOSÉ PEDRO

Tive tanta raiva que deu vontade de atirar nos pneus! Não sei como me dominei! Também era o meu fim! Os cabras do coronel começaram a chegar pra perto! Me retirei sem dar palavra a ninguém, sabe Deus como!

SEBASTIÃO

Faço ideia!

JOSÉ PEDRO

A munição dá bem, não é pai?

SEBASTIÃO

Pra meia hora de tiroteio, economizando bala! Se a gente viver tanto tempo!

JOSÉ PEDRO

Será que o coronel vem mesmo?

SEBASTIÃO

Vem!

JOSÉ PEDRO

Só tenho pena de Maria! A desgraçada ainda é minha filha!

SEBASTIÃO

Cada um da gente tem uma estrela! A dela é tão apagada quanto a nossa!

JOSÉ PEDRO

Ainda me lembro quando Maria era pequenininha... Eu pensava tanta coisa pro futuro dela! Parece que estou vendo: Barrigudinha, desse tamanhinho! (SORRISO AMARGO) Um dia levou uma carreira de um peru no terreiro de casa... Eu só faltei morrer de rir!

SEBASTIÃO

O tempo passa Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

(OUVE-SE UM RELINCHO DE CAVALO. JOSÉ PEDRO CORRE ATÉ A PORTEIRA COM A ARMA EM PUNHO) Isso deve ser gente!

SEBASTIÃO

(TRANQUILO) É não, Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

Só pode ser, pai! (RETORNA AO BANCO, SENTA-SE).

SEBASTIÃO

Cavalo com medo de gente relincha de outra maneira!

JOSÉ PEDRO

A gente precisa dar um jeito pra tirar Maria daqui!

SEBASTIÃO

Já tomei providência!

JOSÉ PEDRO

Como assim, pai?

SEBASTIÃO

Firmino selou os dois cavalos que estão no cercado! Se a coisa ficar preta, ele tem ordem de levar Maria daqui!

JOSÉ PEDRO

Pra onde?

SEBASTIÃO

Qualquer lugar!

JOSÉ PEDRO

Está bem!

SEBASTIÃO

Firmino toma conta dela!

JOSÉ PEDRO

(LEVANTANDO-SE) Vou até a casa dele, pai! Aproveito e dou uma olhada pela redondeza!

SEBASTIÃO

(PREOCUPADO) Não se demore por aí! (JOSÉ PEDRO SAI. SEBASTIÃO O ACOMPANHA ATÉ A PORTEIRA) Tome cuidado!

MARIA

(SURGINDO À PORTA, ENCAMINHA-SE NA DIREÇÃO DO AVÔ) Avô! (SEBASTIÃO NÃO RESPONDE, A MOÇA SE DESESPERA) Avô, me ouça!

SEBASTIÃO

(VOLTANDO-SE) Que você quer?

MARIA

(AFLITA) Porque ninguém fala comigo? Não me presta atenção? Avô, eu não aguento mais!

SEBASTIÃO

O momento não é para conversa! Seu pai e eu temos muito em que pensar!

MARIA

O senhor não entendeu ainda que fui obrigada a fazer o que fiz? Sou uma desgraçada mesmo! Devia ter morrido naquela hora!

SEBASTIÃO

(FRIAMENTE) Devia mesmo! (ATIÇA A FOGUEIRA) Vá buscar umas lenhas lá dentro!

MARIA

Sim, senhor! (SAI. VOLTA A SEGUIR COM UM PEQUENO FEIXE DE MADEIRA, ABAIXA-SE, ATIÇA O FOGO) Pai pra onde foi, avô?

SEBASTIÃO

A casa de Firmino!

MARIA

(SOFRENDO) Pai não me olha! Não fala comigo. Sinto que ele tem ódio nos olhos, avô!

SEBASTIÃO

Zé Pedro não odeia você! A raiva toda é daquele macaco peste e do coronel que espalharam desgraça na nossa família!

MARIA

Nunca imaginei que a vida fosse tão bruta! Que os homens fossem tão maus! Sonhava me casando com o Antônio. Eu, de véu e grinalda... O padre benzendo a gente...

SEBASTIÃO

Cada um tem a sorte que procura Maria!

MARIA

É não, avô! Eu não procurei essa sorte! Ela veio sem eu querer! (OUVE-SE BARULHO DE MATO QUEBRADO).

SEBASTIÃO

(CORRE ATÉ A PORTEIRA, EMPUNHANDO UM RIFLE, APURA OS OUVIDOS) Espere aí!

MARIA

(ASSUSTADA) Que foi avô?

SEBASTIÃO

(ESFORÇANDO-SE PARA OUVIR MELHOR. DESISTE.
RETORNA AO TERREIRO) Me pareceu passos de gente!

MARIA

(SENTA-SE NO BATENTE DA CALÇADA) Deve ser pai! Ele
está lá fora!

SEBASTIÃO

(SENTA-SE NO BANCO) Foi impressão!

MARIA

(NUM LAMENTO) Quando penso que Antônio morreu,
não consigo me conformar! É triste, avô!

SEBASTIÃO

Nunca sofri na minha vida uma desmoralização como a
de ontem! Senti a vista escurecer, quando vi o delegado...

MARIA

(GRITA) Não relembre avô! Não relembre! (CAI EM PRANTOS) Foi mais triste pra quem? Pro senhor, ou pra mim?

SEBASTIÃO

Às vezes fico pensando que a velhice me deixou covarde!

MARIA

(DESCONTROLADA) Os cabras rindo... O avô segurado por eles... E eu... (COBRE O ROSTO COM AS MÃOS) Que vergonha!

SEBASTIÃO

(COM VOZ FIRME) Se controle!

MARIA

(BALBUCIANDO) Que vergonha!

SEBASTIÃO

(VAI ATÉ A JOVEM. TEM UM TÍMIDO GESTO DE TERNURA) Se levante, ande!

MARIA

(ERGUENDO-SE EM PRANTOS) Eu quero morrer!

SEBASTIÃO

(ACARICIANDO-LHE OS CABELOS) José Pedro não sabe o que se passou! Não tive coragem de contar a ele! (SEBASTIÃO SENTA-SE NO BANCO. MARIA AJOELHA-SE AOS PÉS DO AVÔ E REPOUSA A CABEÇA NA PERNA DESTA).

MARIA

(COM VOZ EMBARGADA) O senhor tem sofrido muito!

SEBASTIÃO

A gente tem que se conformar com os castigos de Deus! Aconteça o que acontecer, fique sabendo que seu avô lhe quer bem!

MARIA

(ERGUENDO-SE, FALA EM TOM PESADO) Nessas vinte e quatro horas aprendi muita coisa! Parece que envelheci dez anos num dia!

JOSÉ PEDRO

(ENTRANDO) Fica combinado assim, Firmino: se não houver outra saída, os cavalos já estão selados! Você pega Maria e vai com ela! Deixa a menina na casa do compadre Arnóbio, em São Miguel (*São Miguel dos Campos – cidade alagoana)!

FIRMINO

Pode confiar que eu farei isso!

MARIA

(PARA JOSÉ PEDRO) Pai, vou ficar com o senhor!

JOSÉ PEDRO

(VIOLENTO) Não pedi sua opinião! Você faz o que eu mandar! (MARIA BAIXA A CABEÇA E SE ENCAMINHA VAGAROSAMENTE PARA O INTERIOR DA CASA. SAI).

SEBASTIÃO

A menina não precisa ir embora!

JOSÉ PEDRO

(IRRITADO) Pai dá razão a ela?

SEBASTIÃO

(FORTE) Dou!... Se tem uma pessoa que vem sofrendo mais do que todo mundo, essa pessoa é Maria, Zé Pedro!

FIRMINO

Seu Sebastião está certo! A pobre moça, de uns dias para cá, vem se consumindo! Mas, que ela tem de sair daqui, é coisa que não se discute!

JOSÉ PEDRO

Sei que ela está sofrendo, pai! Mas não está sofrendo inocente! Cada um deve pagar pelos seus atos! (TRANSIÇÃO) O meu ódio por esse sargento e pelo coronel é tão grande, que chega doer nas carnes! Toda miséria do mundo é obra desses coronéis! Mas, um dia eles vão perder essa força!

SEBASTIÃO

Isso é ilusão, Zé Pedro! Entra e sai governo, o coronel é sempre coronel! É como se fosse um rei, manda, desmanda e todo mundo se curva! Cada governo que assume, seja de que política for a primeira coisa que faz é estender a mão pra esse miserável!

JOSÉ PEDRO

Antônio me falou de um candidato que tem por aí pregando a Reforma Agrária! Pra gente, que já possuem pedaço de terra, não há precisão! Mas seria tão bom que acontecesse uma coisa dessa, pra acabar com esse coronelismo dos diabos e com a miséria que há por estas bandas!

FIRMINO

É isso mesmo, seu Zé Pedro! Esse negócio da gente viver sofrendo a vida inteira, não é direito não! Olhe Deus me perdoe, se o que eu vou dizer é pecado: Acho que está tudo errado neste mundo! A gente, todo domingo vai à missa, não perde novena, nem festa de santo... Em cada cruz de estrada, por onde se passa se coloca uma pedrinha e faz uma reza (*Costume religioso, no sertão nordestino). O padre daqui que conhece toda nossa mazela, porque a gente conta tudo pra ele, só faz dizer que se tenha paciência! Que tenha fé em Deus! Seu Zé Pedro, fé em Deus eu tenho, mas fico danado da vida quando vejo o padre, pra cima e pra baixo com o coronel, de cama e mesa com ele!

SEBASTIÃO

Firmino, o inferno está cheio de cabeça de padre! De tempos em tempos, é que se vê um, como Padre Cícero! Aquele

sim, que era um santo! Pra defender a pobreza, chegou até a pegar em armas contra Franco Rabelo!

JOSÉ PEDRO

Como era bom, se todo mundo tivesse o seu pedaço de terra, que a água não pertencesse a ninguém e não houvessem coronéis para atormentar a gente!

MARIA

(ENTRANDO. TRAZ NA MÃO UM CANECO) Pai, tome este caneco de café! (JOSÉ PEDRO NÃO RESPONDE) É café, pai! Tome! Está fazendo frio!

JOSÉ PEDRO

(SEM PRESTAR ATENÇÃO) Leve isso pra lá!

MARIA

(INSISTE TIMIDAMENTE) Pai, tome!

JOSÉ PEDRO

(VIOLENTAMENTE) Já disse que não quero!

MARIA

Está bem! (PRA SEBASTIÃO) Quer avô?

SEBASTIÃO

Ofereça ao Firmino!

FIRMINO

Ninguém quer, eu aceito! (RECEBE O CANECO DAS MÃOS DE MARIA E BEBE O CAFÉ).

MARIA

Com licença! (RETIRA-SE VAGAROSAMENTE PARA O INTERIOR DA CASA).

JOSÉ PEDRO

Arrumou a munição, pai?

SEBASTIÃO

Está tudo dividido direitinho!

JOSÉ PEDRO

De agora em diante, a gente tem de estar preparado!

FIRMINO

Será que não tem um jeito? Por exemplo: Ir à cidade

vizinha procurar o juiz! Vê se o prefeito podia fazer alguma coisa...

JOSÉ PEDRO

O prefeito foi eleito pelo coronel! É cunhado dele!

FIRMINO

É verdade! Nem me lembrava!

SEBASTIÃO

(OUVE-SE O CANTO DA JURITI, AO LONGE) A Juriti é ave agourenta! Tem uma risada de mau assombro!

JOSÉ PEDRO

Está tresvariando (*Tresvariar – Esta expressão era muito utilizada pelo sertanejo alagoano com a corruptela “Travaliar”).

SEBASTIÃO

Sou homem acostumado a toda espécie de miséria! Só não gosto é de ficar esperando por ela!

JOSÉ PEDRO

(PARA SEBASTIÃO) Pai, vá buscar um cinto de munição pro Firmino!

SEBASTIÃO

(ENTRA NA CASA. SAI, EM SEGUIDA, COM A MUNIÇÃO)

Olhe aqui!

FIRMINO

(COLOCA O CINTO CRUZADO NO PEITO, VAI AO MEIO DA CENA) Está fazendo frio!

SEBASTIÃO

Estou é com calor! Um calor que vem de dentro!

JOSÉ PEDRO

(DESCE ATÉ A FOGUEIRA E AQUECE AS MÃOS NO FOGO)

O frio da noite é frio bom!

SEBASTIÃO

(PENSATIVO) Quando eu vivia no cangaço, passei muito por isso. Corisco gostava de fazer assim: Quando queria atacar uma fazenda, ou outro lugar qualquer, chegava cedo, amoitava os cabras por perto e dava um tiro de aviso!...

FIRMINO

Corisco era mais perverso do que Virgulino!

JOSÉ PEDRO

Aqui, neste sertão infeliz, sem justiça, sem Deus, sem coisa nenhuma, só não fica perverso quem tiver, mesmo, sangue de barata!

SEBASTIÃO

(CONTINUANDO A NARRAÇÃO) O pessoal que ia ser atacado ficava esperando, esperando, até perder o juízo e sair no meio da noite, atirando no vento! Isso era o que a gente queria!

JOSÉ PEDRO

(OUVE ALGUM RUÍDO E LEVANTA-SE BRUSCAMENTE)
Silêncio!...

FIRMINO

Que foi?

JOSÉ PEDRO

(CORRE ATÉ A PORTEIRA) Parece que ouvi barulho!

SEBASTIÃO

Deve ter sido impressão!

JOSÉ PEDRO

Eu ouvi pai!

SEBASTIÃO

Deixe eu escutar direito!

FIRMINO

(ENGATILHANDO O RIFLE) Fiquem por aqui! Vou dar uma espiada no caminho!

JOSÉ PEDRO

Não Firmino, quem vai olhar sou eu! Tome conta do pai!

SEBASTIÃO

Tenha cuidado! (JOSÉ PEDRO DESAPARECE DE CENA) Que noite custosa!

FIRMINO

É quase de manhã. O sol aparece já!

SEBASTIÃO

(VAI ATÉ A PORTA DA CASA) Maria!

MARIA

(SURGE A PORTA) Que é avô?

SEBASTIÃO

Ainda tem aguardente?

MARIA

Parece que tem!

SEBASTIÃO

Vá buscar a garrafa! (SEBASTIÃO VOLTA-SE PARA FIRMINO) É pra esquentar o frio!

FIRMINO

Sim senhor! (O MORADOR ENCAMINHA-SE Á PORTEIRA, PERSCRUTA A ESCURIDÃO DA NOITE. SEBASTIÃO DELE SE APROXIMA).

MARIA

(REAPARECENDO) Avô (SEBASTIÃO VIRA-SE) Olhe aqui! (ENTREGA-LHE A AGUARDENTE. O VELHO TOMA UM GOLE E PASSA A GARRAFA A FIRMINO).

FIRMINO

(BEBENDO) Assim está melhor! (DEVOLVE A GARRAFA A SEBASTIÃO).

SEBASTIÃO

Zé Pedro não devia ter saído sozinho! Vou atrás dele!

FIRMINO: Seu Sebastião, compadre José Pedro recomendou que eu tomasse conta do senhor!

SEBASTIÃO

Não sou nenhum demente, Firmino! Não discuta comigo que sei me defender! Fique por aqui! Não me demoro!

FIRMINO

Não se afaste muito! (FIRMINO DESCE ATÉ O MEIO DA CENA, SENTANDO-SE NO BANCO).

MARIA

(APROXIMANDO-SE DO MORADOR, SENTA-SE AO LADO DESTES) Você acredita que existe Deus?

FIRMINO

Acredito dona Maria! Acredito!

MARIA

Que existe céu e inferno?

FIRMINO: Também!

MARIA

Sei não!... Pois, se existe inferno, Firmino... Eu acho que a maior parte do povo que vai pra lá é gente pobre! O sofrimento e a miséria deixam o cristão descrente e revoltado! (TRANSIÇÃO)
Eu, por exemplo, Firmino só queria ser feliz! Mas a vida me ensinou a odiar, a desejar o mal!

FIRMINO

Minha moça, nosso senhor já dizia, quando andava no mundo, que era mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar no céu!

MARIA

Ele que me perdoe, se eu estiver dizendo besteira! Acho que ele estava era botando folhas na venta da gente! (* Enganando, Tapeando).

JOSÉ PEDRO

(DE FORA DA CENA) Quem vem lá? (NINGUÉM RESPONDE) Diga quem vem lá se não, passo fogo!

ANTONIO

(DE FORA. GRITA FRACO) É de paz!

MARIA

(ASSUSTADA) Quem será Firmino?

FIRMINO

Fique aí, que vou olhar! (QUANDO O MORADOR ENCAMINHA-SE PARA SAIR, ANTÔNIO APARECE, CAMBALEANTE, A PORTEIRA).

ANTONIO

(DESFALCENDO) Maria! (CAI PESADAMENTE AO CHÃO).

MARIA

(CORRENDO PARA ELE) Antônio! Meu Deus!

JOSÉ PEDRO

(SURGINDO Á PORTEIRA, SEGUIDO POR SEBASTIÃO) Será que estou vendo direito, mesmo?

MARIA

(AFLITA) É Antônio, pai! (AJOELHA-SE, AOS PRANTOS, JUNTO DO RAPAÇ) Antônio! Eu menti! Eu gosto de você! Só não queria que se arriscasse por minha causa!

SEBASTIÃO

(APROXIMANDO-SE DELA) Menina, venha pra cá! (MARIA NÃO OBEDECE) Chegue pra cá, ande! (JOSÉ PEDRO ACERCA-SE DO RAPAÇ, ERGUE-O NOS BRAÇOS, DEITANDO-O SOBRE A CALÇADA).

JOSÉ PEDRO

(PARA MARIA) Veja se encontra um toco de vela lá dentro! (A JOVEM PARECE NÃO OUVIR O PAI) Ande logo! Quer que ele parta sem a luz de Deus, infeliz?! (MARIA RÁPIDA, DESAPARECE NO INTERIOR DA CASA. JOSÉ PEDRO DIRIGE-SE A SEBASTIÃO) O rapaz está morrendo, pai!

SEBASTIÃO

(FAZENDO O SINAL DA CRUZ) Deus bote a alma dele em bom lugar!

MARIA

(RESSURGINDO DO INTERIOR DA CASA) Olhe a vela!

JOSÉ PEDRO

(PONDO A VELA NA MÃO DO MORIBUNDO) Morra em paz Antônio! Vá com Deus! (O RAPAZ EXALA O ÚLTIMO SUSPIRO, A VELA ACESA É COLOCADA A CABECEIRA DO MORTO).

SEBASTIÃO

Fez um esforço danado pra chegar até aqui!

FIRMINO

O senhor me perdoe, seu Zé Pedro! Eu não soube proteger o rapaz como me pediu!

JOSÉ PEDRO

Você fez o possível!

SEBASTIÃO

O coronel já começou! Antônio foi o primeiro!

JOSÉ PEDRO: Pai traga pra fora a munição toda!

SEBASTIÃO

É já! (SAI).

FIRMINO

Aquele sargento peste foi o culpado!

JOSÉ PEDRO

(FIRME) Acho melhor pegar os cavalos agora e levar Maria pra longe daqui!

FIRMINO

Sim, senhor, seu Zé Pedro!

MARIA

Não! Não vou! Pode até me matar, que não me incomodo!

JOSÉ PEDRO

(FORTE) Você vai, peste! Não me desobedeça!

MARIA

(SUPLICANDO) Deixe eu ficar, pai! Sei atirar de rifle!
Quero me vingar do que esses bandidos fizeram com o Antônio!

FIRMINO

Minha moça, a ordem que tenho é pra deixar a senhora
em segurança! Depois voltarei pra ajudar seu José Pedro!

MARIA

(GRITA) Não vou, já disse! (APANHA O RIFLE QUE ESTÁ
NO CHÃO, APONTA-O PARA JOSÉ PEDRO E FIRMINO)
Desobedeço, sim! Daqui não saio com vida! Meu gosto de viver
se acabou, pai! Se acabou quando eu perdi o Antônio, e quando
virei puta sem querer!

FIRMINO

Minha moça, o que é isso?

MARIA

(FORTE) Deixe, pai! Pelo amor de Deus! Eu quero me
acabar aqui, junto do senhor!

JOSÉ PEDRO

Está bem, Maria! Está bem! Pode ficar!

MARIA

(CAI DE JOELHOS, ABRAÇADA AO RIFLE) Obrigada, pai!

JOSÉ PEDRO: Agora, Firmino, se quiser ir embora sozinho, ainda está em tempo!

FIRMINO

Eu também fico com o senhor!

SEBASTIÃO

(APARECE CARREGANDO DOIS RIFLES E MUNIÇÃO) É tudo o que a gente tem!

JOSÉ PEDRO

(VAI ATÉ A PORTEIRA) O dia está amanhecendo!

SEBASTIÃO

(COLOCA A MUNIÇÃO SOBRE O BANCO) Você quer um rifle, Zé Pedro?

JOSÉ PEDRO

Quero sim! Dê munição a Maria! Ela vai ficar com a gente!

FIRMINO

Seu Zé Pedro, vamos colocar o corpo do Antônio em outro lugar!

JOSÉ PEDRO

Dentro de casa! Em cima da cama!

FIRMINO

Posso dar uma opinião?

JOSÉ PEDRO

Pois diga!

FIRMINO

Antônio morreu por causa da gente! É preciso ser tratado como cristão!

JOSÉ PEDRO

Como assim?

FIRMINO

A gente leva o corpo pra minha casa. As mulheres ficam fazendo sentinela. O pobre morreu de sucesso (*Desgraça) e precisa de reza pra não virar alma penada!

JOSÉ PEDRO

Boa ideia, Firmino!

FIRMINO: Então, vamos!

JOSÉ PEDRO

(PARA A FILHA) Maria, vá buscar uma rede!

MARIA

Sim, senhor pai!

SEBASTIÃO: Traga também o meu rosário que está na cabeceira da cama!

MARIA

Sim senhor! (MARIA SAI).

FIRMINO

Cadê a guiada do carro de boi? (* Aguilhada, vara longa

com um ferrão na ponta).

JOSÉ PEDRO

Encostada na cerca!

MARIA

(ENQUANTO FIRMINO VAI BUSCAR A AGUILHADA, MARIA RETORNA) Pronto pai! A rede está aqui! (PARA O AVÔ) Olhe o rosário, avô (SEBASTIÃO RECEBE DA JOVEM UM LONGO COLAR DE BIURÁS).

FIRMINO

Deixem-me ver a rede! (FIRMINO RECEBE A REDE DAS MÃOS DE JOSÉ PEDRO. ESTENDE-A NO CHÃO) Ajude aqui, seu Zé Pedro! (AMBOS COLOCAM SOBRE A REDE O CORPO DE ANTONIO. OS PRENDEDORES SÃO AMARRADOS NAS EXTREMIDADES DA AGUILHADA, QUE É ERGUIDA E APOIADA NOS OMBROS DOS DOIS HOMENS. ESTES VÃO SAIR PELOS FUNDOS DA CENA. MARIA OS INTERCEPTA).

MARIA

Posso ir também?

JOSÉ PEDRO

Você fica!

SEBASTIÃO

(ABAIXA-SE, APANHA O TOCO DE VELA AINDA ACESO E SE PÕE Á FRENTE DOS DOIS) Se não se apagar com o vento, dá pra iluminar o caminho!

JOSÉ PEDRO

(RECEBENDO A VELA DAS MÃOS DO VELHO) Fique com Maria, pai! (FIRMINO E JOSÉ PEDRO SAEM DE CENA LEVANDO O CORPO DE ANTÔNIO, ENQUANTO SEBASTIÃO OS OBSERVA DA PORTEIRA).

SEBASTIÃO

Você já chorou demais! É bom se conformar!

MARIA

Não está na minha vontade, avô!

SEBASTIÃO

Se tudo estivesse na vontade da gente, ninguém era infeliz no mundo! Mas há coisas que se podem controlar!

MARIA

O avô está dizendo!

SEBASTIÃO

Porque não vai embora com o Firmino? A vida está começando pra você!

MARIA

Não tenho mais vida, avô!

SEBASTIÃO

Bote um cinto de bala desses no ombro! Vai precisar!
(MARIA ERXPERIMENTA UM DELES) Você me faz lembrar Maria Bonita, quando andava na caatinga com o capitão Virgulino!
(FICA SÉRIO DE REPENTE) A diferença é que você é moça sofredora e ela era perversa de natureza! (MARIA RETIRA O CINTO, PEGA O RIFLE E ENTRA EM CASA).

SEBASTIÃO

(OUVI-SE O CANTO LONGIQUO DE UM BENDITO.
SEBASTIÃO CANTA BAIXINHO, FAZENDO CORO NUMA DAS ESTROFES).

Quem se for pro juazeiro

Vá com dor no coração,

Para ver o sofrimento

Do padre Cicero Romão!

MARIA

(RETORNANDO) Avô!

SEBASTIÃO

(VOLTANDO-SE) Fale!

MARIA

O dia amanhece! E agora?

SEBASTIÃO

Não se incomoda de ficar sozinha um pouco, não é? Vou dar uma olhada por perto! Estou achando tudo calmo demais!

MARIA

Pode ir, avô (MARIA SENTA-SE NO BANCO).

DELEGADO

(OCULTO, POR TRAS DA CERCA, OBSERVA QUANDO SEBASTIÃO DESAPARECE AO LONGE PARA, ENTÃO, APRESENTA-SE A MARIA) Menina! Não tenha medo!

MARIA

(ATERRORIZADA) Você? Você aqui?

DELEGADO

Vim pra lhe falar!

MARIA

(PERPLEXA) Vá embora!

DELEGADO

Escute...

MARIA

Veio com a cabroeira do coronel? Chegou a hora, delegado?

DELEGADO

Infelizmente está chegando!

MARIA

Que está esperando então? Pode me matar! Pai não está!
Nem o avô! Se quiser completar a desgraceira que fez, não perca
tempo!

DELEGADO

Sabia que você estava só! Peço que ouça o que tenho pra
lhe dizer!

MARIA

Pois diga logo!

DELEGADO

Quero salvar a sua vida!

MARIA

Me salvar!

DELEGADO

Ninguém sabe que estou aqui!

MARIA

Ninguém sabe!

DELEGADO

Quando vim, o coronel estava preparando a cabroeira!
Dentro de poucos minutos atacará Zé Pedro!

MARIA

Por que está me contando isso?

DELEGADO

Não quero que lhe aconteça mal! Ele vai invadir a propriedade sem dar um tiro, esperando que Zé Pedro reaja! O coronel tem certeza de que seu pai começara o tiroteio... E, aí, será o fim de todo mundo por aqui! (DEMONSTRANDO UM CERTO DESGOSTO) Vem soldados, também, do destacamento! O coronel apresentou denúncia de que Zé Pedro é um agitador comunista!

MARIA

Sabe que isso não é verdade, não sabe delegado?

DELEGADO

Sei!

MARIA

Por que não tem consciência pelo menos uma vez na vida?

DELEGADO

Maria, eu sou um pau mandado! Estou aqui para servir às ordens do coronel! Sabe, nessas últimas horas tenho procurado um jeito pra ajudar vocês, mas não acho!

MARIA

Porque você é um covarde!

DELEGADO

Sei que lhe fiz muito mal, por isso você me odeia! Mas, se lhe dissesse que estou arrependido?

MARIA

(COM IRONIA) Arrependido? Você?

DELEGADO

Eu mesmo! Não consegui dormir! Em todos os momentos eu via sua imagem, me acompanhando feito uma visão! Era

como se fosse um pesadelo! O desespero do seu rosto, ontem à tarde, não me saiu do pensamento!

MARIA

Não lembre, por favor!

DELEGADO

Maria... Seria muito difícil me perdoar?

MARIA

(A JOVEM ENCARA O DELEGADO COM UM AR DE PERPLEXIDADE. COMEÇA A RIR BAIXINHO. SEU RISO, POUCO A POUCO SE TRANSFORMA NUMA GARGALHADA HISTÉRICA) Perdoar? (A GARGALHADA SE TRANSFORMA EM PRANTO) Perdoar? Acha que é tão simples? Depois que me desgraçou a vida? Depois que assassinou o meu noivo? Perdoar porque você e o coronel querem matar as únicas pessoas que me restam no mundo?

DELEGADO

Maria venha comigo! Vamos fugir daqui! Eu deixo farda, tudo... A gente toma rumo pra bem longe!

MARIA

Eu não sou mais criança, delegado! A criança que eu era, você matou também!

DELEGADO

Fuja comigo! Farei tudo o que quiser! Quando a gente estiver longe, eu me casarei com você! Lutarei contra o mundo inteiro, mas você terá vida de rainha!

MARIA

(FRIA) Fará tudo mesmo?

DELEGADO

Tudo!

MARIA

Então bote a sua polícia contra o coronel! Depois faça de mim o que quiser que eu serei sua escrava para o resto da vida!

DELEGADO

Isso eu não posso, Maria!

MARIA

Não pode?

DELEGADO

A tropa não iria me obedecer! Eu tenho algum dinheiro...
Se você quiser, a gente foge agora mesmo daqui!

MARIA

(FRIA) E deixar meu pai? Meu avô?

DELEGADO

Sei que é difícil, mas só existe esse caminho!

MARIA

(SOTURNA) Espere um pouco, delegado! Pensando bem, o senhor tem razão! Ainda sou moça e posso gozar a vida.
(DECIDIDA) Vou lá dentro buscar minha trouxa de roupa! (MARIA DESAPARECE NO INTERIOR DA CASA. O DELEGADO AGUARDA-A COM NÍTIDA ANSIEDADE. A JOVEM REAPARECE, EMPUNHANDO UM RIFLE) Estou pronta delegado!

DELEGADO

Maria?

MARIA

Esta é a minha resposta delegado! (DESFERE-LHE UM TIRO. O DELEGADO CAI PESADAMENTE NO CHÃO).

DELEGADO

(GRAVEMENTE FERIDO) Você me matou!

MARIA

Você se enganou, covarde! (O DELEGADIO TENTA SACAR O REVÓLVER. MARIA DESFERE-LHE OUTRO TIRO A QUEIMARROUPA. O DELEGADO MORRE) Se enganou comigo!

JOSÉ PEDRO

(APARECENDO A PORTEIRA, SEGUIDO POR FIRMINO, AMBOS PORTAM SUAS ARMAS) Que houve Maria? Que houve?

MARIA

(FRIAMENTE) Lavei minha honra e vinguei a morte de Antônio!

JOSÉ PEDRO

(DESCOBRINDO O CORPO) O delegado?!

MARIA

Sim senhor! Ele mesmo!

JOSÉ PEDRO

Que veio fazer aqui?

MARIA

(DISTANTE) Morrer!

JOSÉ PEDRO

(GRITANDO) Que é que ele queria? Me diga!

MARIA

Que eu fugisse com ele!

JOSÉ PEDRO

(CHEIO DE ÓDIO) Infeliz...

SEBASTIÃO

(APARECENDO) Que aconteceu?

JOSÉ PEDRO

Olhe pai!

SEBASTIÃO

O delegado?

JOSÉ PEDRO

Maria atirou nele!

MARIA

O coronel já está a caminho! Vem com a cabroeira e a polícia! O desgraçado apresentou queixa dizendo que o pai era comunista! Uma desculpa para acabar com a gente!

JOSÉ PEDRO

Firmino, desde menino que ouço falar nisso! Sempre me diziam que o comunismo era obra da besta fera! Os padres gritavam nos sermões; Todo mundo se benzia quando falava nesse nome! Agora querem me matar, dizendo que eu sou comunista! O senhor sabe pai? Sabe Firmino, o que é ser comunista?

FIRMINO

Sei não, seu Zé Pedro!

SEBASTIÃO

Deve ser meu filho, coisa parecida com coiteiro! Um motivo qualquer que a polícia inventa pra matar a gente! Como mataram pai, no tempo de lampião!

FIRMINO

Vamos nos preparar, seu Zé Pedro, pra receber o coronel e os cabras dele! (PARA SEBASTIÃO) Me ajude a tirar o corpo deste macaco daqui! (SEBASTIÃO E FIRMINO ARRASTARAM O SARGENTO ATÉ FORA DE CENA. SAEM).

MARIA

Pai, estou preparada!

JOSÉ PEDRO

Bote a cartucheira e tome conta do terreiro!

MARIA

Sim senhor!

JOSÉ PEDRO

(SÉRIO) Se você escapar com vida, não se esqueça do dinheirinho que está debaixo do colchão! (TRANSIÇÃO) Outra coisa, Maria! Desculpe o seu pai! Fui muito duro com você!

MARIA

(ESTREMECE) Pai, não fale como quem vai morrer!

FIRMINO

(RETORNANDO A CENA SEGUIDO POR SEBASTIÃO)
Pronto. O bicho já está lá fora!

JOSÉ PEDRO

Pai, venha cá!

SEBASTIÃO

Diga, Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO

O senhor fica com Maria! Ela garante a porta da casa e o senhor a entrada do açude!

SEBASTIÃO

Pode ficar descansado que eu tomo conta!

JOSÉ PEDRO

Firmino, nós dois vamos esperar o coronel na entrada da propriedade! O primeiro que passar a cerca, leva bala, entendeu?

FIRMINO

Entendi seu Zé Pedro!

JOSÉ PEDRO: Agora vamos! (JOSÉ PEDRO SAI, ACOMPANHADO POR FIRMINO. SEBASTIÃO POE-SE EM GUARDA. MARIA SENTA-SE NO MEIO DA CENA, FALA PARA O AVÔ).

MARIA

Avô será que a gente vai morrer?

SEBASTIÃO

É o mais certo!

MARIA

Eu queria tanto ser feliz neste mundo!

SEBASTIÃO

Ainda está em tempo de você ir embora!

MARIA

Não, avô! Agora que o Antônio está morto, já não tem importância!

SEBASTIÃO

Se for embora, com o tempo esquecerá tudo! Quem sabe se não encontrará, no futuro, um bom homem que ampare você!

MARIA

(CORTANDO O ASSUNTO) Nem pensar! (MARIA SE LEVANTA E VAI A FOGUEIRA QUASE APAGADA. PRETENDE AJOELHAR-SE, QUANDO SÃO OUVIDOS, AO LONGE VÁRIOS TIROS MARIA VOLTA-SE SOBRESSALTADA. SEBASTIÃO CORRE ATÉ O MEIO DA CENA. A JOVEM TENTA, DO PORTÃO, DISTINGUIR ALGUMA COISA) É pai, avô! Vem correndo pra cá! (OUVEM-SE MAIS TIROS).

SEBASTIÃO

(GRITA) A miséria já começou! (PARA MARIA) Vá pra dentro!

MARIA

(FIRME) Não! (EMPUNHA O RIFLE) Meu lugar é aqui!

JOSÉ PEDRO: (APARECENDO EM CENA, AGITADO) Os cabras do coronel estão vindo! Até a polícia está com ele! Trocamos tiros! Firmino foi baleado e está morto!

MARIA

Meu Deus!

SEBASTIÃO

(SÉRIO) Que Deus o guarde!

JOSÉ PEDRO

(OLHANDO AO LONGE) Vigie a entrada do açude, pai! Começo a sentir o cheiro daqueles pestes nas minhas ventas!

MARIA

(O TIROTEIO RECOMEÇA INTENSO. MARIA REZA EM VOZ ALTA, ENQUANTO SE PROTEGE COM A ARMA EM RISTE) Bendito louvado seja o santo nome do meu Padrinho Padre Cícero do Juazeiro! Minha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro! Nossa Senhora das Dores, se é esse o nosso destino! (FORTE SARAIVADA DE BALAS. MARIA RECUA SOBRESSALTADA.

SEBASTIÃO PROTEGE-SE NA RODA DO CARRO DE BOI. JOSÉ PEDRO CORRE A PORTEIRA E RESPONDE AOS TIROS, EM MEIO AO TIROTEIO CAI FULMINADO) Pai!... (SOLTA O RIFLE E CORRE PARA JUNTO DE JOSÉ PEDRO, QUE MORRE EM SEUS BRAÇOS).

SEBASTIÃO

(CORRE AO PORTÃO E GRITA ALUCINADO) Pestes! Pestes! Gota serena da peste! (COMEÇA A DISPARAR A ESMO, CONTINUA A GRITAR COMO UM POSSESSO) Peste! (HÁ UM SILÊNCIO MORTAL LÁ FORA. DESMUNICIADA, A ARMA DE SEBASTIÃO CAI POR TERRA, O VELHO ENTENDE AGORA, QUE JÁ NÃO PODE MAIS REAGIR. FITA DESALENTADO, O CORPO DO FILHO, CAIDO, E MARIA, EM PRANTOS, ABRAÇADA A ELE. DE TODAS AS DIREÇÕES APARECEM CABRAS DO CORONEL, QUE CERCAM A CENA. MARIA E O AVÔ NÃO MAIS OFERECEM RESISTÊNCIA; ESTE EM ESTADO DE CHOQUE, TEM O OLHAR DISTANTE. SÚBITO, SURGE O CORONEL. OS BANDIDOS RECUAM À APROXIMAÇÃO DO CHEFE POLÍTICO, SEGUE-O UM CABO DE POLÍCIA, TIPO MAGRO, SUBSERVIENTE E CRETINO. DIRIGI-SE AO CORONEL, REVERENTE E SUBMISSO).

CABO

E agora coronel? O que é que a gente vai fazer?

CORONEL

(INDIFERENTE) Mande pendurar o corpo numa arvore, pra servir de exemplo a quem quiser me desrespeitar!

CABO

(TIMIDAMENTE) Mas coronel... O que é que a gente escreve no relatório policial?

CORONEL

(IRRITADO) Nada, homem! Diga que ele estava fazendo agitação comunista, resistiu à prisão e foi morto! (O CORONEL DÁ UMA ULTIMA OLHADELA AO REDOR E SAI PELA PORTEIRA, SEGUIDO PELO CABO. DOIS CABRAS APROXIMAM-SE DE ZÉ PEDRO. UM DELES APANHA UM PEDAÇO DE MADEIRA; O OUTRO RETIRA A CORDA QUE AMARRA O CARRO DE BOI. O PEDAÇO DE MADEIRA É PRESO AO OMBRO DE ZÉ PEDRO QUE TEM OS PULSOS IMOBILIZADOS, COMO SE FOSSEM NOS BRAÇOS DE UMA CRUZ. A CORDA É ALÇADA SOBRE A ARVORE E O CORPO DE JOSÉ PEDRO ERGUIDO A CERTA ALTURA. ALÍ, PENDURADO BRAÇOS ABERTOS AMARRADOS AO MADEIRO, O CADAVER DÁ A IMPRESSÃO DO CRISTO CRUCIFICADO. MARIA AJOELHA-SE, AOS PRANTOS, DIANTE DO PAI. SEBASTIÃO CONTINUA DE PÉ, EM ESTADO DE CHOQUE, IMÓVEL COMO UMA ESTÁTUA. OS

CABRAS VÃO SE RETIRANDO, UM APÓS OUTRO. NA CENA, AGORA, APENAS O CORPO PENDURADO DE JOSÉ PEDRO, A JOVEM E O AVÔ. MARIA COMEÇA A REZAR BAIXINHO).

MARIA:

Quem se for pro Juazeiro

Vá com dor no coração;

Para ver o sofrimento

Do Padre Cícero Romão.

Ouve-se um coro de vozes repetindo a estrofe, as luzes vão caindo em resistência. Refletores vermelhos e azul são atirados sobre José Pedro, Sebastião e Maria; o coro de vozes funde-se ao tema musical da peça e a cortina desce lentamente.

F I M

PEDRO ONOFRE DE ARAÚJO

MUNDAÚ, LAGOA ASSASSINADA

PEÇA EM 3 ATOS

MUNDAÚ, LAGOA ASSASSINADA

MUNDAÚ é uma lagoa; ao lado de outra a Manguaba, constituem ambas, com suas bacias, canais, afluentes e restingas na confluência do mar, um patrimônio paisagístico, hídrico e ecológico dos mais belos e ricos do mundo.

Daqui, desse recanto que ainda preserva os traços da sua primitiva beleza, uma população de cerca de um milhão de pessoas retira o alimento de cada dia, outra, de mais de duzentas mil, vive direta e indiretamente, do produto da pesca artesanal que ali se desenvolve.

Durante mais de um século, Mundaú e Manguaba alimentaram Maceió, Marechal Deodoro, Coqueiro Seco, Santa Luzia do Norte, Pilar, Rio Largo e outros municípios e localidades alagoanas, onde se concentra grande parte da população, particularmente aquele segmento mais pobre e carente do Estado.

O volume inesgotável de peixes, moluscos e crustáceos dessas lagoas matou a fome da pobreza, supriu à mesa dos operários e saciou a burguesia nos seus autos banquetes. O

sururu, molusco rico em cálcio, ferro, fósforo e proteínas era a dádiva maior da natureza, o alimento de todos, sua fartura e gratuidade.

De repente, o progresso chegou e, no seu bojo, a inconsciência e a irresponsabilidade da classe dominante, do capitalismo sem escrúpulos: indústrias, usinas, matadouros, esgotos, todos dirigiram seus dejetos, tibornas, poluentes químicos, resíduos industriais para os leitos das lagoas.

Hoje, MUNDAÚ ainda resiste teimosa, heroica, dramática a quase total desoxigenação de suas águas, ameaçadas de se transformarem num grande lençol de podridão. Milhares de toneladas de peixes vez por outra qualham a superfície, o sururu desapareceram, a fome chegou para os pescadores e para a pobreza que dependia da Lagoa Mundaú está morrendo!

PEDRO ONOFRE

PERSONAGENS

ANTONIO BELO – PESCADOR.

SEBASTIANA – MULHER DE ANTONIO BELO.

COLÓ – POLICIAL.

BETANIA – IRMÃ DE SEBASTIANA.

CHICO PORRADA – JORNALISTA.

PITANGA – VELHO SERESTEIRO.

TUCA – CRIA DA CASA. RETARDADO MENTAL.

CENÁRIO

Interior de um casebre a margem da lagoa, por onde passará o dique-estrada. Através da porta aberta veem-se à frente, uma canoa adernada sobre a areia. Uma rede de pesca estendida e um tronco de coqueiro caído ao chão.

Ao longe, o céu azul. no interior do barraco, à esquerda da cena, uma rústica mesa e alguns tamboretas; encostado na parede, um pequeno armário.

É dia. Antônio Belo dorme numa rede estendida a um canto, Sebastiana varre o chão, visivelmente aborrecida, enquanto Betânia retoca a maquilagem do rosto, diante de um espelho colocado sobre a mesa.

PRIMEIRO ATO

SEBASTIANA

(IRRITADA) Vida de cachorro, essa.

BETÂNIA

(PARANDO DE PINTAR-SE E OLHANDO A IRMÃ COM DESDEM) Falou comigo?

SEBASTIANA

(NUMA EXPLOSÃO DE RAIVA) Não, dondoca! Falei não!
(VOLTANDO A VARRER) De mais, que adiantaria? A preguiça chegou aí, ficou!

BETÂNIA

(IRONICA) Preguiça, heim? (INTENCIONAL) Se você soubesse quanto trabalho...

SEBASTIANA

(FERINA) Abrindo as pernas para os homens.

BETÂNIA

(CÍNICA) E você acha pouco?

SEBASTIANA

Devia era ter vergonha. Isso sim.

BETÂNIA

(DESABAFANDO) Mas você não tem vergonha de receber o dinheiro que trago para casa, tem?

SEBASTIANA

(HUMILHADA) É a necessidade. A necessidade obriga a gente a tudo. (ANTÔNIO BELO RONCA ESCANDALOSAMENTE. SEBASTIANA PROCURA VARRER O LOCAL. A REDE A OBSTACULIZA. IRRITA-SE E BATE COM O CABO DA VASSOURA, POR BAIXO DA REDE. NOS TRASEIROS DE ANTONIO BELO) Que é que a gente pode fazer quando se tem um marido inútil, preguiçoso e cachaceiro em casa? (ANTONIO BELO RESMUNGA, AGITA OS BRAÇOS NUM GESTO DE DEFESA, MAS CONTINUA DEITADO. SEGUNDOS DEPOIS, ESTÁ NOVAMENTE DORMINDO E RONCANDO COMO UM PORCO) Isso é uma cruz que eu tenho de carregar, meu Deus.

BETÂNIA

(SORRINDO) Até quando você quiser, no lugar onde trabalho tem vaga para mais uma.

SEBASTIANA

Me respeite, eu sou uma mulher direita.

BETÂNIA

Grande merda. Pois eu prefiro ser puta, como sou, a ser mulher de um beberrão desmoralizado como esse aí.

SEBASTIANA

(FERIDA NOS BRIOS) Mais respeito, ouviu? Não admito que fale assim do meu marido.

BETÂNIA

Você mesma é que estava escrachando com ele, não estava? Agora é (AFETADA) “Meu marido”.

SEBASTIANA

Eu posso dizer o que quiser, você não. Não tem nada a ver com o problema.

BETÂNIA

(IRRITANDO-SE) Como, não tenho nada a ver? Como não, se a grana que eu junto é gasta toda neste chiqueiro?

(LAMENTANDO-SE) Praticamente sou eu quem sustenta esta família.

SEBASTIANA

Isso não é verdade. Meu marido também trabalha, ouviu? Trabalha muito! (COMISERAÇÃO) Não é fácil arriscar a vida nesta lagoa, todo dia, à procura de uns peixinhos mirrados pra gente não morrer de fome.

BETÂNIA

(ZOMBANDO) Se eu fosse esperar pelos peixes que o seu marido pesca...

SEBASTIANA

(MAGOADA) Você é uma mal-agra-de-cida! Isso é o que você é! Aqui, pelo menos, tem um lar! Pobre, mas direito! Seu cunhado nunca criou problema com a sua presença!
(MAGOADA) Não precisa passar na cara o dinheiro que você deixa em casa.

BETÂNIA

(MAIS CONCILIADORA) Não estou passando na cara!

SEBASTIANA

(AFETADA) Não?!

BETÂNIA

Você é que estava reclamando da vida! Eu apenas aprovei o que falou! (AFOITA) afinal de contas o que eu disse não é verdade mesmo?

SEBASTIANA

(MAIS COMPREENSIVA) Antônio Belo sempre foi pescador. Era um homem destemido. Um caboclo forte naquele tempo. (SONHADORA) Quando eu olhava para aquela figura, de pé, levando a canoa lá no São Francisco, tinha a impressão que era um deus.

BETÂNIA

E agora... (APONTANDO A REDE) Olhe o seu deus como está!

SEBASTIANA

Eu nunca deveria ter saído de Penedo. Vir para Maceió foi uma ilusão muito grande.

BETÂNIA

(REPROVANDO) Corta essa! Qual o futuro da gente lá? Principalmente depois da ponte de Colégio.

SEBASTIANA

Qual o futuro aqui? Morando num barraco de madeira, nessa lama imunda no Vergel do Lago! Qual o futuro que a gente pode ter? (TRANSIÇÃO) Quando o sururu ainda existia na lagoa a coisa era outra! O sururu era uma benção de Deus para a pobreza. Mas agora... Agora com o progresso chegando; Com a usina envenenando a lagoa, a Salgema matando a gente de medo e as estradas derrubando os barracos e enxotando a pobreza!... Hoje, nem sururu, nem peixe, nem nada!... Daqui a pouco, toda Mundaú será um grande cemitério de águas podres, de gente apodrecida pela fome e pela miséria.

BETÂNIA

(GUARDANDO O MATERIAL DE MAQUILAGEM NA BOLSA) Também não é assim! Não exagere!

SEBASTIANA

(REPLICANDO) Não é assim?

BETÂNIA

E a indenização? A indenização do barraco! Está se esquecendo?

SEBASTIANA

E você acredita nisso? Pra pobre não chega nada de bom! Vou esperar deitada que de pé, cansa!

BETÂNIA

E porque não? Todo mundo que tem barraco onde vai passar a estrada, não está recebendo uma boa grana?

SEBASTIANA

(INCRÉDULA) Hum!

ANTÔNIO BELO

(ACORDANDO) Grana! Quem falou em grana?

SEBASTIANA

(JOGANDO A VASSOURA COM FORÇA NO CHÃO) Sua mãe, vagabundo! (SAI FURIOSA, PARA O INTERIOR DA CASA).

ANTÔNIO BELO

Que foi que deu nessa cascavel?

BETÂNIA

(HILARIANTE) Pelo visto, meu filho, ela está muito satisfeita! (BETANIA PEGA AGULHA E LINHA, ENCAMINHA-SE ATÉ A MESA, RETIRA NATURALMENTE O VESTIDO QUE USA, FICANDO APENAS DE CALCINHA E PORTA SEIOS. SENTA-SE NUM TAMBORETE E COMEÇA A COSTURAR O VESTIDO. ANTONIO BELO, INDIFERENTE, VAI ATÉ O ARMÁRIO SOBRE O QUAL SE VÊ UMA MORINGA, ENCHE O COPO D'ÁGUA, MOLHA O ROSTO E BEBE O RESTO DO LIQUIDO. BETANIA FALA SEM DESVIAR OS OLHOS DA COSTURA) Estou cada dia ficando mais magra. Meu vestido está parecendo um saco.

ANTÔNIO BELO

O que estavam conversando? Que foi que você botou na cabeça dela?

BETÂNIA

(AFETADA) Eu?

ANTÔNIO BELO

Quando fui tirar o meu cochilo estava tudo em paz!
Porque quando acordei, a mulher estava “virada” daquela
maneira?

BETÂNIA

Pergunte a ela!

ANTÔNIO BELO

Estou perguntando a você! Estavam conversando as
duas, não estavam? (TRANSIÇÃO) Naturalmente falavam sobre
mim! Está na cara que estavam me pichando!

BETÂNIA

É a consciência doendo, ou está a fim de adivinhar
mesmo?

ANTÔNIO BELO

Adivinhar uma porra! Eu quero saber o que vocês
estavam conversando!

BETÂNIA

Se você enchesse menos a cara e não dormisse feito um porco, saberia!

ANTÔNIO BELO

(GRITANDO) E quer se vestir, quer! Quer se vestir sua sem-vergonha!

BETÂNIA

(LEVANTANDO-SE) Você não está vendo que eu estou costurando a roupa? Não está vendo?

ANTÔNIO BELO

Poderia se cobrir com qualquer coisa, não podia? Pelo menos mantenha respeito neste lar! Não traga maus costumes da rua!

BETÂNIA

Imagina só, o moralista! O homem de respeito que ele é!

ANTÔNIO BELO

Sou um homem de respeito, sim! Só deixo uma prostituta como você dentro de casa, porque é irmã da minha mulher. Mas

não quer dizer com isso que vou aceitar também as suas imundícies!

BETÂNIA

Imunda é a mamãezinha! Seria bom que minha irmã soubesse que o marido dela quando está encachaçado, vem dando em cima de mim.

ANTÔNIO BELO

O quê?

BETÂNIA

Me cantando! Ainda ontem mesmo você veio de maneira imoral, pedindo que eu pegasse nas “suas coisas” e fizesse não sei o que!

ANTÔNIO BELO

Quer calar essa boca, sua suja?

BETÂNIA

Eu ainda quis contar pra Sebastiana a sua safadeza. Mas não tive coragem. Só pra não criar problema, entendeu?

ANTÔNIO BELO

(TEMEROSO) Você não era doida, pra fazer umas coisas dessa!

BETÂNIA

Você merecia isso! (AMEAÇANDO) Não sei por que não aproveito agora e digo tudo! (RESOLUTA) É o que vou fazer, sabe?

ANTÔNIO BELO

(ASSUSTADO) Espere aí, peste! Se você fizer uma miséria dessa, eu...

BETÂNIA

(PROVOCANDO) Eu, o que?

ANTÔNIO BELO

(REFREANDO-SE) Nada! (CONTEMPORIZANDO) Eu tenho andado meio nervosa! (CÍNICO) Afinal, não há nada de mais em você ficar assim... (APONTA, MALICIOSAMENTE, O CORPO SEMINU DA CUNHADA) Está dentro de casa. (SORRI) E é bom pra vista! (TORNA-SE SÉRIO) Você não vai falar nada pra Sebastiana, não é?

BETÂNIA

(ENCARANDO-O) Porco!... (VESTE A ROUPA, APANHA A BOLSA QUE SE ENCONTRA SOBRE A MESA E VAI SAIR. NESTE INSTANTE COLÓ APARECE À PORTA. COLÓ, AMIGO DE ANTONIO BELO, É UM TIPO SÓRDIDO, QUE NÃO INSPIRA CONFIANÇA).

COLÓ

(PEDANTE) Bom dia, Antônio Belo! (PARA BETANIA) Olá, dona moça, como vai?

BETÂNIA

Olá. (SEM DAR ATENÇÃO) Já estava de saída. Até logo! (SAI).

ANTÔNIO BELO

(CORDIAL) Entre “pra dentro”! (COLÓ APROXIMA-SE DA REDE, APANHA, DESCONTRAIDAMENTE, UM TAMBORETE E SE ACOMODA A FRETE DE ANTONIO BELO) Quais as novidades?

COLÓ

Tudo velho! A prefeitura é que está danada derrubando os barracos!

ANTÔNIO BELO

(SÉRIO) Isso tem me preocupado muito! (SÉRIO) Se eu ficar sem a minha sombra, compadre, não tenho pra onde ir.

COLÓ

Ninguém vai ficar na rua, Antônio Belo. O prefeito está pagando indenização! E pagando bem, sabia?... O Zé Catende recebeu um milhão de cruzeiros pelo barraco dele, que não chega aos pés do seu...

ANTÔNIO BELO

(PENSATIVO) Se isso é verdade, até que não é ruim!

COLÓ

Estou falando com convicção, compadre! Você só tem uma desvantagem que deve superar. Precisa sair de casa, falar com o prefeito, com o pessoal da SUMOV! Cobra que não anda, não engole sapo! Se vire, cara! Se você não agir, porra, não arranja nada! Ofereça “bola” para os avaliadores! Seja vivo.

ANTÔNIO BELO

Aí é que está, compadre! Nessa, eu sou completamente apagado! Nunca fui conversar com gente importante! Fico

engasgado, gaguejando, sem juntar palavra com palavra! Vai ver, é um pouco de orgulho também! Se essa indenização só vier se eu for balançar o ovo de doutor pode dizer que não vai sair dinheiro nenhum!

COLÓ

Assim, está danado! Com essa atitude, a coisa fica mais difícil!

ANTÔNIO BELO

Que se há de fazer? Sou assim mesmo! Desde menino! Nunca dei o braço a torcer pra ninguém! Sou pobre, mas pobre, de opinião!

COLÓ

Pois eu não acho grande coisa nisso!... As pessoas que são assim não conseguem nada na vida! Pra você pegar uma indenização melhor, é bom começar a se modificar!

ANTÔNIO BELO

“Pau que nasce torto...” Não tem milagre que endireite!

COLÓ

Porque não manda dona Sebastiana cuidar desse assunto?

ANTÔNIO BELO

(SÉRIO) Não quero mulher minha falando com os homens por aí! Um passo em falso e olhe mais um corno em Maceió! Já basta a desgraça de ser pobre!

COLÓ

(RI, GALHOFEIRAMENTE) Já viu ser desgraça, homem?! Todo chifrudo que eu conheço é bem de vida!

ANTÔNIO BELO

Só se for corno rico! Corno pobre é miséria dobrada!

COLÓ

O porquê, então, a sua cunhada não vai resolver assunto? Ela é “desinibida”, não é?

ANTÔNIO BELO

Desinibida? (CHATEADO) Você quer dizer... Puta, não é? (COLÓ VAI INTERFERIR; ANTONIO BELO CONTINUA) É isso

mesmo! Todo mundo sabe! Mas, o que posso fazer? É irmã da minha mulher!...

COLÓ

Não estou falando sobre isso que não é da minha conta. Lembrei o nome dela porque é uma pessoa da família!

ANTÔNIO BELO

(CORRIGINDO) Da família da minha mulher!

COLÓ

Se quer um conselho, não perca tempo! Dois milhões, no mínimo, de indenização pelo barraco, não é bom?

ANTÔNIO BELO

O bom mesmo era que não saísse daqui! Mas, se é que tenho de cair fora... Com esse dinheiro poderia comprar uma canoa e ir morar em Coqueiro Seco! Também, compadre, se acontecesse isso, não queria mais nada com trabalho. Armava um rancho e ia descansar! Entregava a canoa a um pescador de confiança que quisesse ser meeiro e estava tudo resolvido!

COLÓ

Pois se deseja ter essa vida, comece logo a agir. (COMO SE LHE OCORRESSE UMA IDEIA) Se você quiser... Eu posso cuidar do assunto!

ANTÔNIO BELO

(ANIMADO) De verdade?

COLÓ

Na minha condição de investigador de polícia, a minha passagem é livre em todo canto! (CONVINCENTE) Tenho uma porção de amigos! Inclusive, na prefeitura! Até com o Prefeito já tive oportunidade de conversar!

ANTÔNIO BELO

Mesmo? Por isso é que é bom ser da polícia!

COLÓ

Ajuda um pouco!

ANTÔNIO BELO

Se o compadre fizesse esse favor...

COLÓ

Você merece! Uma mão lava a outra! Terei muito prazer em lhe ser útil!

ANTÔNIO BELO

Não sei como agradecer! Nessas horas é que a gente conhece quem são os amigos!

COLÓ

Deixe tudo por minha conta! Vou preparar uma procuração! Você não precisa se preocupar com nada! Vai receber a sua grana, tranquilão, aí na sua rede!

ANTÔNIO BELO

Como é que eu posso pagar tanta fineza?

COLÓ

(VINDO, DO INTERIOR DA CASA, O CHEIRO CARACTERÍSTICO DE CARNE-SECA ASSADA NA BRASA DESPERTA O OLFATO DO POLICIAL) Que cheirinho gostoso!

ANTÔNIO BELO

Uma charquezinha pra desenfastiar! Todo dia comendo peixe ou sururu, também abusa! (QUERENDO SER GENTIL) O amigo aceita um golezinho de cachaça com um pedaço de charque pra tira-gosto?

COLÓ

Um oferecimento desse a gente não deixa passar!

ANTÔNIO BELO

(LEVANTANDO-SE) Um momentinho! (VAI ATÉ A PORTA QUE LEVA AO INTERIOR DA CASA E GRITA) Bastiana!

SEBASTIANA

(DE DENTRO DE CASA) Já vou!

ANTÔNIO BELO

(INSISTINDO) Venha logo, mulher!

COLÓ

(AFETADO) Não quero dar trabalho!

ANTÔNIO BELO

(EUFÓRICO) Que nada! O compadre manda nesta casa!

COLÓ

Obrigado!

SEBASTIANA

(APARECENDO) Que é que você quer?

ANTÔNIO BELO

(APONTANDO PARA COLÓ) Já viu o Coló? (SEBASTIANA OLHA SEM INTERESSE).

COLÓ

Bom dia, madame! Como vai a senhora?

SEBASTIANA

(FRIAMENTE) Do jeito que o senhor está vendo!

ANTÔNIO BELO

O charque está muito cheiroso e despertou a nossa vontade! Traga a garrafa de cachaça e uns tira-gostos pra gente ir mastigando!

SEBASTIANA

Se lembre que a carne é para o almoço... E só tem uns pedacinhos já contados!

ANTÔNIO BELO

Oxente!... Não está vendo que se tem visita? Não se acanha com essa sovinice?

COLÓ

(NUMA INTERFERENCIA FORÇADA) Ora, não se importe!

ANTÔNIO BELO

(MANTENDO A AUTORIDADE) Vai logo buscar a cachaça mulher! (SEBASTIANA SAI, VISIVELMENTE IRRITADA) Essa mulher me faz passar tanta vergonha! Compadre não vai reparar essas coisas, não é?

COLÓ

Toda mulher é assim mesmo! Isso é canseira de cuidar da casa! Deixa qualquer uma nervosa!

ANTÔNIO BELO

Ainda bem que o compadre entende!... (SEBASTIANA RETORNA, TRAZENDO UMA GARRAFA, DOIS COPOS E UM PIRES CONTENDO PEDAÇOS DE CARNE SECA. ANTONIO BELO LEVANTA-SE E VAI AO ENCONTRO DA MULHER, DELA RECEBENDO A GARRAFA, OS COPOS E O PIRES. DEPOSITA TUDO SOBRE A MESA. NESTE MOMENTO SURGE UM NOVO PERSONAGEM: É TUCA, RAPAZOLA, RETARDADO MENTAL, CRIA DA CASA, ENTRA EM CENA PELA PORTA QUE LEVA A RUA. TEM O ROSTO TODO SUJO. TRAZ, NA CABEÇA, UM CHAPELÃO DE PAPEL FEITO COM FOLHA DE JORNAL. SEBASTIANA, AO VER O ESTADO DEPLORAVEL DO RETARDADO, IRRITA-SE. VAI AO ENCONTRO DELE).

SEBASTIANA

Quem peste fez isso com você?

TUCA

(RI, INGENUO E AFETADAMENTE. MOSTRA A RUA, ESFORÇANDO-SE PARA FALAR) Meninos! Meninos!

SEBASTIANA

(QUAL UMA FERA, ENCAMINHA-SE Á PORTA E GRITA A PLENOS PULMÕES) Por que vocês não vão pintar a cara da mãe, seus filhos das putas! (ALGAZARRA DE MOLEQUES).

ANTÔNIO BELO

(VAI A PORTA) Entre “pra dentro” mulher! Deixe que eu aprumo esses safados! (DESAPARECE LIGEIRAMENTE. SILENCIO LA FORA. RETORNA) Não disse? Bastou aparecer um homem na porta e os vagabundos correram!

SEBASTIANA

(PUXANDO TUCA PELO BRAÇO) Venha pra cá! Vamos limpar essa cara, que você não é palhaço!

TUCA

(ACOMPANHA SEBASTIANA, CONSERVANDO O RISO IDIOTA) Meninos! Meninos! (AMBOS SAEM).

ANTÔNIO BELO

(IMPACIENTE) É problema em cima de problema! (TRANSIÇÃO) Vamos tomar nossa caninha que é o melhor que a

gente faz! (AMBOS SERVEM-SE DA BEBIDA. COLÓ E ANTONIO BELO MASTIGAM A CARNE, ENQUANTO RENOVA OS TRAGOS).

COLÓ

Está uma delícia!...

ANTÔNIO BELO

(CONFIRMANDO) Está bom mesmo!

COLÓ

(COLÓ SE LEVANTA, SEGUIDO POR ANTONIO BELO) Vou “chegando” compadre! (COMO SE LHE DESPERTASSE UMA LEMBRANÇA) Seria ótimo que fosse comigo a cidade! A gente passa no cartório e faz logo a procuração!...

ANTÔNIO BELO

(RETICENTE) É verdade que não tenho nada a fazer, mas... (DECIDIDO) O problema... (SORRI) É que estou sem dinheiro até para o ônibus!

COLÓ

(PRESTATIVO) Mas não seja por isso, homem! Eu tenho o suficiente! Deixe que pago tudo!

ANTÔNIO BELO

(ACANHADO) Isso é abusar demais!

COLÓ

(MATREIRO) Amigo é para essas coisas mesmo! Vamos embora!

ANTÔNIO BELO

Um instantinho só! (ENCAMINHA-SE ATÉ O INTERIOR DA CASA. SAI. COLÓ OLHA NA DIREÇÃO QUE ANTONIO BELO TOMOU E ABRE UM SORRISO DE MOFA. SERVE-SE DE MAIS UMA DOSE DE AGUARDENTE).

COLÓ

(PENSANDO ALTO) Bicho ignorante!

ANTÔNIO BELO

(REAPARECENDO) Fui avisar a mulher! Quando quiser ir, estou pronto!

SEBASTIANA

(TEMEROSA) Veja o que vai fazer! Não demore, ouviu?

ANTÔNIO BELO

Assim que me desocupar, eu volto pra casa!...

COLÓ

Pra quem fica, até logo! (OS DOIS HOMENS SAEM. SEBASTIANA ENCAMINHA-SE ATÉ A PORTA E FICA PENSATIVA. VOLTA-SE).

SEBASTIANA

(PENSANDO ALTO) Não tenho confiança nesse homem! (TUCA APARECE Á PORTA. ESTÁ LIMPO E ARRUMADO. SEBASTIANA APROXIMA-SE DELE E FALA) Agora está melhor! Sente-se aí e fique brincando! (O RAPAZOLA OBEDECE. ACOCORA-SE E SE PÕE A BRINCAR) É melhor do que estar na rua servindo de galhofa! (APANHA O COPO E A GARRAFA DE AGUARDENTE E VAI SE ENCAMINHANDO PRA O INTERIOR DA CASA. VIRA-SE E FALA PARA TUCA) Não vá pra rua, ouviu? Seja um rapaz obediente!

TUCA

(FITA SEBASTIANA E EXCLAMA EM TOM ASSUSTADOR) Rua! Rua!... (SEBASTIANA SAI DE CENA. O MENINO COMEÇA A SALTAR EM VOLTA DA MESA, CANTAROLANDO) Rua! Rua! Rua!

PITANGA: (APARECENDO Á PORTA, LADEADO POR CHICO PORRADA) Onde está o povo desta casa?... (BATE PALMAS. O DEBIL MENTAL AFASTA-SE ASSUSTADO. AQUARTELA-SE NUM CANTO E OLHA FIXAMENTE OS RECÉM-CHEGADOS. PITANGA DIRIGE-SE A TUCA) Vamos homem! Vá chamar o seu pai!...

TUCA

(APONTANDO A PORTA) Rua! Rua!

PITANGA

(BUSCANDO ENTENDER) Muito bem! Quer dizer que ele saiu, não é?

CHICO PORRADA

(OLHANDO, COM INTERESSE, O RAPAZOLA) Parece amalucado!

SEBASTIANA

(APARECENDO, A TEMPO DE OUVIR) Desde criança! Mas é bom “menino” (PARA AS VISITAS) Sentem-se! (DIRIGINDO-SE A PITANGA) Pitanga, como vai? Nunca mais apareceu por aqui?...

PITANGA

(SENTANDO-SE) É a luta, dona Sebastiana! Vou levando a vida, antes que a morte me leve! (TRANSIÇÃO. APRESENTANDO O COMPANHEIRO) Este é um amigo! É jornalista, sabe? Jornalista Chico Porrada!

SEBASTIANA

(SURPRESA) Chico... O que?

PITANGA

Porrada!

CHICO PORRADA

(INTERFERINDO) Meu nome é Francisco de Assis! Porrada é apelido, compreende?

SEBASTIANA

Ah!...

PITANGA

Colocaram no Chico a alcunha de Porrada porque os artigos que ele escreve nos jornais são violentos! É um homem

muito corajoso, Dona Sebastiana! Todo mundo tem respeito por ele!

CHICO PORRADA

Não exagere!

SEBASTIANA

(ENCANTADA) Quer dizer que o senhor é jornalista?...Desses que escrevem! (TRANSIÇÃO) Eu sempre admirei as pessoas letradas! Quando era solteira, cursei o ginásio em Penedo! (TRISTE) Faz tanto tempo! Nessa vida, esqueci tudo! Hoje mal escrevo uma carta! Betânia teve mais oportunidade do que eu, mas jogou fora!

CHICO PORRADA

Quem é Betânia?

SEBASTIANA

Minha irmã! Quase termina o “normal”! (MUDANDO DE ASSUNTO) Veio fazer uma reportagem aqui no Vergel?

CHICO PORRADA

Uma pesquisa! Apenas isso!

PITANGA

Trouxe o Chico para conversar com Antônio Belo!

SEBASTIANA

Está no comércio.

PITANGA

(BRINCANDO) Antônio Belo, no comercio? É novidade!

SEBASTIANA

Foi ao cartório passar uma procuração! (COM AZEDUME)
Coló se prontificou a resolver, na prefeitura, o problema do barraco!

CHICO PORRADA

Era sobre isso que eu queria falar com seu marido, mas já que não está talvez à senhora possa me dar sua opinião.

SEBASTIANA

(SOLÍCITA) Se estiver ao meu alcance!

PITANGA

(INTERFERINDO) Quanto ao problema do barraco, se o Antônio Belo tiver alguma dificuldade, pode contar com a gente! Numa hora de aperto, tenho certeza que o Porrada não se negará a dar uma mãozinha! Não é verdade, Chico?

CHICO PORRADA

Claro!

SEBASTIANA

(MOSTRANDO INTERESSE) Qual o jornal que o senhor escreve?

CHICO PORRADA

A Tribuna

TUCA

(QUE, ATÉ AQUELE INSTANTE, OBSERVAVA ATENTAMENTE A CENA, COMEÇA A SALTAR EM TORNO DA MESA, GRITANDO, ALEGREMENTE, COMO SE ESTIVESSE DESCOBERTO UMA PALAVRA NOVA) Porrada! Porrada! Porrada!

SEBASTIANA

(REPREENDENDO) VÁ SE AQUIETAR, MENINO! (TUCA RECOLHE-SE, MAIS UMA VEZ, AO CANTO ONDE SE ENCONTRAVA) Ele é obediente!

CHICO PORRADA

É filho da senhora?

SEBASTIANA

Não! Há dois anos vive na companhia da gente. Andava perdido, perambulando pelo vergel, levando pedradas dos maloqueiros. (COM EMOÇÃO) Tão moço, coitado! Uns olhinhos tão tristes! (DISCRITIVA) Aí eu disse para o Antônio Belo “Vamos leva-lo para casa” (SORRINDO INDULGENTE) Meu marido quase que toca fogo no mundo de tanto brigar comigo! Depois de tudo, acabou concordando. (SUSPIRO PROFUNDO) ... E, aí está o tuca! (RELEMBRANDO) antigamente era a pele em cima dos ossos; hoje (APONTANDO) veja como está gordinho!

CHICO PORRADA

A senhora tem bom coração!

SEBASTIANA

Obrigada!

PITANGA

(SENSIBILIZADO) Quando ouço essa história, fico com os olhos cheios de água!

SEBASTIANA

(MUDANDO DE ASSUNTO) Mas, o que quer que lhe diga seu Francisco? Se estiver ao meu alcance!...

CHICO PORRADA

Gostaria de saber sua opinião sobre a construção da estrada dique, o aterro do vergel e a derrubada dos barracos por parte da prefeitura!

SEBASTIANA

Quem sou eu para achar nada, homem de Deus! É o progresso, não é? Quando ele chega, a gente tem de ir embora procurar outro lugar pra viver!

CHICO PORRADA

A senhora acha isso justo?

SEBASTIANA

Deus não quer assim? Que é que a gente pode fazer!

CHICO PORRADA

Certos progressos, na realidade, não devem ser bem vindos em determinados lugares! Particularmente, quando não passam de investidas meramente, sem qualquer significação social! A lagoa Mundaú tem sido o patrimônio mais precioso da cidade, responsável pelo alimento da metade da população!

PITANGA

É verdade!

CHICO PORRADA

Agora! Olhe o que fizeram! Instalaram um polo petroquímico em pleno coração de Maceió, num grave atentado à segurança da Capital! A indústria que ali está funcionando, pelo risco que oferece, é como se fosse uma espada de Damocles, suspensa sobre as nossas cabeças!

SEBASTIANA

(SEM ENTENDER) Espada de...

CHICO PORRADA

(EXPLICANDO) Uma ameaça constante! A possibilidade de desastre como aquela da Union Carbide, não pode ser descartada! Nenhuma empresa de seguro se aventura a cobrir o risco total de um sinistro daquela natureza! A senhora me entende?

SEBASTIANA

Entender eu não entendo! Mas, só de ouvir o senhor falar, já estou morrendo de medo!

CHICO PORRADA

Por outro lado, a lagoa vem, dia após dia, sendo envenenada pelos poluentes químicos e pelas tibornas expelidas das usinas e indústrias adjacentes! Contra isso não existe qualquer policiamento! Quase mil famílias de pescadores estão passando fome, porque o peixe que era abundante, está desaparecendo!

PITANGA

(CONFIRMANDO) isso é verdade!... Lembro dos bons tempos. Antigamente, a gente saía de manhazinha! Centenas de barcos! (REMEMORANDO) era uma festa seu moço! Era uma

festa! Antônio Belo se estivesse aqui, não me deixaria mentir! Quando todos voltavam, já ao anoitecer, era uma beleza! As canoas, todas carregadas de peixe, de sururu! Eu morava em Coqueiro Seco naquela época! Depois, apareceram os monstros do progresso e o resultado é isso que está aí! A gente não tem mais vontade de pescar, porque é uma perda de tempo! O peixe que a gente arrasta o dia inteiro não dá pra esquentar a panela!

CHICO PORRADA

Isso não pode continuar! (TUCA FURTIVAMENTE SAI DE CENA PELA PORTA QUE CONDUZ A RUA) É hora dos pescadores se unirem! Somente assim poderão tornar-se uma classe forte, capaz de lutar em defesa das nossas águas. No momento, o meu trabalho busca essa conscientização! Iremos fazer passeatas, concentrações cívicas e movimentos de preservação ecológicas.

SEBASTIANA

Isso seria possível, doutor, se a gente possuísse um pouco de instrução e uma vida menos miserável! (DESCARTANDO-SE, VISIVELMENTE ASSUSTADA) com licença seu “Porrada”... Isto é, seu Francisco de Assis! Vou dar uma olhadinha no feijão! Fique a vontade (SAI).

CHICO PORRADA

(OLHA O COMPANHEIRO DESANIMADO) bem... Então acho que terei de bater em outra porta. Pode ser que, na próxima, eu seja mais feliz! (BETANIA APARECE, DA RUA, ESTÁ SUPER PINTADA).

BETÂNIA

(ENCARANDO CHICO PORRADA COM SORRISO LARGO E PROVOCANTE) Ora veja, temos visita! Bom dia, gente!

CHICO PORRADA

(ANIMANDO-SE) Bom dia!

PITANGA

Dona Betânia, esse é um amigo! Jornalista Chico Porrada! (O JORNALISTA CUMPRIMENTA A MULHER, RETENDO-LHE A MÃO O MAIS QUE PODE).

CHICO PORRADA

Que grata surpresa! Não esperava encontrar nesta casa uma pessoa tão bonita!

BETÂNIA

(LIBERTANDO-SE) Obrigada! (EXTROVERTIDA) Nossa como estou cansada! (SENTA-SE) Quer dizer que o senhor é jornalista!...

CHICO PORRADA

(MENOS FORMAL) Isso aí!

PITANGA

Ele escreve para a Tribuna! Faz cada artigo, que precisa ver! O que está errado, não perdoa!

BETÂNIA

(EMBARAÇADA) Eu, raramente, vejo jornal! Deixei de ler faz tanto tempo! Hoje, sou mais de ouvir rádio, assistir à televisão!

CHICO PORRADA

Porque não volta a estudar?

BETÂNIA

(RI, ESCANDALOSAMENTE) Estudar?

CHICO PORRADA

Porque não?

BETÂNIA

(TORNA-SE SÉRIA DE REPENTE) Não acha que já é um pouco tarde para isso? De mais, o que eu sei, serve para o gasto!
(VOLTA Á BRINCAR) Dá para escrever bilhetinhos para o namorado.

CHICO PORRADA

(ADERINDO A BRINCADEIRA) Se a sua leitura permite escrever bilhetinhos para o namorado, já é alguma coisa!
(MATREIRO) Tem escrito muitos?

BETÂNIA

(RINDO) Não! (INTENCIONAL) Estou até sem escrever bilhetinhos no momento!

PITANGA

(QUERENDO ENTRAR NO ASSUNTO) Eu aprendi a ler sem ir à escola! (PARA CHICO PORRADA) Nunca fui à escola, você sabia?

CHICO PORRADA

(PARA BETANIA) Se não está escrevendo é porque está sem namorado! É isso aí, ou entendi mal?

BETÂNIA

(BEM MALANDRA) É isso aí!

CHICO PORRADA

(SORRINDO COM AR DE VITÓRIA) Então, vamos voltar a escrever? Eu, pra você, e você para mim!

PITANGA

(TENTANDO MAIS UMA VEZ ENTRAR NA CONVERSA) O meu fraco, mesmo, Porrada, é a poesia! Poesia e música! Gosto de fazer uns versinhos de vez em quando!

CHICO PORRADA

(RAPIDAMENTE) Você faz versos? Que ótimo!
(VOLTANDO-SE PARA BETANIA) Como é? O que me diz?

BETÂNIA

(SEM RODEIOS) Quer dizer que você está a fim de mim!
Quer transar comigo!

CHICO PORRADA

Eu? (SORRI, INTENCIONALMENTE) Você não tem compromisso, tem?

BETÂNIA

(SÉRIA) Sou uma mulher independente!

PITANGA

(QUERENDO, A TODO CUSTO, CHAMAR A ATENÇÃO DE CHICO PORRADA, QUE ESTÁ DEVOTADO INTEIRAMENTE, A BETANIA) Escute... Você gosta de poesia? Gosta ou não gosta?

CHICO PORRADA

(MAIS ATENTO AO AMIGO) Gosto muito!

PITANGA

(ANIMADO) Então vou ler uma poesia que fiz sobre a lagoa mundaú! Posso? Você não se incomoda?

CHICO PORRADA

(MAIS ATENCIOSO) Leia! Será um prazer!

BETÂNIA

(IMPACIENTE) Aqui está quente, não está?

CHICO PORRADA

Está sim!

PITANGA

(PREOCUPADO EM PROCURAR O MANUSCRITO) Esse poema eu fiz para colocar música! Se estivesse com a viola, seria melhor! Mas fica pra outra vez. (RETIRA DO BOLSO VÁRIOS PAPEIS E, DENTRE ELES O QUE CONTÉM A POESIA. BETANIA SEGURA A MÃO DE CHICO PORRADA E, FURTIVAMENTE, FAZ-LHE UM SINAL. AMBOS SE RETIRAM, PÉ ANTE PÉ. PITANGA, AGORA, ESTÁ SOZINHO, MAS DISSO NÃO SE APERCEBE. COLOCA OS ÓCULOS NO ROSTO E COMEÇA A LER EM VOZ ALTA).

A noite desce,

na canoa tu retornas,

deslizando, às águas mornas

da lagoa Mundaú.

Rosto queimado,

coração amargurado;

aparentes conformado.

- Quem sabe em que pensas tu?

(SEBASTIANA APARECE A PORTA QUE LEVA AO INTERIOR DA CASA. PÁRA E, DISCRETAMENTE, PÕE-SE A OBSERVAR O POETA).

Voltas pra casa,

uma palhoça arrumada

bem na lama da Levada,

tão tristonha, tão singela!

Essa palhoça esquecida,

parece que não tem vida,

por ser vida mal vivida

nas privações da favela.

(PITANGA COMEÇA A EXPLICAR A POESIA, CERTO DE QUE CHICO PORRADA E BETÂNIA ESTÃO PRESENTES) O bom, mesmo, é ouvir os versos com a música! Dá mais vida; Sabe como é!

(OLHA PARA UM LADO, NÃO VÊ O AMIGO; PARA O OUTRO, NINGUÉM. LEVANTA-SE E SE DEFRONTA COM SEBASTIANA).

SEBASTIANA

Está falando sozinho, Pitanga?

PITANGA

(ENCABULADO) Olha, que malandros!... Estava declamando para o Chico Porrada e a Betânia... E os dois desapareceram! (DESILUDIDO) Certamente não gostaram dos versos!

SEBASTIANA

Que nada! Isso deve ter sido ideia de Betânia. Eu até que estava achando bonito!

PITANGA

Estava mesmo?

SEBASTIANA

De verdade!

PITANGA

(ANIMADO) Quer que termine de ler? (ERGUE O PAPEL,

E, SEM ESPERAR RESPOSTA, RECOMEÇA) Eu estava aqui, na terceira estrofe:

*“Nada persegues
nessa simplória existência,
que a ternura e a paciência
da cabocla que te quer
e que á tarde, na lagoa,
espera a tua canoa
com um riso florindo, à-toa,
no seu rosto de mulher”*

SEBASTIANA

(ENTUSIASMADA) Que bonito, Pitanga!

PITANGA

(ARREBATADO) Ouça o resto agora:

*“Meu pescador
da Lagoa mundaú,*

pescador de sururu

precisas te acostumar!

Um dia irá embora

para outras plagas em fora,

porque, sem muita demora,

tudo isso aqui vai mudar.

É que o progresso,

que envenena a natureza,

há de acabar com a beleza

da Lagoa Mundaú;

e, da aquarela passada,

não nos restará mais nada,

nem mesmo tu, camarada,

pescador de sururu”.

(SEBASTIANA ESTÁ SÉRIA, ENCARANDO PITANGA FIXAMENTE.
ESTE, ANCIOSO) Terminei! A senhora não gostou?

SEBASTIANA

(EMOCIONADA) É muito bonito! Mas deixa a gente triste!

PITANGA

Tem que ser triste, mesmo! É a verdade! Ninguém muda o destino.

SEBASTIANA

(REPETINDO) Ninguém pode mudar o destino!

PITANGA

O progresso, Dona Sebastiana, é uma coisa monstruosa!

SEBASTIANA

Você é contra o progresso?

PITANGA

(PENSATIVO) Não sei! Ou melhor, acho que sei! Existe uma parte da população que se beneficia do progresso! Que se desenvolve com o progresso! Mas, a grande maioria que vive marginalizada, a classe pobre, deserdada como a gente, essa não! O que é que pessoas como eu e a senhora entendem de

progresso? Pra que é que ele nos serve, se cada vez mais a gente fica desgraçado, mais pobre, mais marginalizado? A gente é o lixo; o progresso, uma grande vassoura! À medida que ele vem, vai nos varrendo para um monturo cada vez maior!

SEBASTIANA

Tem toda razão!

PITANGA

(CONFORMADO) O jeito é ir vivendo como uma jangada sem vela, uma canoa sem leme!

SEBASTIANA

(DESCONVERSANDO, MEIO EMOCIONADA) Antônio Belo está demorando! Devia ter chegado para almoçar!

PITANGA

Já é quase meio dia! Está na hora de ir!

SEBASTIANA

É cedo! Espere pra almoçar!... Não é grande coisa, mas dá pra tapear o estômago!

PITANGA

Obrigado! Deixe pra outra hora! (APARECEM A PORTA CHICO PORRADA E BETANIA) A minha poesia parece que espantou vocês dois!

CHICO PORRADA

Não me leve a mal! (INTENCIONAL) Foram outras razões! (OLHA SIGNIFICATIVAMENTE PARA BETANIA).

PITANGA

Bem, vocês que ficam, até logo!

CHICO PORRADA

(AFLITO) Já vai embora?

PITANGA

Já, sim! Adeus! (SAI).

BETÂNIA

(ABSORVENTE) Vamos sentar um pouco! (SEBASTIANA ENCARA A IRMÃ, VISIVILMENTE MÁ-HUMORADA) Chegue pra cá! (MOSTRA O TAMBORETE).

CHICO PORRADA

(SEM JEITO) Acho que também vou embora!

BETÂNIA

Ora, por quê? Está cedo!

SEBASTIANA

(INTERFERINDO) Você não está vendo que o homem quer ir embora? Por que insiste?

BETÂNIA

(AGASTADA) Não é da sua conta!

CHICO PORRADA

(ENCERRANDO O ASSUNTO) Minha senhora, foi um prazer conhece-la! Betânia, até breve! Aparecerei em outra oportunidade! (SAI).

BETÂNIA

(AFLITA) Não vá! (CORRE Á PORTA) Adeus! (VOLTA-SE PARA A IRMÃ) Coisa bonita o que você fez!

SEBASTIANA

Bonita, é a sua safadeza! Muito bonita, mesmo! Queria ver, se Antônio Belo chegasse e encontrasse você, no seu agarrado imoral com aquele conversador, aqui, dentro de casa!

BETÂNIA

Conversador, uma ova! Jornalista sacou? E ele gamou em mim!

SEBASTIANA

Gamou em você! Tem graça!... Ele quer é se aproveitar, como todo mundo faz...

BETÂNIA

Ele falou que era solteiro e queria uma transa familiar comigo! Achou a mamãezinha uma garota muito legal (ENFURECIDA) Mas você, com a sua ignorância, botou o rapaz pra correr!

SEBASTIANA

Espera lá! Não vai me dizer que quer dar uma de mocinha! Pegue um espelho e se olhe mulher! Você é puta, e puta sambada! Essa de dondoca não dá mais pé!

BETÂNIA

(AGRESSIVA) Sambada é você, sua guenza de uma porra! Vá para o inferno! Eu sou puta, mas nunca abriria as minhas pernas para um porco como o seu marido.

SEBASTIANA

Mais respeito, sua atrevida!

BETÂNIA

Se você não quer ouvir, por que me provoca? Eu estava tranquila, curtindo a minha, não estava?... Tinha lá, você, de atijar cobra com vara curta?

SEBASTIANA

(CHOROSA) Não passa de uma mal-agradecida! Se eu fosse outra não aceitava você neste barraco! Às vezes vou até de encontro ao meu marido por sua causa! E é isso que eu ganho, o que Antônio Belo merece por acolher uma serpente dessa! (VAI RETIRAR-SE, QUANDO SE OUVI ALGAZARRA LÁ FORA. TUCA APARECE À PORTA. SEBASTIANA CORRE ATÉ ELE) Essa peste já estava no meio da rua de novo? (PUXA-O PELO BRAÇO E ENCMINHA-SE PARA SAIR, QUANDO SURGEM ANTONIO BELO E COLÓ).

ANTÔNIO BELO

Aonde já se viu tanto maloqueiro, meu Deus! Agora deram para se juntar na minha porta e bulir com esse maluco! (SEBASTIANA ENCARA O MARIDO COM AR SEVERO) Se pelo menos você tomasse conta direito dele, isso não aconteceria!

SEBASTIANA

(EXPLOSÃO) Agora vem você! Acha pouco a minha vida, acha?

ANTÔNIO BELO

Você que trouxe esse presepe pra dentro de casa, que cuide dele!

SEBASTIANA

Hoje eu estou de Azar mesmo! (SAI, ARRASTANDO O DEBIL MENTAL PELO BRAÇO).

COLÓ

Compadre devia ter um pouquinho mais de paciência!

ANTÔNIO BELO

(PARA BETANIA) Se essa daí quisesse ajudar um pouco a irmã, o aperreio era menor!

BETÂNIA

(QUE ESTAVA FOLHEANDO UMA REVISTA) Está falando de mim, é?

ANTÔNIO BELO

E de quem deveria ser?

BETÂNIA

Pois tire o cavalo da chuva, que comigo o buraco é mais em baixo!

ANTÔNIO BELO

Que modos são estes? Não vê que temos visita?

BETÂNIA

Eu estava quieta, no meu canto, não estava?

ANTÔNIO BELO

(ENCERRANDO O ASSUNTO) Está bem! Está bem! (PARA COLÓ) Vamos sentar um pouco! (SENTAM-SE) O compadre tem prestígio mesmo sabe? Olhe só, como aquele escrivão do Cartório atendeu a gente! Cheio de consideração! O compadre até parecia um doutor!

COLÓ

Na polícia a gente faz amizade com muita gente.

ANTÔNIO BELO

Vá ajuntando com o que eu estou lhe devendo, tudo num caderninho, que quando sair à indenização, a gente se acerta!

COLÓ

(HIPÓCRITA) Não estou preocupado com isso! O que quero, mesmo, é que você se equilibre.

ANTÔNIO BELO

A melhor coisa do mundo é a gente ter amigos! E amigos como o compadre!

BETÂNIA

(MOSTRANDO UMA GRAVURA DA REVISTA A ANTONIO
BELO) Que é que você acha deste vestido?

ANTÔNIO BELO

(DISTRALDO) Que vestido?

BETÂNIA

(APONTANDO A GRAVURA) Aqui, no figurino!

ANTÔNIO BELO

Não entendo dessas coisas!

BETÂNIA

É feio, ou bonito?

ANTÔNIO BELO

(OLHANDO MAIS DEMORADAMENTE) Bonito!

BETÂNIA

Vou mandar fazer um desses pra mim! Você paga,
quando receber a indenização?

ANTÔNIO BELO

Depois a gente resolve isso! A coitada dessa indenização vai dar para tanta coisa, que só vendo!...

BETÂNIA

Bem, basta! Não se fala mais nisso! Eu arranjo o dinheiro!
(ORGULHOSA) Tenho de ficar bem bonito para o meu noivo!

ANTÔNIO BELO

O que?

BETÂNIA

(AFETADAMENTE) Noivo!

COLÓ

Quer dizer que vamos ter casório por esses dias!

ANTÔNIO BELO

Só se for no Areia Branca do Mossoró! (*Areia Branca –
Nome de conhecido Lupanar de Maceió).

BETÂNIA

Olhe cara, não implique comigo! O meu noivo é gente

boa e está muito interessado em mim! Até que... Já estive aqui em casa para conhecer você!

COLÓ

Compadre, isso é um bom sinal, não acha?

ANTÔNIO BELO

Conversa pra boi dormir! (AUTORITÁRIO) Quando é que conheceu esse “noivo”?

BETÂNIA

Faz uma meia hora!

ANTÔNIO BELO

(DECEPCIONADO) Ora, você está querendo brincar comigo!

BETÂNIA

Mas deu tempo pra gente se conhecer bem! Ele saiu gamadão, sacou! Foi um barato!

ANTÔNIO BELO

(AFLITO) Aqui, em casa?

BETÂNIA

Não é o que você está pensando! A minha transação é séria! Familiar! (SONHADORA) Ele é tão bonito! É jornalista, sacou?

COLÓ

(PREOCUPADO) Jornalista?

ANTÔNIO BELO

Você foi na conversa? Uma mulher passada na casca do angico (* Casca do Angico – expressão nordestina – Experiente, Vivida) querendo ser mocinha donzela!

BETÂNIA

Não queira me diminuir na vista dos outros que não admito! Meu noivo não se importa com o que eu seja... Ou melhor, “eu fui”! É um cara pra frente, sem “preconceitos burgueses”!

COLÓ

(DESCONFIADO) Como é o nome desse jornalista?

BETÂNIA

Porrada!

ANTÔNIO BELO

O que?

COLÓ

(COMPLETAMENTE TRANSMUDADO) Esse jornalista é um tal de Chico Porrada?

BETÂNIA

Esse ai!

ANTÔNIO BELO

Compadre conhece o sujeito?

COLÓ

Infelizmente, conheço!

BETÂNIA

(OFENDIDA) Porque, infelizmente?

COLÓ

(MUITO SÉRIO, PARA ANTONIO BELO) Compadre, o homem é perigoso! Sua cunhada não deve se meter com ele!

BETÂNIA

(FURIOSA) Espere aí! Veja como fala!

ANTÔNIO BELO

Cale a boca! O compadre sabe o que está dizendo! Quando ele sustenta que o cabra não presta, é porque não presta mesmo! (PARA COLÓ) quem é o indivíduo?

COLÓ

É um comunista!

ANTÔNIO BELO

(COMO SE TIVESSE LEVADO UM MURRO) O que?

COLÓ

(ENFATISANDO) Comunista, compadre! Gente que não presta!

BETÂNIA

(REAGINDO) Isso não é verdade!

COLÓ

Quando estourou a revolução, o bandido foi preso! Depois, exilado! Passou uns tempos fora do Brasil. Voltou escondido e começou a fazer agitação. Foi preso de novo, levou muito cacete e respondeu processo! Depois foi solto por essa tal de Anistia!

BETÂNIA

(PENALIZADA) Coitado do meu Porrada!... Ainda bem que esse tal de Anistia era uma pessoa justa! Ao contrário de certos policiais que eu conheço!

COLÓ

Por mim ele morria no “Pau de Arara” (PRA ANTONIO BELO) agora está em Maceió, fazendo confusão e atacando o Governo pelo jornal!

ANTÔNIO BELO

(GRITANDO) você está proibida de falar com esse sujeito! Principalmente na minha casa!

BETÂNIA

Pode ficar descansado, porque se depender de mim, o Porrada não virá mais aqui! Agora, quanto a meus encontros com ele, nem você e nem ninguém me impedirá!

ANTÔNIO BELO

Com essa conversa fiada de amor, o que esse vigarista está querendo é mulher pra vadiar de graça!

BETÂNIA

E você está muito preocupado com isso! É por causa do dinheiro que eu vou deixar de ganhar?

ANTÔNIO BELO

(GRITA) Você me respeite, sua atrevida!

BETÂNIA

Respeitar! Olha cara... Se o Porrada quiser uma mulherzinha só pra sarrar de graça, eu serei essa, com muito prazer! (NUM DESABAFO) O rabo é meu! (PRECIPITA-SE EM DIREÇÃO A RUA).

ANTÔNIO BELO

Atrevida! Depravada! E eu tenho de aturar essa desavergonhada na minha casa!

COLÓ

(CONSTRANGIDO) Desculpe compadre, ter provocado essa situação!

ANTÔNIO BELO

Quem deve pedir desculpas sou eu! Estou com a cara lavada de vergonha!

COLÓ

Não se perturbe por causa disso!

SEBASTIANA

(ENTRANDO) O menino está dormindo! Mal você chega e começa a gritaria. Que está acontecendo?

ANTÔNIO BELO

Sua irmã!

SEBASTIANA

Que tem ela?

COLÓ

(INTERFERINDO) Está de agarrado com um comunista perigoso. É melhor vocês terem cuidado! Casa que comunista entra, vira logo lugar suspeito. (CHEIO DE EMPAFIA) Você me desculpe compadre, mas se esse bandido voltar a frequentar a sua casa, eu deixarei de vir aqui!

ANTÔNIO BELO

(AFLITO) Não diga uma coisa dessa, pelo amor de Deus!

SEBASTIANA

(INDIGNADA) Mas do que é que vocês estão falando? Não estou entendendo nada! Quem é esse comunista?

ANTÔNIO BELO

Um tal de Porrada!

SEBASTIANA

O jornalista?

COLÓ

Esse mesmo!

SEBASTIANA

(DECEPCIONADA) Isso é capricho de Betânia! Só para aborrecer você! Ela mal conhece o homem! Ele veio em companhia de Pitanga e...

COLÓ

Quem é esse Pitanga?

ANTÔNIO BELO

Um velho amigo. Homem direito!

COLÓ

(RADICAL) Nenhum homem direito anda com comunista!

ANTÔNIO BELO

Ah, quanto a isso, eu assino e dou fé! O homem é direito mesmo. Vai ver, não sabe que esse tal de Porrada é comunista!

COLÓ

(LEVANTANDO-SE) Pode ser. (TRANSIÇÃO) Vou embora, compadre, até logo!

ANTÔNIO BELO

(DESDOBRANDO-SE EM GENTILEZA) Não vai almoçar com a gente?

COLÓ

Fica pra outra oportunidade. (SAI. ANTONIO BELO O ACOMPANHA ATÉ A PORTA. ACENA. VOLTA-SE PARA SEBASTIANA QUE PERMANECE SILENCIOSA. PARADA NO MEIO DA SALA).

ANTÔNIO BELO

Está vendo a situação que a sua irmã me arrumou?

SEBASTIANA

Você só vive implicando com ela. Sabe que a estória do namoro não tem fundamento. E mesmo que tivesse? Betânia não poderia levar uma coisa dessa a sério.

ANTÔNIO BELO

(CONTRARIADO) Tinha lá que dizer o nome daquele infeliz na presença do compadre Coló? Sabe que o homem é da polícia. Por mais amizade que tenha com a gente, polícia é sempre polícia. Não vai deixar de estar com a lei, para se ombrear com uns pés-rapados!

SEBASTIANA

Você dá valor de mais ao tal de Coló. (IRONICA)
Compadre Coló! Compadre de que? Nós nunca tivemos filhos pra ele batizar; Nem tampouco batizamos nenhum filho dele!
(IRRITADA) Deve por acaso a cabeça a esse homem!

ANTÔNIO BELO

(REPREENDENDO) Não fale assim, que é ingratidão! Coló tem sido muito amigo, (RECORDA-SE) desde o dia que a gente se conheceu! Me lembro que tinha tomado umas cachaças no mercado. La pras tantas, já estava grogue. Não sei como, mas de repente se armou uma confusão dos diabos. Eu, no meio!... Compadre Coló me pegou, em vez de me levar para o xadrez, me trouxe pra casa! Desse dia em diante, fiquei chamando o homem de compadre!

SEBASTIANA

Ele estava era de olho em alguma coisa! Um tipo como esse não prega prego em estopa! É falso! Não merece confiança!

ANTÔNIO BELO

(INDIGNADO) Isso é um absurdo! Como é que você diz uma coisa dessa de uma pessoa que tem demonstrado ser tão amiga!

SEBASTIANA

Eu sei que ele não presta! Sei que é falsidade!

ANTÔNIO BELO

Pra que prova maior de amizade que essa de hoje? O homem foi ao Cartório, pagou a procuração e as passagens de ônibus! Até cafezinho se tomou no ponto da Catedral! Com o prestígio que tem, vai conseguir com o Prefeito uma indenização boa para o nosso barraco!

SEBASTIANA

Queira Deus que eu esteja enganada! Que não haja segunda intenção nessa história toda!

ANTÔNIO BELO

(REPREENDENDO) Você também não acredita em nada!

SEBASTIANA

(ENIGMATICA) Eu sei por que não acredito! Sou calejada de sofrimento! De decepções!

ANTÔNIO BELO

(MAGOADO) Falando assim, dá entender que eu maltrato muito você!... Que só tenho dado desgosto!... É verdade que essa pobreza... (NUM ROMPANTE) Mas a indenização do barraco é um direito meu!

SEBASTIANA

(REVOLTADA) Você já viu pobre com direito? Pobre é lixo!

ANTÔNIO BELO

(SONHADOR) Pois você vai ver! Vai ver eu receber todo aquele dinheiro!... (SORRI) A nossa vida vai mudar, “Nega”! Vai mudar! A gente vai sair desse monturo e viver como gente! Faremos outra casinha e compraremos uma canoa para pescar Bagre, Carapeba, o que Deus der!

SEBASTIANA

(MAIS CONFIANTE) Deus queira!

ANTÔNIO BELO

Já pensou, nós dois sozinhos e todo aquele dinheiro? Dá até pra comprar umas roupas bonitas pra você! No Domingo, olha nós dois indo pra missa!

SEBASTIANA

(SONHADORA) Como em Penedo, naquele tempo!

ANTÔNIO BELO

Como em Penedo!

SEBASTIANA

(COMPLETAMENTE IMPREGNADA PELO SONHO DE ANTONIO BELO) Naquele tempo eu era bonita, não era?

ANTÔNIO BELO

Muito bonita! Um pedaço de mulher!

SEBASTIANA

(SORRINDO) Quer dizer que hoje não sou mais!

ANTÔNIO BELO

(CONSERTANDO) É o sacrifício dessa vida! A pobreza estraga as pessoas! Mas você ainda é muito jeitosa!

SEBASTIANA

De verdade?

ANTÔNIO BELO

Verdade!

SEBASTIANA

Você está mentindo pra me agradar!

ANTÔNIO BELO

O que você precisa é de descanso e de umas roupinhas melhores! (SEBASTIANA SE DESMANCHA EM SORRISOS E ACARICIA A CABEÇA DO MARIDO).

SEBASTIANA

(REMEMORANDO) Como em Penedo! Igualzinho como em Penedo! (BETÂNIA APARECE A PORTA. ESTÁ ABATIDA, SEM GRAÇA. SEBASTIANA RECUPERA A POSTURA E SE DIRIGE A IRMÃ) Até que enfim você chegou! Vai ter de me explicar umas coisas!

BETÂNIA

(ENCARA COM DESDEM A IRMÃ E SE DIRIGE AO INTERIOR DA CASA) Não chateia!

SEBASTIANA

(MAIS FORTE, MANTENDO AUTORIDADE) Betânia! (A IRMÃ NÃO A ESCUTA E SAI DE CENA).

ANTÔNIO BELO

(CONDESCENDENTE) Deixa pra lá! Não vê que ela está aborrecida?

SEBASTIANA

(ACEITANDO A PONDERAÇÃO) É! (SEGURA A MÃO DO MARIDO. PUXA-O CARINHOSAMENTE) Vamos velho, vamos comer o nosso feijão com charque enquanto está quentinho! (AMBOS VÃO RETIRAR-SE QUANDO A CORTINA SE FECHA).

FIM DO 1° ATO

SEGUNDO ATO

O cenário é o mesmo do 1º ato. Estão em cena. A esquerda alta, onde formam um pequeno grupo, Antônio Belo, Coló e Pitanga. A direita baixa, veem-se Sebastiana e Tuca.

Os três primeiros estão reunidos. sentados em tamboretas. um quarto tamborete serve de mesa. Ali veem-se uma garrafa de cachaça, copos e um prato com alguns peixes assados. Pitanga toca um violão, Antônio Belo batuca. Enquanto Coló faz de pandeiro uma caixa de fósforos. No outro lado da cena, Sebastiana passa algumas camisas a ferro de engomar. Vez por outra, olha furtiva, e má humorada, o grupo. Tuca está junto da mulher, o ferro de engomar o fascina. Postado vis-a-vis ao ferro. Instante a instante aventura-se toca-lo. Sebastiana, porém, o repreende com pequenos tapas na mão.

COLÓ

(EUFÓRICO) Cante aquela do Zé Cachaça!

ANTÔNIO BELO

(ANIMADO) Vamos lá!

COLÓ

(MOSTRANDO A CAIXA DE FÓSFOROS) Eu acompanho no
meu pandeiro!

PITANGA

(DEDILHA O VIOLÃO E COMEÇ A CANTAR).

“Quando ela passa

todo mundo diz:

- Ah, Leonor,

Que mulata infeliz!

O que ela fez

Com o zé cachaça

Não é o que se faça,

Não é o que se faça

O nosso Zé cachaça

era um rapaz direito,

boêmio de verdade

e cabra de respeito

Seu Doutor!

Porém o seu maior defeito,

com efeito,

Foi cair nos braços

dessa Leonor!

A Leonor era mulher casada,

porém daquelas tais

que gostam da orgia!

Não é que um dia,

essa mulher sapeca

colocou o Zeca

numa grande fria,

pois o marido

não gostou da graça

E levou a cachaça

na pancadaria”!

(TODOS SOLFEJAM O ESTRIBILHO E ENCERRAM A MELODIA ENTRE RISOS E PALMAS. PITANGA ABRE A GARRAFA DE AGUARDENTE E SERVE-SE DE UM TRAGO) O tocador quer beber!

ANTÔNIO BELO

(INSISTINDO)Cante aquela outra! A canção de Maceió.

PITANGA

Deixe eu descansar um pouco a garganta!

COLÓ

Que é isso, cara! Cante essa, que eu quero ouvir.

ANTÔNIO BELO

Como é? Não vai atender ao pedido de uma autoridade, como o compadre Coló?

PITANGA

Está bem! Só essa!... (COMEÇA A CANTAR).

“Quando a noite cai,

e lua cheia
vem correndo iluminar
o vasto coqueiral,
que se debruça
como um leque
sobre o mar,
passo a namorar
as maravilhas
desta terra de esplendor
e uma canção
Componho em seu louvor!...
Vem ver
como é bonita
a minha terra,
de um verde mar
belo e profundo,

cheio de velas
cor dos céus!
Vem ver
esta Alagoas tão serena
a quem dedico
este poema
como uma prece
aos pés de Deus.
Suas lagoas,
de tal beleza
e sedução,
nos dão a certeza,
que a natureza
em harmonia,
um dia,
quis imitar

a perfeição do paraíso
e, de improviso,
trouxe o diadema
mais bonito do infinito...
e, nesse gesto,
um gesto só,
fez Maceió”.

(O VIOLÃO ENCERRA A MELODIA E TODOS APLAUDEM).

COLÓ

Muito bonito!

ANTÔNIO BELO

Deixa a gente com um nó na garganta!

COLÓ

(DESCOBRINDO A POLVÓRA) Porque não mostra ao pessoal do rádio? Quem sabe, algum cantor podia até...

PITANGA

(DEIXANDO ESCAPAR) O Chico Porrada prometeu que ia me apresentar!

COLÓ

(GRITANDO) Quem?

PITANGA

(ASSUSTADO) O Chico Porrada!

ANTÔNIO BELO

(INTERVINDO) Pitanga, o nome desse sujeito está proibido de ser pronunciado nesta casa!

PITANGA

Desculpe, eu não sabia! Pode me dizer a razão?

COLÓ

É um comunista!

PITANGA

Só por isso?

ANTÔNIO BELO

Quer motivo maior?

PITANGA

Eu esperava um motivo mais sério! Se o Chico é comunista, é problema dele!... Não temos nada com isso!... Nem quer dizer que não possa ser amigo da gente!

COLÓ

(EVIDENTE AMEAÇA) Falar dessa maneira compromete você também! Se quiser continuar com a nossa amizade comece a se afastar desse cara!

PITANGA

Conheço o Chico há muito tempo e ele nunca fez mal! Pelo contrário, sempre foi prestativo e atencioso! Portanto, deixar a amizade dele é coisa que eu não faço!

COLÓ

(AUTORITÁRIO) Nesse caso, dê o fora daqui! (PITANGA LEVANTA-SE PERPLEXO E DECEPCIONADO).

SEBASTIANA

(INTERFERINDO FURIOSA) Espere lá! Quem é que manda nesta casa? É você, Antônio Belo, ou é o povo da rua?

ANTÔNIO BELO

(INTERMEDIANDO) Compadre Coló, o senhor me desculpe, mas Pitanga é pessoa que a gente conhece há quase dez anos! Essa casa nunca se fechou para ele!

COLÓ

(DESTILANDO ÓDIO) Eu detesto esse Chico Porrada! É um atrevido! O safado certa vez andou falando mal de mim!

ANTÔNIO BELO

(ESCANDALIZADO) Por que ele fez isso?

COLÓ

Nessa minha profissão, a gente se expõe quando quer ajudar as pessoas! Vocês sabem... As más línguas! Elas sempre interpretam as coisas, diferente! Esse tal Chico Porrada foi dizer ao jornal que eu estava orientando uma quadrilha de ladrões!
(SEBASTIANA E PITANGA SE ENTREOLHAM).

TUCA

(QUE ESTAVA A UM CANTO DA SALA, ACHA BONITA A PALAVRA E COMEÇA A DANÇAR EM TORNO DOS HOMENS)
Ladrões! Ladrões!

SEBASTIANA

(PUXANDO-O PELO BRAÇO) Venha para cá!

ANTÔNIO BELO

Que providência o compadre tomou?

COLÓ

Na hora, eu quis perder a cabeça e dar-lhe uns tiros! Mas me contentei em mandar aplicar umas borrachadas! Também, lavei os peitos! Depois que foi solto, imaginei que o sujeito ia se corrigir! Mas, o que! Ficou pior.

PITANGA

(LEVANTA-SE) Senhores, a conversa está boa, mas vou embora!

ANTÔNIO BELO

(PROTESTANDO) Que é isso, Pitanga, quer acabar com a festa?

PITANGA

Que nada! Eu sou uma figura insignificante!

ANTÔNIO BELO

Sem violão, não há alegria!

PITANGA

Os senhores devem ter muito assunto para conversar!

COLÓ

(MAGOADO) Não vê compadre, que o homem não gostou da minha conversa sobre o Chico Porrada?

PITANGA

Não se trata disso!

COLÓ

Claro que é por isso! Acha que sou otário? Eu vi como ficou! Todo encrespado, como se tomasse as dores dele! Que é que você está pensando?

SEBASTIANA

(INTERFERINDO) É melhor vocês se acalmarem! Será que não tem outro assunto que esse tal de Porrada?

ANTÔNIO BELO

(REPREENDENDO A MULHER) A conversa daqui não lhe cabe! É melhor você ir para dentro!

SEBASTIANA

(SEGURANDO TUCA PELO BRAÇO) O que eu espero, é que você acabe logo com essa baderna dentro de casa! (SAIDA FALSA. PERMANECE OBSERVANDO).

PITANGA

(QUE GUARDA O VIOLÃO) Até logo, minha gente! (VAI RETIRAR-SE, QUANDO COLÓ O INTERCEPTA).

COLÓ

Espera! (JÁ ESTÁ QUASE EMBRIAGADO) Não vai agora,
não!

PITANGA

(EQUILIBRADO) Tenho de ir! Vocês me desculpem, mas
a gente já bebeu demais!

COLÓ

O que acho é que o amigo também é comunista!
(SORRINDO) Se tocar mais uma música, eu esqueço esse defeito!

PITANGA

(DESABAFANDO) Pode achar o que quiser que não me
incomoda! Agora, ouvir esse caboclo tocar, não ouve mais não!
Nem hoje, nem nunca!

COLÓ

(AUTORITÁRIO) Isso é falta de respeito!

ANTÔNIO BELO

Minha gente se acalme!

COLÓ

Devia levar você com violão e tudo pro xadrez!

PITANGA

Autoridade pra ser respeitada, precisa dar-se a respeita!

COLÓ

(SACA O REVÓLVER, AMEAÇANDO PITANGA) Cabra atrevido! Não sei onde estou que não lhe encho de chumbo!

PITANGA

(FRIO) Está armado, não está? É só apertar o dedo!

ANTÔNIO BELO

(AFLITO) Compadre, pelo amor de Deus!... Não faça uma coisa dessa!... Pitanga não é homem, de violência!

COLÓ

(GUARDANDO O REVÓLVER) Já vi que estou sendo demais aqui! (PARA ANTONIO BELO) Pois bem, fique com a amizade dos seus comunistas! (SAI, CHEIO DE RAIVA).

ANTÔNIO BELO

(CORRE A PORTA) Compadre!

SEBASTIANA

(RESOLVE INTERVIR) Tenha vergonha! (ANTÔNIO BELO VIRA-SE) Onde já se viu, paparicar tanto um sujeito desse só porque é da polícia!

ANTÔNIO BELO

(TOMAND A DEFESA) Coló é meu amigo!... Se ele odeia esse jornalista, é porque deve ter razões para isso! Não vou me inimizar com ele, por causa de uma pessoa que nem conheço!

SEBASTIANA

Não misture as coisas! O que quero dizer, é que esse sujeito está tomando as suas forças! Como é que ele esfrega o revólver na cara do Pitanga, dentro da sua casa, e você não diz nada? Pitanga, sim, é gente nossa não aquele cafajeste!

PITANGA

(SEM JEITO) Antônio Belo, você me desculpa! Não tive a intenção de criar esse problema!

SEBASTIANA

(PARA PITANGA) Não se incomode! Aquele homem não presta mesmo!

ANTÔNIO BELO

Não sei por que você tem esse ódio todo do Coló! Uma pessoa que nunca fez mal a gente!

SEBASTIANA

(INTENCIONAL) Eu sei a razão! (DIRIGINDO-SE AO PITANGA) Conte direito aquela história da quadrilha de ladrões, que o Porrada denunciou pelos jornais! Diga pra ele, Pitanga!

ANTÔNIO BELO

(INTERESSADO) Você conhece o caso?

PITANGA

(PARA ANTÔNIO BELO) Esse seu compadre tinha alguns ladrões fichados que trabalhavam pra ele. Cada ladrão roubava um objeto, uma joia, coisa de valor e vendia a quem interessasse, por menos da metade do preço! De posse do dinheiro, os marginais iam dividir com Coló, que ficava com a parte do leão. Em seguida, Coló algemava os caras e se dirigia

com ele as residências dos compradores. Acusava os cujos de receptadores e recolhia os furtos. Estes perdiam o dinheiro e ainda ficavam agradecidos por não se implicarem. A operação se repetia várias vezes com os mesmos objetos, até que, não havendo mais otários a quem procurar, torravam os furtos por qualquer preço no mercado. Foi com essas e outras jogadas desonestas que Coló construiu casas, comprou carro e colocou dinheiro em poupança!

ANTÔNIO BELO

(PERPLEXO) Mas não me diga uma coisa dessa! Isso é verdade mesmo?

PITANGA

Tão certo, como existe Deus no céu! Chico Porrada, que estava estudando a malandragem do sujeito, documentou tudo e abriu as baterias. Coló não perdeu o emprego porque o Secretário fez vista grossa e nem apareceu quem quisesse servir de testemunha!

ANTÔNIO BELO

(CURIOSO) E quanto a prisão do jornalista?

PITANGA

Tudo mentira! Ele gritou, quis botar processo contra Porrada, mas depois fechou o bico!

ANTÔNIO BELO

(PREOCUPADO) Coló está cuidando da indenização do meu barraco! Será que ele é capaz de fazer alguma trapaça contra mim?

PITANGA

Pode ser que não faça, mas também pode ser que faça! É pessoa que não merece confiança!

ANTÔNIO BELO

(RELUTANTE) Ele tem sido tão meu amigo!... (FICA PENSATIVO).

PITANGA

Não fique preocupado! Vou estar de olho! Se houver necessidade, peço a ajuda do Chico Porrada!

SEBASTIANA

(LEMBRANDO-SE DE ALGUMA COISA) Meu Deus, o menino! (GRITA) Tuca! Onde está você? (CORRE AO INTERIOR DA CASA, DEIXANDO OS DOIS HOMENS EM CENA).

PITANGA

Já está tarde! Vou embora!

ANTÔNIO BELO

Acompanho você até a esquina! (PÕE A MÃO NO OMBRO DE PITANGA E AMBOS SE ENCAMINHAM À PORTA DA RUA) E aquela história de comunista? É verdadeira? (AMBOS SAEM).

SEBASTIANA

(OUVE-SE A VOZ DA MULHER, FORA DE CENA) Tuca! Onde está você! (SEBASTIANA REAPARECE. CORRE NA DIREÇÃO DA PORTA DA RUA, DEFRONTANDO-SE COM BETANIA QUE ARRASTA O DEBIL MENTAL PELO BRAÇO. A MULHER CONDUZ, AINDA, UM CARTAZ ONDE SE LÊ: "SALVEM A MUNDAÚ; VIVA A ECOLOGIA").

BETÂNIA

(PARA SEBASTIANA) Olha aí o seu doido! Estava perto da colônia de pescadores!

SEBASTIANA

(AFLITA) Meu Deus! (SEGURA O RETARDADO PELO BRAÇO E VAI RETIRAR-SE. VOLTA-SE, COM CURIOSIDADE. OLHA O CARTAZ QUE A IRMÃ CONDUZ) O que é isso?

BETÂNIA

(COM POUCO CASO) É o que você está vendo!

SEBASTIANA

Muito bem, mas o que é isso?

BETÂNIA

Um cartaz, ora!

SEBASTIANA

Que é cartaz eu sei! Quem é ecologia? Alguma candidata?

BETÂNIA

(IMPORTANTE) Nada disso, mulher! Como é triste ser analfabeta!

SEBASTIANA

Analfabeta, uma ova! Eu fiz o ginásio em Penedo, ouviu? Não sou é obrigada a saber quem é essa tal de ecologia!

TUCA

(DESPRENDE-SE DO BRAÇO DE SEBASTIANA E COMEÇA A PULAR) Ecologia! Ecologia! Ecologia!

BETÂNIA

(DEFINIÇÃO DECORADA, COM AFETAÇÃO) Ecologia é a relação de equilíbrio que deve existir entre os seres vivos e o meio ambiente! Sacou? (SEBASTIANA FAZ UM AR DE DESDÉM) Já sei, não sacou! E ainda diz que fez o ginásio! Ginásio feito nas coxas!

SEBASTIANA

(APROXIMANDO-SE, COM SERIEDADE) Quer me explicar direito que negócio é este?

BETÂNIA

É um movimento que a gente está fazendo contra a poluição da lagoa!

SEBASTIANA

A gente... Quem?

BETÂNIA

Todos os pescadores: De Maceió, do Pilar, Coqueiro Seco, Santa Luzia do Norte... De todo canto! Tem outras “categorias profissionais” que estão apoiando o movimento! Ta um verdadeiro barato!

SEBASTIANA

Isso não me cheira bem! Você vai me contar direitinho!

BETÂNIA: O Chico porrada é quem sabe explicar como você quer!

SEBASTIANA

(ASSUSTADA) Esse homem está metido nisso!

BETÂNIA

(ARREBATADA) E como está! É ele que está organizando tudo! Ah, mana, como é lindo! Parece um deputado, falando no

meio daquela turma toda de pescadores! E o pessoal de olho vidrado nele!

SEBASTIANA

Deve ser coisa contra o governo! E você no meio disso!

BETÂNIA

O meu lugar é junto do meu noivo!

SEBASTIANA

Deixe de bobagem!

BETÂNIA

Olhe, a coisa é mais séria do que você pensa!
(REPETINDO, COMO UM PAPAGAIO, AS ORIENTAÇÕES RECEBIDAS) As indústrias estão envenenando a lagoa Mundaú e os peixes estão morrendo às toneladas! Os pescadores não têm mais o que pescar! O sururu desapareceu por completo! São milhares de famílias de pescadores e cerca de duzentas mil pessoas da classe pobre que tiram da lagoa a sua alimentação! Esse povo todo está sofrendo e ninguém toma providência!
(COM ENTUSIASMO) Chico Porrada vem reunindo o pessoal e

organizando uma passeata de protesto... Vamos passar pela frente das indústrias que estão poluindo a lagoa e ...

SEBASTIANA

(ASSUSTADA) Negócio de comunista! Saia já disso!

BETÂNIA

Deixe de frescura! Está igualzinha ao frouxo do marido! Preferem morrer de fome, não é?

SEBASTIANA

De nada adianta esse barulho todo. As indústrias são poderosas! O governo tem força. Os dois tem dinheiro! Tem a polícia! Se querem envenenar a lagoa e matar os peixes, envenenam, matam e está acabado! Quem é a gente para protestar, para reclamar coisa alguma!

BETÂNIA

O Porrada diz sempre que a união faz a força! Que a gente ta passando necessidade porque não reclama, não se organiza!

SEBASTIANA

Minha irmã, isso é negócio perigoso! Ainda agora, o Pitanga quase leva bala do Coló, só porque foi defender esse tal de Porrada!

BETÂNIA

(SURPRESA) O Pitanga?

SEBASTIANA

Coló odeia esse seu namorado, ou sei lá o que!... Eu, por mim, não via esse policial aqui dentro de casa, mas Antônio Belo é morto e vivo por ele! Teve a ousadia de puxar o revólver, na cara da gente, para um amigo nosso como é o Pitanga!

BETÂNIA

Esse seu marido não tem personalidade mesmo!
(SUSPIRA) Ah, o meu Porrada! Aquele é que é homem!... Gamei nele, sabia? E vou ficar ao lado dele para o que der e vier!
(LEVANTA-SE, ENCOSTA O CARTAZ NA CADEIRA E VAI ATÉ O INTERIOR DA CASA).

SEBASTIANA

(DESALENTADA) Isso não vai dar boa coisa! Quando meu coração começa a se trancar no peito! (SENTA-SE PREOCUPADA).

TUCA

(APROXIMA-SE DA MULHER, SUA ALEGRIA DEMENTE COMEÇA A DESAPARECER. FICA SÉRIO, PREOCUPADO, OLHANDO SEBASTIANA. CIRCULA-A NUMA AFETADA OBSERVAÇÃO) Coló! Porrada! Comunista! Comunista! Comunista! (AJOELHA-SE AOS PÉS DE SEBASTIANA E COMEÇA A BRINCAR COM OS DEDOS DA MÃO) Coló! Porrada! Comunista!

SEBASTIANA

(ACARICIA OS CABELOS DO DEBIL MENTAL) Às vezes eu fico pensando que é melhor ser maluco, ter a bola virada como você! Não pensa! Não coloca preocupação na cabeça! (O MALUCO OBSERVA-A COM MUITA ATENÇÃO) Não toma conhecimento das dificuldades da vida, nem sabe o quanto custa a gente sobreviver! (FALANDO PARA O MENINO) Veja, agora, a sua mãe está triste, Tuca! (TUCA OLHA-A SÉRIO) Muito triste! Não sei bem o porquê! Se é por causa da nossa pobreza ou pela incerteza do dia de amanhã!

TUCA

(SÉRIO) Mãe, triste! Mãe, triste! Coló, Porrada, comunista!...

ANTÔNIO BELO

(ENTRANDO) Está uma movimentação danada na Colônia! (VAI AO CANTO DA SALA E ARMA A REDE) Vou descansar um pouco o esqueleto. É melhor do que bater as pernas por aí, sem ter o que fazer!

TUCA

(DEIXA SEBASTIANA E CORRE ATÉ ANTONIO BELO) Mãe, triste! Mãe, triste!

ANTÔNIO BELO

(DEITANDO-SE) Vai pra lá, menino!

SEBASTIANA

(CHAMANDO O RETARDADO) Venha cá! Vamos pra dentro! (TUCA OLHA NA DIREÇÃO DA MULHER, PORÉM NÃO OBEDECE) Venha cá, já disse!

TUCA

(INSISTINDO) Mãe, triste! Mãe, triste!

SEBASTIANA

(LEVANTA-SE. VAI ATÉ JUNTO DE TUCA E O ARRASTA LEVEMENTE PELO BRAÇO) Deixe Antônio Belo em paz!

ANTÔNIO BELO

(SENTANDO-SE NA REDE, PREOCUPADO) Que é que você tem, mulher?

SEBASTIANA

(VOLTANDO-SE) Nada! (ENCAMINHA-SE PARA O INTERIOR DA CASA).

ANTÔNIO BELO

Espera!

SEBASTIANA

(VOLTANDO-SE) Já disse que não tenho nada!

ANTÔNIO BELO

(LEVANTANDO-SE) Você está doente?

SEBASTIANA

Um pouco chateada!

ANTÔNIO BELO

(RESPIRANDO FUNDO) Não é para menos!... (SENTA-SE NA REDE) Não esperava nunca que Coló desacatasse Pitanga dentro da minha casa! De certa maneira, foi uma falta de respeito!

SEBASTIANA

(IRÔNICA) De certa maneira!

ANTÔNIO BELO

Foi falta de respeito mesmo! Vai ver, você é que tem razão quanto ao Coló e isso está me preocupando muito!

SEBASTIANA

Deixe pra lá! Não se fala mais nisso agora!...

ANTÔNIO BELO

(OLHANDO-A, DETIDAMENTE) Você está triste por causa do que aconteceu, ou tem outro motivo?

SEBASTIANA

Tem dia que a gente fica assim!... Sem gosto pra nada!

ANTÔNIO BELO

O que está acabando a gente é essa vida! Mas o que é que se pode fazer? Quando eu receber o dinheiro da indenização as coisas vão mudar!

SEBASTIANA

(IRRITANDO-SE) Ora, você não fala outra coisa! E se não vingar essa indenização? O que é que vai fazer? Já pensou nisso?

ANTÔNIO BELO

(FUGINDO DO ASSUNTO) Ora, mulher, deixe de agouro!

SEBASTIANA

Agouro, não! Tudo é possível! Por exemplo: Se esse tal de Coló fizer alguma tramoia, atrapalhar a coisa, botar gosto ruim no negócio, agora que ele tem procuração e pode fazer o que quiser em nome da gente!

ANTÔNIO BELO

Quanto a isso não se preocupe! Eu vou conversar com ele, e...

SEBASTIANA

(IRRITADA) Conversar com ele! Merda! Conversar com ele! Você devia era arrancar essa procuração infeliz, ir falar pessoalmente com o prefeito! Enfrentar os homens!

ANTÔNIO BELO

Uma procuração não pode ser tirada dessa maneira. Precisa ter motivo! De mais, o compadre Coló não rompeu comigo! Foi só uma rusgazinha de cachaça! Coisa sem importância!

SEBASTIANA

(TUCA ESTÁ SENTADO A UM CANTO, OBSERVANDO O DIÁLOGO DOS DOIS) Sem importância! Você já sabe quem é o homem, não sabe? Se for enganado, é porque mereceu! Diabos, o que será que tem importância para você!

TUCA

(LEVANTA-SE E COMEÇA A PULAR) Porrada! Porrada!
Porrada!

ANTÔNIO BELO

(IRRITADO FACE A REALIDADE QUE NÃO DESEJA ACEITAR
E PELO BARULHO DE TUCA) Quer calar a boa!

SEBASTIANA

(FUSTIGANDO O MARIDO) Você devia pelo menos,
procurar outro meio de vida! Quando a gente procura, acha!
Podia aceitar qualquer coisa, até mesmo vender laranja
descascada no mercado, na porta do Trapichão em dia de jogo!
Ou mesmo, ser servente de pedreiro, vendedor de rua, uma
porcaria qualquer, que a gente só serve pra isso mesmo!
(TRANSIÇÃO) Mas você prefere ficar parado e esperar que caia
do céu por milagre! Que venha uma indenização para o barraco
e se não vier? Acha que vai ser muita coisa? Que o dinheiro vai
dar pra comprar outra casa, uma canoa, tomar cachaça e ficar
coçando o ovo, o resto da vida, olhando pra lua? (CAI EM
PRANTOS SOBRE A CADEIRA. ANTONO BELO SE LEVANTA. HÁ
UM LONGO SILÊNCIO. APROXIMA-SE DA MULHER).

ANTÔNIO BELO

(PROCURANDO SER GENTIL) Você tem razão!
(MAGOADO) Sou mesmo um traste inútil! (PENSATIVO) De uns tempos para cá, não venho conseguindo enxergar nada em volta de mim! É uma falta de ânimo, de coragem! Parece até que entre mim e o mundo existe um paredão separando! (IMPACIENTE) É o diabo, mesmo!... (REVOLTADO) Você pensa que isso não me machuca? (NUM LAMENTO) Eu quero procurar um caminho, mas é tudo tão sem horizonte! (REVOLTADO) Qualquer trabalho que eu possa arranjar é pra assar e comer! E nem pra isso! Como é que eu vou vender laranja descascada? Laranja hoje em dia é fruta de rico! E o capital pra comprar a laranja? E a banca? (NUM SUSPIRO) Eu nunca fui comerciante na minha vida! Ajudante de pedreiro?... É assar pra comer! E comer com mais fome, porque o duro é maior! E o que é um salário mínimo para qualquer chefe de família seja um merda como eu? (PAUSA PROFUNDA) Prefiro pescar! Qualquer peixe que pesque é melhor que me matar por nada! (SONHADOR) Sempre fui um pescador! Naquele tempo, pescador era respeitado! (EVOCATIVO) Sempre gostei de minha profissão! Eu me sentia como se fosse um herói, quando voltava à noite, com a canoa coberta de peixes! Você se lembra? Você mesma, me esperando cheia de contentamento! Você achava bonito eu ser pescador! Porque mudou, agora? Se a nossa

situação piorou, é a crise mesmo! A falta de peixe na lagoa!
(MAGOADO) E você me manda vender laranja descascada no
mercado!

TUCA

(PARECE ENTENDER A SITUAÇÃO. LARGA A MÃO DA
SEBASTIANA E SE ENCAMINHA ATÉ ANTONIO BELO) Pai, triste!
Pai, triste!

ANTÔNIO BELO

(NUM RASGO DE IMPACIÊNCIA) Sou lá teu pai, porra! Vai
embora daqui!

SEBASTIANA

(REAGINDO) Deixa esse ignorante e venha pra cá! (O
rapazola cabisbaixo, retorna a Sebastiana).

TUCA

Pai ignorante! Mãe triste! (SEBASTIANA SEGURA-LHE A
MÃO. AMBOS SAEM DE CENA. ANTONIO BELO PARECE
ARREPENDER-SE. VAI ATÉ O MEIO DA SALA, OLHA
DEMORADAMENTE NA DIREÇÃO QUE A MULHER E O DEBIL
MENTAL TOMARAM. FICA PARADO ALGUNS SEGUNDOS, COMO

SE COLOCASSE EM ORDEM OS PENSAMENTOS. VOLTA-SE, ENCAMINHA-SE A REDE. À PORTA DA RUA SURGE A FIGURA DE CHICO PORRADA).

CHICO PORRADA

Boa tarde!

ANTÔNIO BELO

(VOLTANDO-SE NA DIREÇÃO DO VISITANTE) Boa tarde!
Deseja alguma coisa?

CHICO PORRADA

O senhor é o Antônio Belo?

ANTÔNIO BELO

Está falando com ele! Entre!

CHICO PORRADA

Obrigado!

ANTÔNIO BELO

(MOSTRANDO A CADEIRA) Não quer se sentar!...

CHICO PORRADA

(SENTANDO-SE) O senhor não me conhece?

ANTÔNIO BELO

(MATUTANDO) Pra dizer a verdade, não conheço, não senhor!

CHICO PORRADA

(APRESENTANDO-SE) Francisco de Assis, as suas ordens!

ANTÔNIO BELO

O que deseja “seu” Francisco?

CHICO PORRADA

Conhecer o senhor!

ANTÔNIO BELO

Muito prazer! (ATEMORIZADO) O senhor é da prefeitura ou da polícia?

CHICO PORRADA

Nem uma coisa, nem outra! Sou jornalista! (ANTÔNIO BELO ESTREMECE) Os amigos me chamam de Chico Porrada!

ANTÔNIO BELO

(ERGUE-SE) Chico Porrada!

CHICO PORRADA

(LEVANTANDO-SE TAMBÉM) Estive à sua procura, mas não o encontrei! Queria trocar umas ideias com o senhor!

ANTÔNIO BELO

O senhor já trouxe muita confusão pra dentro desta casa! Por favor, deixe a gente em paz!

CHICO PORRADA

(SURPRESO) Não estou entendendo! De que é que o senhor está falando?

ANTÔNIO BELO

De problemas! Muitos problemas!

CHICO PORRADA

Quer ser mais claro?...

ANTÔNIO BELO

Faça um favor! Vá embora o mais ligeiro possível da minha casa!

CHICO PORRADA

(MAGOADO) Pode dizer por que está me tratando dessa maneira? É por causa do meu relacionamento com sua cunhada?

ANTÔNIO BELO

Antes fosse!

CHICO PORRADA

Não entendo!

ANTÔNIO BELO

O negócio é o seguinte, “seu” Porrada! Eu não quero saber de comunista! Comunista é coisa do diabo!

CHICO PORRADA

O senhor pode levar um papo comigo? Um minutinho só!

ANTÔNIO BELO

Por favor, seu Porrada!...

CHICO PORRADA

Depois, prometo que vou embora! Não passarei mais por aqui, se o senhor faz questão mesmo!

ANTÔNIO BELO

(CONSENTINDO) Fale, mas fale depressa!

CHICO PORRADA

Eu tenho as minhas convicções ideológicas, mas isso é uma questão de consciência! Cada um tem o direito de acreditar no que quiser!

ANTÔNIO BELO

Sim, mas comunismo é diferente!

CHICO PORRADA

Esse negócio de comunismo, hoje em dia, não assusta mais ninguém, seu Belo! Basta o cara ter uma certa posição em favor da pobreza, reclamar contra o Governo e defender os trabalhadores, para ser logo chamado desse nome!

ANTÔNIO BELO

Quer dizer que o senhor não é comunista!

CHICO PORRADA

Ser comunista é ser inconformado com as injustiças desse capitalismo selvagem e desumano que avoluma imensas riquezas nas mãos de poucos privilegiados em troca da miséria da maioria da população!

ANTÔNIO BELO

Pobreza é coisa que vem desde o começo do mundo!
Ninguém pode mudar a vontade de Deus!

CHICO PORRADA

Deus não se envolve nesse assunto seu Belo! São os homens: A ganância, a ambição, a sede de poder!

ANTÔNIO BELO

(PENSATIVO) Nisso aí o senhor pode estar certo!

CHICO PORRADA

(SENTINDO-SE MAIS SEGURO) O povo deve urgentemente se conscientizar dessa realidade! Os trabalhadores precisam ser mais unidos! Fortalecerem-se em bloco monolíticos para deter a voracidade de exploração capitalista!

ANTÔNIO BELO

É por causa dessas conversas que o seu cartaz na polícia não é bom! Coló ficou danado, quando soube que o senhor esteve aqui! Quase havia uma briga com o Pitanga!

CHICO PORRADA

Coló deve ser aquele investigador da roubos e furtos, não é? Desculpe seu Antônio Belo, mas esse seu amigo é um péssimo caráter!

ANTÔNIO BELO

(SÉRIO) Até hoje ainda não tive razão de queixa!

CHICO PORRADA

Nós temos uma velha diferença! Inimizade antiga, mas é coisa puramente pessoal!

ANTÔNIO BELO

Pitanga me contou!

CHICO PORRADA

Sua cunhada lhe falou do meu interesse por ela?

ANTÔNIO BELO

(INDULGENTE) Betânia?

CHICO PORRADA

É uma boa mulher!

ANTÔNIO BELO

Esse é um assunto que não me meto! É problema de vocês!

CHICO PORRADA

Pode não acreditar, mas estou levando a sério!

ANTÔNIO BELO

Não entendo como é que um homem letrado como o senhor...

CHICO PORRADA

Betânia não tem culpa de ser o que é! Qual foi a outra opção que a sociedade ofereceu a ela? Quanto a mim, não tenho certos preconceitos!

ANTÔNIO BELO

(DESCARTANDO-SE) O senhor, quer falar com ela, não quer? Vou chama-la! (SAÍDA FALSA).

CHICO PORRADA

Espere! Ainda tem outro assunto que eu gostaria de discutir com o senhor!

ANTÔNIO BELO

Não se demore que eu vou dar uma saidinha!

CHICO PORRADA

O senhor já tomou ciência do movimento que as Colônias de Pescadores estão organizando contra a poluição da lagoa Mundaú?

ANTÔNIO BELO

Já ouvi falar!

CHICO PORRADA

Vamos realizar uma passeata com todos os pescadores e uma concentração na Praça Dos Martírios! Ali faremos veemente apelo ao Governador!

ANTÔNIO BELO

E que pode o Governador fazer, doutor?

CHICO PORRADA

Obrigar as indústrias a implantarem sistemas que protejam o meio ambiente, que salvaguardem as lagoas! As leis que defendem a ecologia determinam esse cuidado! As empresas é que fazem vista grossa para não gastar dinheiro! A lagoa Mundaú exige esse sacrifício. Ela é um patrimônio não apenas dos pescadores, mas de toda comunidade!

ANTÔNIO BELO

(PENSATIVO) Falou certo!

CHICO PORRADA

O problema é tão sério, seu Antônio Belo, que se o Governo não tomar uma providência urgente, dentro de cinco anos a Mundaú se acabará! Diariamente, mais de um milhão de pessoas jogam detritos na lagoa! Os despejos das usinas e das destilarias de álcool, das indústrias químicas de Coqueiro Seco e Santa Luzia do Norte, do frigorífico e dos esgotos residências de Maceió estão transformando o que era um paraíso, uma dádiva da natureza, em imenso reservatório de podridão!

ANTÔNIO BELO

Um dia desses eu fui a Santa Luzia e remei mais de um quilometro afastando peixe morto sobre as águas! Eram toneladas de morodongos, seu moço qualhando o Mundaú! Aí, eu pensei na pobreza toda passando fome!

CHICO PORRADA

Eu mesmo fotografei o desastre! A cidade de Santa Luzia do Norte está condenada! Os pescadores desesperados! O trágico, é que a maioria da população daquela cidade vive da pesca.

ANTÔNIO BELO

A gente tem de fazer alguma coisa!

CHICO PORRADA

(COMPREENDE TER CHEGADO O MOMENTO) Senhor Antônio Belo, espero que venha se juntar a gente! O senhor é um pescador! Tem o dever de estar ao lado dos seus companheiros!

ANTÔNIO BELO

É verdade! Sou um pescador...

CHICO PORRADA: (INSISTINDO) Podemos contar com a sua presença?

ANTÔNIO BELO

Vou pensar, Chico! Vou pensar!

BETÂNIA

(APARECENDO) Porrada! Você está aqui? (CORRE AO ENCONTRO DO HOMEM, ABRAÇAM-SE. PARA ANTONIO BELO) vocês já se conhecem?

ANTÔNIO BELO

Já!

BETÂNIA

Que ótimo!

CHICO PORRADA

Seu Antônio é um homem distinto!

ANTÔNIO BELO

O senhor é que não olha a ignorância dos outros!

BETÂNIA

(INCRÉDULA) Se tornaram amigos? É verdade?

ANTÔNIO BELO

(PARA CHICO PORRADA) Vocês já estão juntos! Vou dar a minha saidazinha!

CHICO PORRADA

Pense bem no que eu disse! Todos precisamos do senhor!

ANTÔNIO BELO

Pode ficar certo eu vou pensar mesmo! Até logo!
(AMBOS CUMPRIMENTAM-SE COM UM APERTO DE MÃO) Fique à vontade!

CHICO PORRADA

Obrigado! (ANTONIO BELO SAI) Também não vou demorar! Tenho de passar na Colônia de Pescadores! O pessoal está me esperando para combinar os detalhes finais da passeata de amanhã!

BETÂNIA

Não vem me ver hoje à noite?

CHICO PORRADA

À noite vou fazer serão no jornal! Tenho de armar alguns esquemas para a cobertura de amanhã! Logo passarei por aqui!
(INTENCIONAL) Você não vai sair hoje, vai?

BETÂNIA

(MALICIOSA) Acho que não há mais necessidade, não é?
(SORRI) Agora, tenho de me guardar pra você!

CHICO PORRADA

(BEIJA-A) Muito bem! Comporte-se, ouviu? Boa noite!

BETÂNIA

(ENLEVADA) Até amanhã! (CHICO PORRADA SAI. BETÂNIA. POR ALGUNS MINUTOS, FICA PARADA, SONHADORA, NO MEIO DA CENA).

SEBASTIANA

(APARECENDO, DO INTERIOR DO BARRACO) Betânia!
(BETÂNIA NÃO OUVE) Betânia!

BETÂNIA

(DESPERTANDO) Você falou?

SEBASTIANA

(PREOCUPADA) Está doente?

BETÂNIA

(SENTANDO-SE) Não!

SEBASTIANA

(ESTRANHANDO) Não vai sair?

BETÂNIA

Prefiro ficar em casa!

SEBASTIANA

O que está acontecendo com você?

BETÂNIA

(ENTUSIASMADA) Não percebe que eu estou apaixonada? Não percebe?

SEBASTIANA

(DESDÉM) Bobagem!

BETÂNIA

Bobagem por quê? Porque eu “fui” uma prostituta?
(AFETADA) Fui! Sacou? Agora tenho o meu homem! Exclusivo!...

SEBASTIANA

(ENIGMATICA) Era ele que estava aqui, não era?
Conversou bastante com Antônio Belo! Não entrei para não
atrapalhar o assunto!

BETÂNIA

(SATISFEITA) Você mudou de opinião a respeito dele?
(FELIZ) Antônio Belo, também!

SEBASTIANA

(PREOCUPADA) O que esse moço quer mesmo de você?
Não curta ilusão que possa lhe decepcionar mais tarde! Não vê
que ele é de outra classe que não é a nossa?

BETÂNIA

(CONSCIENTE) Todo mundo é igual! O resto é questão de
ter ou não ter dinheiro! Ter ou não ter estudo! Estudo eu posso
adquirir. Dinheiro e posição pouco representam para quem não
possui preconceitos ou necessidades burguesas!

SEBASTIANA

(ESTRANHANDO) Deus do céu! Tão pouco tempo e você já está falando parecido com ele?

BETÂNIA

(CONVICÇÃO) É a consciência, minha irmã; É o amor! Você sabe do que estou falando?

SEBASTIANA

(PENSATIVA) Nunca vi você nesse estado! Como se transformou dessa maneira? O meu receio é que se apegue muito a esse Chico Porrada e, depois, por uma razão qualquer, ele venha a abandoná-la!

BETÂNIA

(SÉRIA) Mesmo assim, valerá a pena! O Porrada fez com que eu me sentisse gente! Me trata como pessoa, compreende?
(SUSPIRA) Os outros que conheci só queriam me usar.

SEBASTIANA

(EMOCIONADA) Está mesmo apaixonada! Deus queira que o seu coração não engane você!

BETÂNIA

Esteja certa disso!

SEBASTIANA

Vou lá para dentro aprontar a sopa para o jantar!

BETÂNIA

Quer que ajude?

SEBASTIANA

Não! (TRANSIÇÃO) Se o Tuca passar, não deixe que vá pra rua; (SUSPIRA) O menino está cada vez mais impossível. (SAI. BETÂNIA, QUE ESTAVA SENTADA, LEVANTA-SE ATÉ O RÚSTICO ARMÁRIO; APANHA PAPEL E LÁPIS, RETORNA A MESA, SENTA-SE E PASSA A ESCREVER).

BETÂNIA

Tenho de melhorar a minha escrita!

COLÓ

(APARECENDO À PORTA DA RUA) Boa tarde!

BETÂNIA

(VIRANDO-SE) Boa tarde!

COLÓ

Antônio Belo está?

BETÂNIA

(FRIAMENTE) Saiu!

COLÓ

Posso entrar?

BETÂNIA

Não já está dentro?

COLÓ

Quero dar uma palavrinha com você, já que o compadre não se encontra em casa!

BETÂNIA

(SEM ENTUSIASMO) Pode falar. (COLÓ SE APROXIMA. SENTA-SE FRENTE À BETANIA).

COLÓ

Escrevendo para o namorado?

BETÂNIA

Acertou! (PROVOCANTE) Quer saber pra quem é?

COLÓ

Diga!

BETÂNIA

(AFETADA) Chico Porrada!

COLÓ

(ENGOLE SECO, PORÉM SE CONTROLA) Quer me aborrecer, mas está perdendo tempo! O papo que vou levar é sério!

BETÂNIA

(CORTANDO) Eu manjo você, cara! Vamos deixar de panos mornos! Está querendo tirar sua casquinha em cima de mim, não é isso?

COLÓ

(FINGINDO CERTA MÁGUA) não sei por que essa antipatia toda? Eu conheço a sua ficha, porra! Vai dar uma de santa?

BETÂNIA

Eu mudei de vida!

COLÓ

Pra cima de mim? Ninguém muda de vida do dia pra noite! Você trepa com todo mundo, porque somente comigo é que se faz de gostosa?

BETÂNIA

(FRIA) Porque nunca fui com a sua cara!

COLÓ

(IRRITANDO-SE) Coisa nenhuma! Se é por dinheiro, diga quanto é que eu pago!

BETÂNIA

Seu dinheiro não me interessa! É melhor terminar logo esse papo!

COLÓ

Olhe sua puta! Não é bom negócio pra quem me provoca!
Você pode se dar mal!

BETÂNIA

Está apelando?

COLÓ

Estou falando sério! Por muito menos coloquei piranhas no xadrez! Posso fazer a mesma coisa com você! Que acha, se eu mandar lhe aplicar uma surra e depois colocar você pra lavar o chão da delegacia?

BETÂNIA

(RI COM MOFA) Olha o “Machão”! Como é valente com mulher! (SÉRIA) Eu fui piranha como você diz, mas agora as coisas mudaram! Tenho o meu homem, será que não entende? Não venha ameaçar com essa “Sugesta” de xadrez, que não me assusta!... (ARROGANTE) Chico Porrada saiu daqui quase agora! Por pouco, vocês não se encontraram! É ele o meu homem exclusivo!

COLÓ

(CHEIO DE RANCOR) Você sabe que esse sujeito é meu inimigo! Antônio Belo, também! Ainda assim, continuam acoitando esse comunista!

BETÂNIA

Qual é a sua? Mandar na casa dos outros? Você não tem escravo aqui não, cara! Esse papo de compadre, essa amizade toda, tudo isso eu manjo! Você sempre teve segundas intenções em tudo!

COLÓ

(SEBASTIANA APARECE À PORTA) É essa a ideia que você tem a meu respeito? E eu perdendo o meu tempo, o meu gás! Usando o meu prestígio para ajudar um bando de mal-agraçados! Buscando uma indenização pra tirar vocês deste chiqueiro! (DESABAFANDO) Pois bem, de agora em diante, se depender de mim, vocês não vão receber porra nenhuma!

SEBASTIANA

(ALTIVA) Eu Coló, eu nunca acreditei na sua sinceridade! O que o senhor acaba de dizer não é surpresa pra mim!

COLÓ

A senhora também apoia o ponto de vista de sua irmã, não é? Há muito que venho notando!

SEBASTIANA

Nesse assunto a gente está de acordo!

COLÓ

Vocês mulheres sempre se entendem! Mas sei que esse não é o ponto de vista de Antônio Belo! Ele precisa de mim! Vai se chegar, como um cachorrinho!

SEBASTIANA

(CHEIA DE ÓDIO) Cínico!

BETÂNIA

(AFOITA) Quando falei que você sempre teve segundas intenções em tudo eu estava certa! Você conheceu meu cunhado bêbado, numa de horror, de irresponsabilidade! (SEBASTIANA DÁ AS COSTAS E BAIXA A CABEÇA) Naquele dia eu havia conseguido algum dinheiro e dei pra ele fazer a feira. Antônio Belo estourou tudo no mercado, pagando bebida pra qualquer vagabundo que aparecesse. Você estava no meio, se

aproveitando dele, farejando alguma coisa que pudesse interessar! No fim, deu uma de bonzinho! Trouxe o bêbado pra casa, trapo inútil de gente! Aí, ficou conhecendo a família! Duas mulheres ainda moças e um cachaceiro inveterado. A partir de então, passou a visitar este barraco. Mas eu sabia qual o seu interesse! Só que sempre tive nojo de “machão” que espanca mulher, que prende mulher! (ANTÔNIO BELO APARECE À PORTA DA RUA, FICA, DISCRETAMENTE, OBSERVANDO).

COLÓ

(CÍNICO E ARROGANTE) Está por fora! Você nunca me interessou, porra! Você era de todo mundo e não valia o esforço!

SEBASTIANA

(FORTE) Seu Coló, por favor! Vá embora e deixe a gente em paz!

COLÓ

Que nada! Agora vocês vão ouvir! Diga pra ela “Dona” Sebastiana, com quem eu estava transando! Fale! Conte pra ela que honesta você é!

SEBASTIANA

(AFLITA) Vá embora, pelo amor de Deus! (BETÂNIA OLHA, INCRÉDULA, A IRMÃ).

COLÓ

Diga quantas vezes você trepou comigo, enquanto Antônio Belo curtia as bebedeiras!

BETÂNIA

(INCRÉDULA) É verdade, minha irmã? Não pode ser verdade!

SEBASTIANA

(PROSTRA-SE NUMA CADEIRA) Vá embora e não apareça mais aqui!

BETÂNIA

(APROXIMA-SE DA IRMÃ) Não pode ser verdade! Diga que ele está mentindo! (GRITA) Diga que ele está mentindo!

SEBASTIANA

(SOFRENDO) Houve um tempo que cheguei a sentir ódio por Antônio Belo, por ele ter se deixado cair tanto! Cedi, quase

por vingança, (CHOROSA) Estava revoltada, humilhada! Na segunda, na terceira vez... Já não dispunha de forças para recusar! Quando cai na razão, tive nojo de mim! Sempre amei o meu marido! Por pior que fosse, era o meu marido! Não tinha culpa de nossa miséria! Foi então que me afastei desse crápula! Antônio Belo não merecia o que eu estava fazendo!

BETÂNIA

E eu julguei que o interesse deli fosse para comigo! (APROXIMA-SE DE COLÓ) você é um cafajeste! Tinha de fazer uma coisa dessa com ela! Cafajeste!...

COLÓ

(FRIAMENTE) Não adianta esse drama todo por uma bobagem dessa! Isso aí lavou, está novo! Não arranca pedaço de ninguém! É melhor ficarem boazinhas! Antônio Belo precisa de mim! Vocês também precisam! Vão acabar se humilhando, me pedindo proteção!

ANTÔNIO BELO

(APARECENDO) Seu Coló, isso não vai acontecer, não, senhor! Saía da minha casa e não se demore! (FORTE) Se afaste e não olhe nem para trás. De hoje em diante, faça tudo para não

se encontrar comigo! Agora, o senhor está com a vantagem. Está armado e eu não estou! Mas, da próxima vez, vai ser diferente! Quando a gente se encontrar de novo, um dos dois vai prestar contas ao diabo!... (COLÓ RETIRA-SE SURPRESO E FURIOSO. SEBASTIANA ENCARA ATÓNITA, O MARIDO. BETÂNIA ESTÁ DE PÉ, DIANTE DE ANTÔNIO BELO. SILÊNCIO PROFUNDO. A CORTINA FECHA-SE LENTAMENTE).

FIM DO 2° ATO

TERCEIRO ATO

Pela janela aberta vê-se lá fora, o vermelho do amanhecer. A sala está na penumbra. Um pequeno candeeiro, de luz bruxelante, ilumina a sala. Sebastiana cochila, sentada no tamborete. Tuca está deitado no chão, aos pés de Sebastiana, como um cão fiel. O galo canta. Vozes. São notívagos boêmios de regresso as suas casas. Risos distantes. Pouco a pouco, a cena vai clareando.

BETÂNIA

(SURGINDO DO INTERIOR DO BARRACO, FITA A IRMÃ POR ALGUNS INSTANTES. FALA) Bastiana!... Bastiana!... (SEBASTIANA ESTREMECE, ERGUE A CABEÇA E VOLTA-SE PARA BETANIA) Você não foi dormir?

SEBASTIANA

Não tive sono!

BETÂNIA

(CENSURANDO) Passou a noite acordada!

SEBASTIANA

Pensando! (APROXIMA-SE DO CANDEEIRO E APAGA O LUME).

BETÂNIA

E Antônio Belo?

SEBASTIANA

(CONSTRISTADA) Não deu palavra! Saiu ontem e não voltou mais!

BETÂNIA

E você ficou esperando por ele?

SEBASTIANA

(FRUSTRADA) Foi.

BETÂNIA

(ANIMANDO-A) Deve voltar agora de manhã, bêbedo como uma cabra!

SEBASTIANA

(DESENGANADA) Ele não vai voltar! Sei como está se sentindo e tenho medo!

BETÂNIA

Medo de quê?

SEBASTIANA

Que faça alguma besteira!

BETÂNIA

(APANHA A MORINGA E ENCHE UM COPO D'ÁGUA) Só aquilo mesmo! (VAI ATÉ A JANELA E COMEÇA A LAVAR O ROSTO).

SEBASTIANA

Quem conhece o meu marido sou eu. Sei o que se passa dentro dele agora!

BETÂNIA

Não adianta chorar mágoa! Quando você tinha de pensar, não pensou. Agora não se lastime!

SEBATHIANA

(DRAMÁTICA) Também está me condenando, não é?
(RESIGNADA) Não quero compaixão de ninguém!

BETHÂNIA

(ENCAMINHANDO-SE ATÉ A IRMÃ) Quem disse que estou condenando? Você até que se segurou muito! Se fosse comigo, Antônio Belo já tinha sido “enfeitado” há muito tempo!

SEBATHIANA

(RECRIMINANDO-A) Você sempre leva as coisas de maneira leviana!

BETHÂNIA

Está querendo fugir da verdade? Quer queira quer não você corneou seu marido... Agora, assuma! Não vale a pena morrer por causa disso!

SEBATHIANA

É bom falar quando nunca se foi de um homem só!
Quando não se é casada!

BETÂNIA

(COM DESDÉM) Esse papo de querer dar uma de Madalena arrependida é transação muito careta! Não dá mais pé. Se alguém tem culpa, esse alguém é o seu marido!

SEBASTIANA

Fiz tudo por revolta! Me entreguei aquele porco, como se estivesse me submetendo a um flagelo!

BETÂNIA

(CÍNICA) Mas você gostou do flagelo, não gostou?

SEBASTIANA

(GRITANDO) Não! Não gostei!

BETÂNIA

Mentira!

SEBASTIANA

É verdade!

BETÂNIA

(INSISTINDO) Gostou tanto que repetiu a dose! Repetiu, não repetiu?

SEBASTIANA

(SUPLICANDO) Por favor! Não vê que estou sofrendo?

BETÂNIA

Por isso, mesmo! Sacuda a poeira e dê a volta por cima!

SEBASTIANA

Não quero perder o meu marido!

BETÂNIA

Das duas, uma, ou você já o perdeu, no duro, ou ele vai voltar cheio de cachaça, com cara de corno convencido, mas gamado ainda!

SEBASTIANA

Nesses últimos anos ele se deu a desprezo! Passou a não ligar pra nada! Transformou-se numa figura inútil! Sei que foi essa vida miserável!

BETÂNIA

(SEM SE PREOCUPAR) E o que você espera que Antônio
Belo faça?

SEBASTIANA

Vai matar Coló... Ou ser morto por ele?

BETÂNIA

(CAINDO EM SI) Isso é o que você desejaria que
acontecesse, não é?

SEBASTIANA

(OFENDIDA) Você é louca!

BETÂNIA

(ASSUSTADA) Se tem certeza disso, por que não faz
alguma coisa?

SEBASTIANA

O que posso eu fazer? Seja o que Deus quiser!

BETÂNIA

(NUMA EXPLOSÃO) É fácil entregar a Deus, quando o barco está perdido e mal carregado!

TUCA

(APARECE EM CENA, VINDO DO INTERIOR DA CASA. TRAZ UM PEDAÇO DE PAU NA MÃO, À GUIA DE REVÓLVER. PULA RODOPIANDO NA SALA, COMO SE CAVALGASSE, VOLTEIA DIANTE DAS MULHERES, ENQUANTO FINGE ATIRAR A ESMO)
Bang! Bang! Bang!

SEBASTIANA

Vá pra dentro, menino!

TUCA

Bang! Bang! Bang!

BETÂNIA

Este peste amanheceu doido hoje!

TUCA

Bang! Bang! Bang!

SEBASTIANA

Se aquiete! Pare com isso!

TUCA

Bang! Bang! Bang! (DESEMBESTA-SE EM DIREÇÃO À RUA. NESSA DESEMBALADA CARREIRA, POR UM TRIZ NÃO COLIDE COM PITANGA, QUE APARECE À PORTA).

PITANGA

(LIVRANDO-SE) Arre! Quase que era atropelado!

SEBASTIANA

(COM ALÍVIO) Pitanga! Bom dia!

PITANGA

Bom dia, minha gente! Desculpe aparecer tão cedo!

SEBASTIANA

(ANSIOSA) Entre, por favor!

BETÂNIA

(PITANGA ENTRA E SENTA-SE NUM TAMBORETE)

Sebastiana está muito aflita! Antônio Belo saiu de casa ontem à tarde e ainda não voltou!

PITANGA

(LEVE SORRISO) Ah!...

BETÂNIA

O pior é que, antes de sair, teve uma discussão dos diabos com o Coló!

SEBASTIANA

(TENSA) Precisamos procura-lo! Se ele e Coló se encontrarem, é possível que aconteça uma desgraça!

PITANGA

Pode ficar descansada, Dona Sebastiana! Antônio Belo passou a noite toda em minha companhia!

BETÂNIA

(COM AR DE MOFA) Eu não disse mana, que ele estava enchendo a cara?

PITANGA

(TOMANDO A DEFESA) Não, senhora, dona moça! Ninguém bebeu! Todos nós ficamos em sessão permanente, numa vigília cívica contra a poluição da lagoa! Antônio Belo chegou ao anoitecer de ontem e aderiu à nossa causa!

SEBASTIANA

(PERPLEXA) O que está dizendo é verdade mesmo?

PITÂNGA

Abraçou as ideias de Chico Porrada! Só queria que a senhora visse! Tornou-se um líder, pelo modo como convence e anima o pessoal!

BETÂNIA

(ATÔNITA) Isso é incrível!

PITANGA

Passei por aqui para avisar. Chamei Antônio Belo para tomar café comigo, mas não quis. Falou que somente deixaria a Colônia depois da passeata! Todo mundo está admirado com o seu marido, Dona Sebastiana! Nunca se pensou que ele fosse um homem tão disposto e de tanta coragem!

SEBASTIANA

(MAGOADA) É! Nunca ninguém pensou!

BETÂNIA

(CURIOSA) E o Chico Porrada?

PITANGA

Meia noite apareceu por lá! Deu uma porção de orientações e ficou feliz quando viu Antônio Belo!

BETÂNIA

Ele disse que passaria por aqui hoje de manhã!

PITANGA

Porrada trabalhou a noite toda! Primeiro no jornal; depois, na Colônia. Foi em casa para tomar banho, trocar de roupa e voltar! Temos de iniciar a passeata antes das dez horas.

SEBASTIANA

Antônio Belo não lhe disse nada?

PITANGA

Sobre o que?

SEBASTIANA

Sobre a confusão de ontem aqui em casa!

PITANGA

Não, senhora!

SEBASTIANA

Ele está diferente?

PITANGA

(SEM ENTENDER) Diferente?

BETÂNIA

Não está nervoso?

PITANGA

Pra ser franco, não notei nada!

BETÂNIA

O senhor é amigo de Antônio Belo desde muito tempo!
Deve ter observado nas atitudes dele!

PITANGA

(PREOCUPADO) Por acaso, existe algum problema sério que não estou sabendo? (TRANSIÇÃO) Acho que sei o que preocupa a senhora!

SEBASTIANA

O senhor sabe de alguma coisa?... (OS OLHARES DAS DUAS IRMÃS INSTITIVAMENTE SE ENCONTRAM).

PITANGA

É sobre o canalha do Coló!

SEBASTIANA

(DESCONVERSA) Estou assustada e preocupa com Antônio Belo! Por favor, não deixe que faça tolice!

PITANGA

Antônio Belo está tranquilo! Sabe muito bem o que está fazendo! Entendeu que a salvação da lagoa representa a redenção de milhares de famílias de pescadores! (SILÊNCIO DAS MULHERES) Bem, agora vou até a casa tomar um cafezinho e voltar para a luta!

SEBASTIANA

Antônio Belo me surpreendeu! Julguei que tivesse se importado mais com o que houve ontem!

BETÂNIA

Há pouco tempo você estava morrendo de medo que Antônio Belo tivesse ido procurar Coló para tomar vingança! Então aparece Pitanga, cheio de orgulho como se, de repente, o seu marido tivesse se transformado num herói. Eu, da minha parte, curti a notícia! Você, ao contrário, parece decepcionada!

SEBASTIANA

(IRRITADA) Porque botou na cabeça esse absurdo?

BETÂNIA

Sei lá! A sua expressão!

SEBASTIANA

Ora essa!

BETÂNIA

Sabe o que pensei agora? Que você talvez preferisse que Antônio Belo tivesse ido enfrentar Coló! Ou enchido a cara por aí, para depois voltar, conformado e bêbado como sempre!

SEBASTIANA

Está me ofendendo!

BETÂNIA

No primeiro caso, ele estaria lavando a honra ultrajada e dando a você valor que não tem! No segundo, confirmando a inutilidade que ele era e, com isso, diminuindo o sentimento de culpa da “esposa infiel”!

SEBASTIANA

Como está você! Metida a saber das coisas, depois que se juntou com esse tal de Chico Porrada!

BETÂNIA

Diferente do que você esperava, Antônio Belo é que deu a volta por cima e assumiu o papel de homem! Ele está sofrendo, mas não se importa! Reconheceu a culpa e chora em silêncio!

SEBASTIANA

(MAGOADA) Se ele tivesse agido como homem desde cedo, essa miséria não teria acontecido.

BETÂNIA

Brasileiro só se cuida depois de roubado!

SEBASTIANA

Você acredita que Antônio Belo volte pra casa?

BETÂNIA

Porque não? Não acusou nem espancou você! Um palavrão não disse!... Ficou somente olhando pra sua cara, assuntando, como se quisesse entrar na sua cabeça e adivinhar os seus pensamentos!

SEBASTIANA

Eu preferia que tivesse me matado!

BETÂNIA

Ele preferiu castigar você de outra maneira!

SEBASTIANA

(REMEMORANDO) Quando a gente era noivo lá em penedo, certo dia, só porque um dos rapazes olhou pra mim, Antônio Belo foi aos tapas com ele! Quase mata o coitado! Se não fosse o pessoal que estava por perto...

BETÂNIA

A gente nunca conhece as pessoas com quem vive! Por exemplo: nunca imaginaria que você fosse capaz de trair o Antônio Belo. Minha irmã, tão cheia de puritanismo, tão compenetrada da sua posição, no entanto, trepava com Coló nas barbas do marido! A coisa era tão bem feita que eu puta velha, nunca desconfiei!

SEBASTIANA

(FIRME) Quer parar com isso, quer?

BETÂNIA

E não trepava mesmo? (DESCONVERSANDO) Bem, agora que você já sabe onde anda Antônio Belo, vou tomar um banho e me ajeitar para ver o meu Porrada! (SAI).

SEBASTIANA

(JOGA-SE NUMA CADEIRA) O que será de mim, meu Deus!

TUCA

(REAPARECE PELA PORTA DA RUA, SEMPRE MONTADO EM SEU CAVALO INVISÍVEL) Bang! Bang! Bang! (GIRA EM VOLTA DE SEBASTIANA, NA SUA ALEGRIA DEMENTE. EM DADO INSTANTE PÁRA, AO NOTAR QUE SEBASTIANA CHORA. VAI ATÉ JUNTO DELA, APROXIMA-SE; DEIXA CAIR O SUPOSTO REVÓLVER E TOCA-A. REPENTINAMENTE, MORRE-LHE, NO ROSTO, A ALEGRIA) Mãe triste! Mãe triste!

SEBASTIANA

(AFAGA-O. TUCA AJOELHA-SE AOS PÉS DA MULHER) Sua mãe está arrasada! Morta de vergonha! Eu só queria que se abrisse um buraco no chão e a terra me engolisse! (TUCA OLHA SEBASTIANA, ATENTO, SEM, CONTUDO, COMPREENDE-LA. A TRISTEZA DA MULHER NELE SE REFLETE) Eu queria morrer!

TUCA

(SÉRIO) Morrer! (AFLITO) Morrer? (LEVEMENTE ABORRECIDO) Mãe triste! Pai ignorante! Pai ignorante!

SEBASTIANA

(CORRIGINDO) Não! Seu pai não é um ignorante! É um bom homem! (MAGOADA) Eu é que fui má e egoísta! Ele não merecia o que fiz!

TUCA

(APRENDENDO NOVA PALAVRA) Merecia! Merecia! Merecia!

SEBASTIANA

Escute! (O MENINO VOLTA A FICAR SÉRIO) Lembre-se sempre disso: Seu pai é um grande homem, ouviu? Um grande homem!

TUCA

(REPETINDO) Pai grande homem! (LÁ FORA BATEM PALMAS, DESPERTANDO A ATENÇÃO DOS DOIS).

CHICO PORRADA

(APARECENDO A PORTA) Bom dia!

SEBASTIANA

(RECOMPONDO-SE E INDO ATÉ A PORTA) Bom dia!
Queira entrar, “seu” Francisco!

CHICO PORRADA

(ENTRANDO) Obrigado! Betânia já está pronta?

SEBASTIANA

Esteja à vontade, que eu vou avisar a ela da sua chegada!
(ENCAMINHA-SE PARA SAIR QUANDO, NESSE INSTANTE,
ANTONIO BELO APARECE À PORTA).

ANTÔNIO BELO

(ENTRANDO) Não se toma café nessa casa?

SEBASTIANA

(VOLTA-SE COM VISIVEL ESPANTO) Antônio Belo?

TUCA

(QUE ESTAVA A UM CANTO OBSERVANDO, AO VER
ANTÔNIO BELO, DELE SE APROXIMA) Bang! Bang! Bang! Pai
grande homem! Pai grande homem!

ANTÔNIO BELO

(ACARICIANDO-LHE A CABEÇA) Vá dizer a sua tia que o senhor Porrada está esperando por ela!

TUCA

(SEMPRE CAVALGANDO) Tia, Tia, Tia! Porrada! Porrada! Porrada! (SAI).

SEBASTIANA

(OUSANDO ENCARAR ANTONIO BELO) Você está bem?

ANTÔNIO BELO

Muito bem!

SEBASTIANA

(UM POUCO MAIS ANIMADA) Vou buscar um cafezinho quente para vocês! (PARA CHICO PORRADA) Com licença seu Francisco! (SAI).

CHICO PORRADA

(DIRIGINDO-SE A ANTONIO BELO) O senhor me seguiu?

ANTÔNIO BELO

Tentei alcançar o senhor, mas não consegui!

CHICO PORRADA

Alguma novidade?

ANTÔNIO BELO

Está correndo um boato de que a polícia vai proibir a passeata! Isso tem desanimado muita gente!

CHICO PORRADA

Não acredito! É ano político e o governo não vai fazer uma imprudência dessa natureza!

ANTÔNIO BELO

O Governador está em Brasília, não está?

CHICO PORRADA

Viajou ontem!

ANTÔNIO BELO

Então, o Secretário de Segurança pode fazer o que quiser!

CHICO PORRADA

O Secretário tem responsabilidades! Segue a orientação do Governo.

ANTÔNIO BELO

E o senhor tem certeza de qual é a orientação do Governo neste caso?

CHICO PORRADA

Aconteça o que acontecer, nós não podemos recuar agora! Toda a imprensa no Estado está mobilizada para dar a máxima cobertura!

ANTÔNIO BELO

Quanto a mim, não abro da parada em momento nenhum! Mas temos de encorajar a turma, porque, quanto à maioria, não estou bem certo!

CHICO PORRADA

Tudo depende de liderança! Se demonstrarmos coragem, grande número nos seguirá até o fim! Notei que o pessoal vai muito pela sua palavra!

ANTÔNIO BELO

Não acha que, com o Governador estando fora do Estado, a passeata vai perder muito?

CHICO PORRADA

De qualquer forma ele tomará conhecimento! Essa passeata é apenas o início de um clamor geral que há de ser ouvido! De qualquer modo se a concentração pública de hoje nenhum resultado prático imediato trouxer, marcará, pelo menos, o começo de um protesto que em breve irá gerar frutos!

ANTÔNIO BELO

Certamente!

CHICO PORRADA

Já está na hora das populações começarem a exigir os seus direitos! Até hoje todas as decisões vêm de cima e essa prática tem de ser mudada!

ANTÔNIO BELO

A nossa arma é o protesto!

CHICO PORRADA

Conformismo e covardia só fazem aumentar a miséria!

ANTÔNIO BELO

O que anima a gente é a esperança de um futuro melhor!
O senhor já pensou, senhor Chico, que desgraça é uma vida sem
esperança e sem futuro!

SEBASTIANA

(APARECENDO. TRAZ NAS MÃOS DUAS XÍCARAS DE
CAFÉ. OFERECE, PRIMEIRAMENTE, A CHICO PORRADA) Seu
Francisco, tome um cafezinho!

CHICO PORRADA

(RECEBENDO) Obrigado!

SEBASTIANA

(DIRIGINDO-SE A ANTÔNIO BELO, HUMILDIMENTE)
Tome! Está quente como você gosta! (ANTÔNIO BELO RECEBE A
XICÁRA E ENCARA A MULHER, QUE ESTÁ PRESTES A CHORAR.
SEBASTIANA ESFORÇA-SE PARA NÃO DEMONSTRAR. NÃO
CONSEGUE IMPEDIR QUE ALGUMAS LÁGRIMAS LHES CORRAM
PELA FACE. DÁ AS COSTAS AO MARIDO E LIMPA O ROSTO

FURTIVAMENTE. FALA COM CHICO PORRADA) Avisei a Betânia!
Ela está se aprontando. Sai já!

CHICO PORRADA

É bom que não se demore! Não podemos atrasar!

SEBASTIANA

Vou lá dentro, apressa-la. (ENCAMINHA-SE PARA SAIR).

ANTÔNIO BELO

(CHAMANDO-A) Bastiana! (A MULHER PÁRA E SE VOLTA.
ANTÔNIO BELO APROXIMA-SE, TIRA O LENÇO DO BOLSO E
ENXUGA-LHE OS OLHOS) Você está com os olhos vermelhos!

SEBASTIANA

(JOGA-SE NOS BRAÇOS DO MARIDO) Eu tive tanto medo!
Pensei tanta coisa horrível!

ANTÔNIO BELO

(DELICADO) Vá lá dentro chamar Betânia, que o senhor
Francisco está com pressa! (SEBASTIANA SE RECOMPÕE E SAI).

CHICO PORRADA

Algum problema?

ANTÔNIO BELO

Nada não!

CHICO PORRADA

Se eu puder ajudar...

ANTÔNIO BELO

Nunca participei desses movimentos, o senhor compreende?... Passei a noite fora e não avisei! Ela imaginou que tivesse acontecido alguma coisa!

CHICO PORRADA

Eu entendo!

BETÂNIA

(FALANDO DE DENTRO DA CASA) Já vou, mulher! Já vou!
(APARECENDO EM CENA) Meu Porrada! (CORRE PARA ELE.
AMBOS SE ABRAÇAM E SE BEIJAM. VIRANDO-SE PARA ANTÔNIO
BELO) Meu cunhado, hoje é o primeiro dia que eu tenho
realmente satisfação em ver você!

ANTÔNIO BELO

Ainda bem!

BETÂNIA

Vamos embora, querido! (PUXANDO CHICO PORRADA).
Vamos na frente! Antônio Belo deve querer conversar alguma
coisa com a mulher. Ele pega a gente no caminho!

CHICO PORRADA

Está bem! (VAI SAINDO).

ANTÔNIO BELO

(IMPEDINDO) Espere aí!

BETÂNIA

(EMPURRANDO ANTONIO BELO) Você vai ficar um
pouco! (PARA O NAMORADO) Vamos embora, Chico!

CHICO PORRADA

(PARA ANTONIO BELO) Não se demore!

ANTÔNIO BELO

(ESTÁ INDECISO. NÃO SABE SE VAI; NÃO SABE SE FICA.
ENCAMINHA-SE ATÉ A PORTA. VOLTA-SE. SEBASTIANA APARECE
NA SALA. ANTONIO BELO APROXIMA-SE DA MESA E SENTA-SE
NUM TAMBORETE) Eles foram na frente!

SEBASTIANA

(FELIZ) Você ficou! Não vai me deixar, não é?

ANTÔNIO BELO

Não!

SEBASTIANA

(EMOCIONADA) Quer dizer que me perdoou?

ANTÔNIO BELO

Perdoei!

SEBASTIANA

(QUERENDO CHORAR) Não sei o que dizer!

ANTÔNIO BELO

Vamos colocar uma pedra em cima do que passou, sem mágoa e sem remorsos!

SEBASTIANA

Eu tinha tanta coisa pra lhe dizer!

ANTÔNIO BELO

Não precisa!

SEBASTIANA

Você vai continuar gostando de mim?

ANTÔNIO BELO

Nada mudou quanto ao meu sentimento!

SEBASTIANA

Verdade, mesmo?

ANTÔNIO BELO

Já passou, não falei? A partir de agora, as coisas vão ser diferentes! Antônio Belo que estava morto em vida vai começar a viver!

SEBASTIANA

O que é que vai mudar?

ANTÔNIO BELO

Assumi, perante mim mesmo, um compromisso! Eu vou

ser alguém, Bastiana! Alguém estimado, respeitado, de quem todos os companheiros irão sentir orgulho!

SEBASTIANA

Você fala de maneira estranha!

ANTÔNIO BELO

É verdade!

SEBASTIANA

(AFLITA) O que está querendo dizer?

ANTÔNIO BELO

Algum tempo atrás, eu queria receber a indenização do barraco para poder morar em Coqueiro Seco, numa palhoça à beira da lagoa! Pensava em comprar uma canoa e viver descansando.

SEBASTIANA

Não pensa mais nisso?

ANTÔNIO BELO

Não!

SEBASTIANA

(SÚPLICE) Ia ser tão bom!

ANTÔNIO BELO

(RISO AMARGO) De ontem pra cá fiquei muito ambicioso! Aquele sonho que eu alimentava parece um grão de areia!

SEBASTIANA

Antônio Belo, caía na realidade!

ANTÔNIO BELO

(SÉRIO) É a realidade, Bastiana! Comece a se acostumar com ela! Ontem eu queria somente uma canoa e uma palhoça em Coqueiro Seco! Hoje quero a terra, o mar, o céu... E a lagoa Mundaú! (BEIJA A TESTA DA ESPOSA) Se cuide! (SAI).

SEBASTIANA

Antônio Belo! (CORRE ATÉ A PORTA. VOLTA-SE. A MULHER ESTÁ ATURDIDA. ANDA VAGAROSAMENTE NA DIREÇÃO DA MESA, APOIA OS DOIS BRAÇOS NELA E FICA SILENCIOSA E PENSATIVA).

TUCA

(ENTRA EM CENA, VINDO DO INTERIOR DA CASA) Bang!
Bang! Bang! (PARA DIANTE DE SEBASTIANA E APONTA-LHE O
REVÓLVER INVISIVEL) Bang! Bang! Bang!

SEBASTIANA

(DESESPERADA) Quer parar com isso? (TUCA DEIXA CAIR
LENTAMENTE O BRAÇO E SUA EXPRESSÃO SE TRANSMUDA).

TUCA

(ENIGMÁTICO) Mãe triste! Pai grande homem! Pai
grande homem? Mãe triste?

SEBASTIANA

(SENTA-SE NO BANCO. ESTÁ QUASE A CHORAR) Sim! Pai
grande homem! Mãe muito triste!

TUCA

(TRISTE) Mãe muito triste!

SEBASTIANA

Se pelo menos você pudesse entender! (ALISA-LHE OS

CABELOS) Mas não entende. A maluquice não deixa! (TUCA ABAIXA-SE. SENTA-SE AOS PÉS DE SEBASTIANA).

TUCA

(PREOCUPADO) Mãe muito triste!

SEBASTIANA

Sua mãe poderia estar alegre... Feliz! (PAUSA) Por alguns instantes pensei que Antônio Belo tivesse voltado! Mas não voltou! Nem voltará! Nunca me senti assim na minha vida, com essa angustia tão grande dentro do meu peito!

PITANGA

(APARECENDO À PORTA) Ó de casa! Dê licença!
(SEBASTIANA LEVANTA-SE).

SEBASTIANA

(ENCAMINHANDO-SE ATÉ A PORTA) Pitanga, entre, por favor!

PITANGA

(ENTRANDO) Obrigado!

SEBASTIANA

(ANSIOSA) Não foi a passeata? Antônio Belo e Chico
Porrada saíram quase agora!

PITANGA

Não diga!

SEBASTIANA

Não faz cinco minutos! (TUCA CORRE EM DIREÇÃO A
PORTA DA RUA E SAI).

PITANGA

Vim pra lhe dizer uma coisa, mas não sei se devo!

SEBASTIANA

Porque não?

PITANGA

A senhora está nervosa! É colocar mais preocupação na
sua cabeça!

SEBASTIANA

Você vai me deixar mais nervosa se não contar! Vou
imaginar uma porção de coisas!

PITANGA

Promete receber a notícia com calma?

SEBASTIANA

(TENSA) Prometo!

PITANGA

(DE CHOFRE) É sobre a indenização do barraco!

SEBASTIANA

Que tem a indenização?

PITANGA

Saiu!

SEBASTIANA

Saiu o que?

PITANGA

A indenização!

SEBASTIANA

(ALEGRE) A indenização foi aprovada? Quer dizer que o Prefeito vai pagar a Antônio Belo? Quanto?

PITANGA

Dois milhões!

SEBASTIANA

(RADIANTE) Meu Deus! Quando vai pagar?

PITANGA

Já pagou!

SEBASTIANA

(ASSUSTADA) Quer dizer que o Coló recebeu o dinheiro?

PITANGA

Ontem à tarde, na Prefeitura!

SEBASTIANA

(PERPLEXA) E agora, como vai ser?

PITANGA

Desconfio que vai dar trabalho para vocês recuperarem o dinheiro!

SEBASTIANA

(INDIGNADA) Mas o dinheiro é nosso! É o pagamento do barraco! Ele tem de devolver! Não pode se apoderar do que não é dele!

PITANGA

Não fique aflita! A gente compra essa briga!

SEBASTIANA

Será possível que o Coló queira ficar com um dinheiro que é nosso?

PITANGA

Eu quase que sabia disso! Tirei a limpo hoje pela manhã. Zequinha da Beta estava no boteco tomando cachaça! Pegara o dinheiro da indenização e comemorava com uns amigos, aí, eu

cheguei, justamente quando mencionava o nome de Antônio Belo!

SEBASTIANA

Falava o que?

PITANGA

Ele assistiu quando o tesoureiro fez o pagamento ao Coló, na condição de procurador de Antônio Belo!

SEBASTIANA

(DESOLADA) Antônio Belo passou uma procuração pra ele!

PITANGA

Desconfiei que seu marido não tinha conhecimento do assunto! Passamos a noite juntos e ele não me falou nada! Também, não puxei conversa. Resolvi ir à prefeitura, tirar a limpo! Estou chegando agora de lá!

SEBASTIANA

Tudo verdade?

PITANGA

Verdade!

SEBASTIANA

Estou pensando como Antônio Belo vai receber essa notícia!

PITANGA

Fique tranquila, que eu vou me aconselhar com Chico Porrada! (DESPEDINDO-SE) Até logo, Dona Sebastiana! (VAI SAIR QUANDO BETANIA IRROMPE NA SALA, AGITADA).

BETÂNIA

Puxa vida! A coisa está feia!

SEBASTIANA

(ASSUSTADA) Que foi que houve mulher?

BETÂNIA

A polícia chegou! (CANSADA) Está havendo cacete! Briga pra valer!

SEBASTIANA

Meu Deus!

PITANGA

Não é possível!

BETÂNIA

(SENTANDO-SE) Ai, meu Deus! Eu nunca tinha visto essas coisas!

SEBASTIANA

(GRITANDO) Fale logo!

BETÂNIA

Porrada quando viu a polícia chegar, subiu na carroceria de um caminhão e começou a fazer discurso! A polícia quis tirá-lo de lá! Foi aí que a confusão começou! Os pescadores entraram na briga juntamente com Antônio Belo!

PITANGA

Vou até lá! Eles estão precisando de mim! (SAI ÀS PRESSAS).

SEBASTIANA

(CORRE ATÉ A PORTA. VOLTA-SE PARA BETÂNIA) Eu sabia que esse negócio não ia acabar bem!

BETÂNIA

(INDIGNADA) Era uma manifestação pacífica! Ninguém estava desacatando a autoridade!

SEBASTIANA

O que é que vocês estavam fazendo, ora essa? Pobre enxerido tem que se meter a reclamar do governo?

BETÂNIA

(AFOBANDO-SE) É por causa dessa covardia, que gente como você é cada vez mais miserável! A pessoa tem de lutar pelos seus direitos! Tem que defender o que é sagrado para todos! E lutar pela Lagoa Mundaú é uma coisa sagrada! Não é apenas uma luta dos pescadores, do Antônio Belo ou do Chico Porrada! É minha, é sua! De todos os alagoanos que tem vergonha na cara, respeito humano e amor pela nossa terra!

SEBASTIANA

(ATÔNITA) E Antônio Belo que não vem! (CORRE À PORTA) Se ao menos eu soubesse o que está acontecendo!

BETÂNIA

(FRIA) Briga! Confusão! Por essas horas devem ter ido presos mais de vinte, inclusive seu marido e o meu homem!

SEBASTIANA

(AFLITA) E você fala com a maior tranquilidade do mundo!

BETÂNIA

E porque não? Eles estão lutando por um ideal! Ser preso por causa disso é uma honra!

SEBASTIANA

(IRRITADA) Honra! Está ficando doida!

BETÂNIA

(REPLICANDO) Para você, que é uma pessoa vazia!

SEBASTIANA

Se não se incomoda com seu Porrada, o problema é seu!
Ao menos, respeite a minha preocupação com o meu marido!

BETÂNIA

Olhe quem fala! Pois, para o seu governo, estou preocupada, sim! E muito! Mas, primeiro a obrigação, depois a devoção! Chico Porrada e Antônio Belo estão certos! Mesmo que isso custe prisão, pancadaria e até mesmo morte!

SEBASTIANA

(FORTE) Bate na boca! Deixe de agouro!

BETÂNIA

E porque não? Até mesmo morrer se for o caso! Vale a pena! Para que a Lagoa Mundaú seja salva!

SEBASTIANA

Você está com a cabeça cheia de maluquice daquele jornalista!

BETÂNIA

Nós também somos gente, minha irmã! E nem você, nem eu, enxergávamos isso! Foi preciso que aparecesse um Chico Porrada nesta casa! Um Chico Porrada que, de repente, transformou uma carcaça inútil, corneada, desmoralizada como Antônio Belo, num líder consciente, numa pessoa digna de respeito, num homem de verdade!

PITANGA

(APARECE. ESTÁ PÁLIDO. TRANSIDO) Dona Sebastiana...
Me disseram ali na esquina...

SEBASTIANA

(AS MULHERES CORREM PARA ELE) Que foi que aconteceu? Você está pálido!

PITANGA

Uma desgraça!

SEBASTIANA

(DESESPERADA) Fale pelo amor de Deus!

PITANGA

Antônio Belo...

BETÂNIA

(AFLITA) Que houve com ele?

PITANGA

Mataram Antônio Belo!

SEBASTIANA

(LOUCA) Meu marido! Quero ver o meu marido! (SAI PORTA A FORA, NA DIREÇÃO DA RUA).

PITANGA

(PARA SEBASTIANA) Espere! Vou com a senhora! (SAI APRESSADO).

BETÂNIA

(SOZINHA, DE PÉ, TRANSMUDADA, DE COSTAS PARA O PÚBLICO. OLHA NA DIREÇÃO DA PORTA. TUCA ENTRA EM CENA ESTÁ CALADO, ANDAR LENTO, OLHAR GRAVE COMO SE BUSCASSE EXPLICAÇÕES. PARECE ENTENDER O MOMENTO) Antônio Belo morto! Isso parece pesadelo!

TUCA

(ENCARANDO A MULHER) Pai grande homem... Morto...

BETÂNIA

(VIRA-SE ABRAÇANDO, EM PRANTOS, O DEBIL MENTAL)
Morreu, Tuca... Morreu!

TUCA

Pai grande homem morreu! Mãe triste! Tia triste!

BETÂNIA

(DÚVIDA) Se Antônio Belo estiver morto... Se for verdadeira a notícia... Será que valeu mesmo a pena? Será que a lagoa vai deixar de ser poluída por causa disso? (TRANSIÇÃO) Antônio Belo poderia estar vivo, descansando naquela rede, sem fazer nada, sem nada exigir da vida! (REFLETINDO) Mas não seria isso outro tipo de morte? Não sei por que estou chorando! Eu tenho consciência, não tenho? As pessoas conscientes não devem chorar!

COLÓ

(APARECENDO À PORTA) Antônio Belo está morto...

BETÂNIA

(VOLTA-SE ASSUSTADA) Que é que você está fazendo aqui?

COLÓ

(TRAZ ÀS MÃOS, UMA BOLSA-CAPANGA, DENTRO DA QUAL GUARDA O REVÓLVER) Vim dar a notícia! Achei que devia!

BETÂNIA

Pitanga já comunicou!

COLÓ

O corpo foi levado para o “Estácio de Lima”! O seu comunista, que foi culpado de tudo, está agora no DOPS, tomando uma boa lição!

BETÂNIA

E você? Porque é que veio? Pra ver a aflição da gente? Pra se divertir com o nosso desespero?

COLÓ

Vocês não estavam tão arrogantes? Olhe no que deu! Eu aconselhei que não se metessem com aquele sujeito, não foi?

BETÂNIA

(FORTE) Desapareça daqui!

COLÓ

Eu vim como amigo! Esqueci o que houve e quero ajudar!

BETÂNIA

Ajudar?

TUCA

(QUE ESTAVA PARADO A UM CANTO, COMEÇA A SALTAR EM SEU CAVALO INVISÍVEL. NO ROSTO HÁ UMA EXPRESSÃO DE ÓDIO. CIRCULA, INSISTENTEMENTE, O POLICIAL, ATIRANDO)
Bang! Bang! Bang!

COLÓ

(PARA BETÂNIA) Tire esse doido daqui!

TUCA

Bang! Bang! Bang!

BETÂNIA

(PARA TUCA) Pare com isso! (TUCA SE AFASTA E FICA OBSERVANDO, DESCONFIADO) Você estava lá, não estava?

COLÓ

É claro que sim!

BETÂNIA

(FUZILANTE) Então você sabe!

COLÓ

Sabe o que?

BETANIA

Quem atirou nele!

COLÓ

(TOMANDO POSIÇÃO) Antônio Belo provocou a polícia!

BETÂNIA

Nenhum pescador estava armado! Era um movimento pacífico!

COLÓ

O secretário proibiu a passeata! A intenção era boa, mas havia infiltração comunista! Isso não poderia ser tolerado pelas autoridades! Fomos manter a ordem!

BETÂNIA

Infiltração comunista! É muito fácil para vocês, calarem as angustias do povo com a violência! Basta utilizar uma dessas duas fórmulas mágicas: Manter a ordem e combater a infiltração comunista!

COLÓ

Continua sendo arrogante! Pensei que tivesse quebrado o seu orgulho! Podia até prender você também! Estava no meio da agitação, não estava? Mas não prendo, por consideração ao finado Antônio Belo que não era totalmente mau!

BETÂNIA

(ESCANDALIZADA) Totalmente mau? (ENCARA-O FIRMEMENTE) Quem sabe se não foi você mesmo quem matou Antônio Belo? (DESCONTROLADA) Pra ficar com a mulher dele? Ficar comigo? Ou com o dinheiro do barraco? (GRITA) Foi você, não foi?

COLÓ

(TUCA APROXIMA-SE ALGUNS PASSOS. COLÓ FICA EMBARAÇADO) Ora essa!

BETÂNIA

Quem, se prestaria a fazer um serviço desse? Só você tinha motivos! E você estava lá, no meio da polícia, batendo nos pescadores! Pra que melhor oportunidade?

COLÓ

(EMBARAÇADO) Se esquece que eu sou policial! Estava cumprindo ordens!

BETÂNIA

(INSISTINDO) Não sei por que me passou pela cabeça! Nenhum policial decente iria atirar num pescador desarmado! Só alguém que tivesse uma razão!

TUCA

(APROXIMA-SE DO POLICIAL) Bang! Bang! Bang! Você matou pai grande homem! Bang! Bang! Bang!

COLÓ

(APREENSIVO) Tire esse maluco daqui! (TUCA AVANÇA E RÁPIDO COMO UM RAIÓ ARRANCA A BOLSA DAS MÃOS DE COLÓ).

BETÂNIA

Venha cá menino!

COLÓ

(PERSEGUE O MALUCO) Devolva isso aqui! (TUCA CORRE, DRIBLANDO O POLICIAL).

TUCA

Bang! Bang! Bang! Você matou pai grande homem! Bang! Bang! Bang!

COLÓ

Devolva a minha capanga! (TUCA ABRE A BOLSA. O REVÓLVER APARECE, SEGURA A RMA E SOLTA A CAPANGA. APONTA O REVÓLVER PARA COLÓ) Dê-me isso aqui... (TUCA PRECIPITA-SE PELA PORTA QUE LEVA AO EXTERIOR DA CASA, COLÓ SAI EM PERSEGUIÇÃO) Venha cá, doido filho da puta!

(BETANIA FICA SOZINHA NA CENA. DE FORA, ECOAM DOIS ESTAMPIDOS REAIS).

BETÂNIA

(LEVA AS MÃOS AO ROSTO) Meu Deus! (CORRE ATÉ A PORTA. ATERRORIZADA. RECUA, GRITA AFLITA) Tuca! Tuca! (AS LUZES SE APAGAM COMPLETAMENTE. QUANDO A CENA SE ILUMINA, VEEM-SE NO PALCO, SEBASTIANA E PITANGA. SEBASTIANA ESTÁ DE PRETO; O HOMEM DE PÉ! A UM CANTO DA SALA, USA PALETÓ AMARROTADO E GRAVATA, LÊ UM JORNAL, ENQUANTO SEBASTIANA FOLHEIA A BÍBLIA).

PITANGA

O jornal quase não fala da morte de Coló! Uma notinha, apenas!

SEBASTIANA

Foi castigo de Deus! Ele escreveu certo, por linhas tortas!

PITANGA

É verdade!

SEBASTIANA

Só lamento que o destino tenha escolhido o meu maluquinho para cumprir a sua justiça!

PITANGA

Nosso senhor sabe o que faz! Tuca está no asilo e, lá é bem tratado! Pode até ficar bom um dia!

SEBASTIANA

Ele matou um homem! Isso vai perseguir o meu menino a vida inteira!

PITANGA

Tuca, na inocência dele, vingou a morte do pai! (PARA SEBASTIANA) O jornal está contando tudo!

SEBASTIANA

Agora, nada mais importa!

PITANGA

É sobre a passeata! Tem um pronunciamento do Governador! (SEBASTIANA APROXIMA-SE DE PITANGA) Veja só o que diz o homem! “O governador de Alagoas, entrevistado pela

imprensa carioca a propósito dos lamentáveis incidentes que envolveram a polícia e vários pescadores, culminando com a morte de um dos líderes” ...

SEBASTIANA

...Um dos líderes...

PITANGA

(INTERROMPENDO A LEITURA) Antônio Belo foi realmente um grande líder! Escute!...”O Governador declarou à imprensa que não autorizou a repressão policial”! Disse, ainda, que ordenará ser instaurado rigoroso inquérito para apurar as responsabilidades das violências de ontem em Maceió! Alegou serem legítimas as reivindicações dos pescadores contra a poluição da Lagoa Mundaú, determinando uma reunião extraordinária da comissão estadual de defesa do meio-ambiente, com a participação dos representantes das Colônias de pescadores. Sua excelência prometeu presidir pessoalmente a reunião. Se isso se confirmar, será a primeira vez, desde que foi criada a Comissão de Defesa do Meio-Ambiente, que um governador dele participa em pessoa! (PITANGA BAIXA O JORNAL E ENCARA SEBASTIANA) Está entendendo dona Sebastiana?

SEBASTIANA

Sei não!

PITANGA

Isso quer dizer que o nosso movimento começou a surtir efeito!

SEBASTIANA

Surtir efeito?

PITANGA

Que não foi um sacrificio em vão! Que a morte de Antônio Belo apressou os acontecimentos!

SEBASTIANA

(DESLIGADA) A morte de Antônio Belo!

PITANGA

Antônio Belo agora é um herói! A lagoa Mundaú já tem o seu mártir! (BETANIA SURGE A PORTA QUE LEVA AO INTERIOR DA CASA. TEM UM CHALE PRETO E VESTE UMA ROUPA SÓBRIA).

BETÂNIA

Chico de Assis ainda não chegou?

PITANGA

Não deve tardar! Está quase na hora. (COM ENTUSIASMO) As Colônias estão organizando a maior concentração de pescadores já vista em Alagoas! O enterro de Antônio Belo terá um grande sentido de protesto!

SEBASTIANA

Eu preferia que fosse um enterro simples, sem essa movimentação toda! Antônio Belo precisa de paz!

BETÂNIA

(INTERFERINDO) Não, minha irmã! Ninguém agora vai segurar o Antônio Belo! Se ele não foi ninguém, enquanto vivo, depois de morto tornou-se importante!

SEBASTIANA

Consegui morrer e destruir a família! (LAMENTO) O que é que vou fazer da minha vida, agora?

BETÂNIA

(CRUEL) A família já estava podre quando ele morreu! Foi você a causadora, não está lembrada? Quanto a sua sobrevivência, minha irmã, você ainda tem idade para trabalhar, ou assumir o meu lugar na minha antiga profissão!

PITANGA

(INTERVINDO) Bem, minha gente... Sei que está todo mundo nervoso! Mas vamos ter calma!

SEBASTIANA

Em pouco tempo a SUMOV virá derrubar o barraco! A prefeitura pagou e tem direito! E quanto a gente? Pra onde a gente vai?

PITANGA

Meu barraco não é grande coisa, mas vocês podem ficar lá! Pelo menos enquanto as coisas se arranjam! Tenho certeza que a Colônia vai ajudar a senhora!

SEBASTIANA

Os pescadores estão passando fome! Como vão poder me ajudar?

PITANGA

A união faz a força! A senhora não sabe?

BETÂNIA

(OLHANDO PARA BAIXO DA MESA E DESCOBRINDO A
CAPANGA DE COLÓ) Que é isso?

SEBASTIANA

(CURIOSA) É sua Pitanga?

PITANGA

Não!

BETÂNIA

(LEMBRANDO-SE) É a bolsa do Coló!

SEBASTIANA

(CHEIA DE HORROR) Jogue isso no inferno!

BETÂNIA

(ENCAMINHA-SE PARA SAIR) Vou botar no lixo!
(ARREPENDE-SE, RETORNA A MESA) Vamos examinar o que tem!

SEBASTIANA

(NUMA CRISE DE NERVOS) Jogue isso fora! Tire essa coisa de dentro de casa!

BETÂNIA

(DESPEJA FRIAMENTE, SOBRE A MESA, O CONTEUDO DA BOLSA) Documentos, cigarros, dinheiro!... (IRONICAMENTE CONTANDO) Mil e seiscentos cruzeiros! (PEGA A CADERNETA. AO ABRI-LA, CAI, SOBRE A MESA, UM CHEQUE, SUA EXPRESSÃO SE TRANSMUDA) Pague-se a quantia de dois milhões de cruzeiros a Antônio Belo da Silva... Ou a sua ordem... (PERPLEXA) Deus do céu!

PITANGA

(EXPLOSIVO) É o cheque da indenização!

BETÂNIA

(SEUS OLHOS ENCHEM-SE DE LÁGRIMAS) Quer dizer que Coló ainda não tinha ido ao Banco receber o dinheiro! O dinheiro do barraco! Está em nossas mãos! (RI) É engraçado! O destino pensou em tudo!... Parece até que não passou de brincadeira de Antônio Belo! (GRITA PARA SEBASTIANA) Tome porra! O seu dinheiro! Você não estava preocupada com isso!

SEBASTIANA

(RECEBE, TREMULA, O CHEQUE) Por que Antônio Belo não está aqui? Ele esperou tanto por essa indenização! (CHORA) Ah, meu Deus, como eu, queria que o meu marido voltasse! Sem essa de herói! De mártir!... Preguiçoso, mesmo! Tomando a sua cachaça e levando a vidinha que sempre sonhou!

PITANGA

(AFLITO) Por favor, Dona Sebastiana, se controle!

BETÂNIA

Não desmereça a figura do seu marido! Ele pagou com a vida a posição que conquistou! Respeite, pelo menos, a única coisa importante que ele fez!

SEBASTIANA

Eu não me casei com um herói. Preciso guardar de Antônio Belo a lembrança daquele pescador cheio de vida, que conheci em Penedo!

CHICO PORRADA

(APARECE EM CENA. TEM UM BRAÇO NA TIPÓIA E UMA PARTE DA CABEÇA ENFAIXADA. USA UMA BENGALA NA MÃO

DIREITA) Desculpem o atraso!

BETÂNIA

(CHEIA DE CUIDADOS) Entre, Chico! Você está melhor, não está?

CHICO PORRADA

(APROXIMANDO-SE) Estou bem, não se preocupe!

PITANGA

Já tem muita gente reunida?

CHICO PORRADA

(SÉRIO) A concentração de hoje vai ficar na história! Esperamos contar com mais de vinte mil pessoas no cemitério! Estão programados discursos e homenagens. Até o momento, temos confirmados as presenças de dois senadores, dois deputados do sul do País e repórteres dos mais importantes jornais brasileiros! Conseguimos sensibilizar o Estado e o Brasil! Haveremos de salvar a Lagoa Mundaú da omissão criminosa, mas a luta agora é que está começando! Mundaú é apenas o início de uma grande cruzada nacional em defesa da ecologia! Haveremos de frear a sanha devastadora dos assassinos dos rios

Paraíba, Paraibuna, Tietê, Jaboatão, das nossas lagoas e de tantos outros mananciais pelo Brasil à fora! A luta está apenas começando, meu amigo! Mas nós chegaremos lá! Nem que para isso, outros Antônios Belos tenham de sucumbir! Nós chegaremos lá, esteja certo!

PITANGA

(EMOCIONADO) Vamos! Já está na hora do enterro sair!
(TODOS VÃO RETIRAR-SE. A MÚSICA TEMA IRROMPE. A CORTINA FECHA).

SOBRE O AUTOR



Pedro Onofre de Araújo (27/06/1935 - 04/07/2018), escritor, jornalista, dramaturgo, advogado e administrador cultural, possui uma extensa folha de serviços prestados à cultura nas mais diferentes linguagens artísticas. Por sua trajetória e contribuição à cultura em Alagoas, entre

outras honrarias, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Alagoas (2012); recebeu da Câmara de Vereadores de Maceió, a Comenda Graciliano Ramos (2000); do Governo do Estado de Alagoas, a Comenda Jorge de Lima (2005) e a Insígnia Cavaleiro da Ordem do Mérito dos Palmeares (2014) e, ainda, da Prefeitura de Arapiraca, a Comenda Jornalista Esperidião Rodrigues de Gouveia.

Fundou (1958) e foi o primeiro Presidente do Centro de Estudos Cinematográficos de Alagoas. Participou da criação e foi o primeiro presidente dos Sindicatos dos Radialistas de Alagoas. Primeiro presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado de Alagoas - SATED/AL (1980). Criou o Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo – IECPS (1985). Presidiu a Fundação Teatro Deodoro (1986/87), indicado por eleição direta dos artistas e servidores daquela instituição.

No campo da gestão e planejamento cultural, entre outras realizações, organizou o Museu da Imagem e do Som de Alagoas (1982), contribuiu decisivamente, com Noaldo Dantas, na organização da Secretaria Estadual de Cultura, onde coordenou o processo de elaboração e redação final do primeiro Plano Estadual de Cultura (1984), “considerado pelo então ministro Aloísio Pimenta, o melhor do país” (Jornal Espaço – nº 65, 06 a 12/05/1995, p. 09).

Com mais de seis décadas de vida dedicadas à produção teatral e à gestão cultural, Pedro Onofre tem uma vasta obra que extrapola esse gênero literário e ultrapassa essa linguagem artística.

São cerca de trinta textos dramaturgicos para o teatro, destes, quinze foram publicados em cinco volumes da “Coleção Teatro de Pedro Onofre”. O autor publicou, ainda, quatro romances, cinco livros de poesias — incluindo uma antologia, “Poesias Completas” —, dois ensaios, crônicas, roteiros para cinema e artigos diversos, além de inúmeras composições musicais, algumas inseridas como trilhas sonoras em seus filmes e peças.

Atuou em duas dezenas de peças e dirigiu outras vinte e nove montagens teatrais. No Cinema, dirigiu mais de uma dezena de obras cinematográficas, dentre as quais quatro longas metragens: “Nas Trevas da Obsessão” (RJ, 1969/70 - Película P/B), “Homens e feras” (Maceió, 1995); “O Suicídio” (Maceió, 2007) e “Terra Maldita” (Maceió, 2009). Somam-se a sua produção no audiovisual, a direção e roteiro de curtas, e ainda, roteiro e direção de vários teledramas na extinta TV Jornal do Comércio (1965/66).

“Pedro Onofre é considerado um dos dramaturgos mais produtivos do Nordeste [...] sua obra reflete sua preocupação com a realidade social do país e de sua época” (Gazeta de Alagoas de 7 de fevereiro de 1998, p. B-7 - Serviço).

OBRAS DO MESMO AUTOR

DRAMATURGIA

TEATRO 1 (*Homens e Feras, Terra Maldita e Mundaú, Lagoa assassinada*). Maceió, 1987.

TEATRO 2 (*Complexos, Vendaval no Paraíso, Lua de Sangue Sobre o Vale*). Maceió, 1997.

TEATRO 3 (*O Suicídio, Tempestade em Céu Azul, Beco das Almas Perdidas*). Maceió, 2000.

TEATRO 4 (*Bebgor, Nemesis*). Maceió, 2017.

TEATRO 5 (*E na Lua, como Será?, O Galo de Três Pernas*). Maceió, 2023.

POESIA

TURBILHÃO. Maceió, 1964.

A CANÇÃO DO LUAR IMPOSSÍVEL. Recife, 1970.

CÂNTICOS DA MINHA TERRA. Maceió, 1983.

POEMAS DE OUTONO. Maceió, 1983.

À SOMBRA DAS ARAPIRACAS. Maceió, 1983.

A HISTÓRIA DE NOÉ (Poema teatralizado em 3 atos). Maceió, 1987.

CALABAR - UM POEMA. Maceió, 2007.

POESIAS COMPLETAS, Maceió, 2011.

ROMANCE

A RESSURREIÇÃO DA HYDRA. Maceió, 1999. Prêmio Graciliano Ramos, pela Academia Alagoana de Letras, 1999.

FRAGMENTOS DE UMA VIDA (Romance memorialista). Maceió, 2017.

INVERNO EM SOLO ARDENTE. Maceió, 2015.

A HORA DA VINGANÇA – A SAGA DOS IRMÃOS MORAES. Maceió, 2013.

OUTROS GÊNEROS

CONTRIBUIÇÕES PARA UMA POLÍTICA CULTURAL (Palestras, discursos, projetos). Maceió, 2002.